

BLUMENAU

em Cadernos



BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura

Vilarino Wolff



Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História - edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"

ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC

Fone/fax: (47) 326-6990

E-Mail: *funculbl@terra.com.br*

CAPA

Lembranças da Banca Miro

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Ivo Marcos Theis (Presidente)

Annemarie Fouquet Schünke,

Cezar Zillig, Cristina Ferreira,

Méri Frotscher

Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO

Marilu Antunes

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

Apresentação 007

Documentos originais - Artigos

Ich suche Land in Südbrasilien

Procuro terras no Sul do Brasil

Felix Moeschlin 009

Artigos

Integração e a Agricultura Familiar no Município de Quilombo, SC

Noeli Pertile 036

Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau - 1907-2002

Brigitte Fouquet Rosenbrock 047

Pesquisas & Pesquisadores

Viagens ao passado sobre uma pesquisa em vários arquivos na Alemanha

Sabine Kiefer 053

Entrevista

História de Vida - Frederico Dix

Jader Rene Cipriani 069

Biografia

Altamiro Romão de Oliveira

Altamiro de Oliveira Filho 086

A inteligência empreendedora de Ernst Kieckbusch
Secos & Molhados
Rafael Ernesto Kieckbusch093

Memórias

Velhas calçadas e os nostálgicos locais da Quinze
Alberto Plínio Baumgarten 103

Ferraria

Edgar Kielwagen 106

Crônicas do Cotidiano

Sesquicentenário da Independência
Urda Alice Klueger 108

Burocracia & Governo

Documentos da Colônia Blumenau 110

Autores Catarinenses

Ditos e Versos / Resgate Literário / Um Belo Livro
Enéas Athanázio 119

Apresentação

Esperamos que os leitores de Blumenau em Cadernos sintam-se recompensados pela oportunidade de acessar aos textos que discorrem sobre História e Cultura, Identidade Coletiva, Biografias, Colonização, Memórias, Literatura Catarinense e demais questões voltadas à História do Vale do Itajaí e Santa Catarina.

Com a transcrição e tradução dos artigos em língua alemã que estão publicados na coluna bilíngüe *Documentos Originais*, temos a grata participação da tradutora da revista Annemarie Fouquet Schünke e do Sr. Curt Hoeltgebaum, os quais traduziram o texto "*Procuro terras no Sul do Brasil: vivências e acontecimentos de uma viagem de estudo*". A obra foi editada na Alemanha no ano de 1936. Na realidade o livro é resultado do estudo investigatório feito pelo austríaco Felix Moeschlin. O autor estava interessado em adquirir terras no Sul do País. A grande novidade daquele tempo era o dirigível Graff Zeppelin, que no ano de 1935 o trouxe a bordo. O desembarque deu-se no Rio de Janeiro, onde, após curta permanência, percorreu os estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Nas suas andanças pelas terras do Sul visitou áreas de colonização sobre as quais descreveu com as lentes de um estrangeiro. Narra com certa fantasia as vivências, realidades e comportamentos de um Brasil rural daquele momento. Esteve na capital catarinense e sobre a mesma relatou suas impressões nem sempre agradáveis para o cidadão florianopolitano. No entanto, ao chegar a Blumenau, assim se expressou: "É como uma marca, um carimbo, uma identificação de irmandade, uma prova de comunidade..."

Para que o leitor faça a reflexão sobre o artigo, deixamos o mesmo aberto para a sua análise e interpretação sob uma ótica contemporânea.

A pesquisadora Noeli Pertile, publica na coluna *Artigos* o texto que se intitula "*Integração e a Agricultura Familiar no Município de Quilombo - SC*". Faz uma análise das principais práticas da agricultura familiar do Oeste catarinense. Vale aqui registrar que este artigo foi desenvolvido na dissertação de Mestrado da autora, defendida em outubro de 2001. É um artigo denso, no qual relata com muita propriedade a transição que o pequeno agricultor sofreu a partir dos anos setenta, com as novidades trazidas pela modernidade no campo, as quais também trouxeram determinadas alterações socioeconômicas e culturais que se refletiram no cotidiano dessas pessoas.

O segundo texto da sessão *Artigos* traz um trabalho intitulado "*Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau - 1907/2002*". A autora Brigitte Fouquet Rosenbrock procurou rememorar a história desta sociedade, revendo a sua constituição e relatando o trabalho social desempenhado por esta instituição ao longo dos seus 95 anos de atividades em favor da comunidade local.

Em outro momento, na coluna *Pesquisa & Pesquisadores* apresentamos o artigo "*Viagens ao passado, sobre uma pesquisa em vários arquivos na Alemanha*" de autoria da pesquisadora alemã Sabine Kiefer. Ela, no ano 2002, foi patrocinada pelo

Instituto Blumenau 150 Anos, para vasculhar vários arquivos e instituições alemãs em busca de novos referenciais da História de Blumenau. Nesta sua busca e investigação muitos documentos até então retidos nos acervos alemães vieram à tona. Os mesmos foram copiados e ou microfilmados, e, posteriormente passaram a compor o acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, órgão vinculado à Fundação Cultural de Blumenau. Nesta empreitada a pesquisadora deparou-se com novas descobertas, e para falar desta experiência a mesma produziu um texto, no qual faz uma análise de alguns documentos que a impressionaram pelo seu valor e informação.

Recuperar as lembranças de indivíduos que ajudaram a construir a história regional, é o mesmo que juntar migalhas da história. Estes personagens na maioria das vezes passam incógnitos, apesar de estarem envolvidos com a história da coletividade. Para compor esta grande corrente, trazemos depoimentos que são publicados na sessão de *Entrevistas*. Nesta edição publicamos a fala do agricultor e operário Frederico Dix, cuja liderança o levou a destacar-se na sua comunidade com o trabalho de ajuda ao homem do campo da região de Vila Itoupava e a sua atuação como representante do Distrito da Vila Itoupava junto ao poder Legislativo Municipal onde foi vereador durante o período de 1983 a 1992.

Na seção de *Biografia*, trazemos para o leitor momentos da história de vida de Altamiro Romão de Oliveira, proprietário da popular Banca Miro que marcou época nos idos tempos dos anos 50/60 e 70. Sua história é narrada pelo filho Altamiro de Oliveira Filho. Ainda nesta sessão, Rafael Ernesto Kieckbusch deixa registrado o relato de vida do seu avô, o imigrante Ernest Erich Heinz Kieckbusch. As variedades de informações contidas nestas biografias fornecem subsídios para os pesquisadores mais atentos.

Com a coluna *Memórias* os autores buscam trazer para o presente as lembranças que o tempo não apagou. Para compor os memorialistas deste bimestre, Alberto Plínio Baumgarten procurou produzir "*Velhas calçadas e os nostálgicos locais da Quinze*", enquanto que o Sr. Edgar Kielwagen escreveu o texto lembrando as atividades exercidas pela família com o título "*Ferraria*".

Urda Alice Klueger em suas *Crônicas do Cotidiano*, tece comentários em torno do Sesquicentenário da Independência e os marcantes anos do período da Ditadura Militar.

Com a intenção de socializar os documentos existentes no acervo, publicamos na coluna *Burocracia & Governo* uma série de documentos administrativos do período da Blumenau Colônia Império.

E, finalmente, o escritor Enéas Athanásio em *Autores Catarinenses*, faz a sua análise e comentários referentes à produção literária e obras editadas pelos autores do nosso Estado.

Sueli M. V. Petry

Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

Procuro terras no Sul do Brasil

TEXTO:

FELIX MOSCHLIN

Procuro terras! Não procuro ouro, nem diamantes, no entanto, até já procurei. O estudo de botânica e geologia foi o caminho percorrido para alcançar meu objetivo. Meu primeiro romance foi sobre a terra e, a Suécia a minha primeira realização. Lá, eu tinha a minha terra sob os meus pés. Depois foi a casa à beira do lago de Zurique. É impossível possuir terra melhor...

Mas de que me serve a terra, enquanto outros não a possuem. Quando 50-80-100 mil desempregados estão ociosos e não sabem o que fazer. Evidentemente, que deve haver uma colonização interna, mas, também colonização em países do exterior. Ambas são necessárias. O mundo está vazio e precisa ser povoado. O que nos enlouquece é que não temos trabalho para nossos compatriotas e, lá fora há falta de pessoas para o trabalho. Colonização mundial! Mas ninguém faz nada, ninguém se mexe, a Confederação dos Povos tem outra coisa para fazer. Espaço para todos – e pisamos nos pés uns dos outros.

Colonização! Palavra sempre repetida, palavra embriagadora. Colonização no Canadá, na Colômbia, no Brasil e na Argentina. Mas só há vacilação, temor e dúvida. Sempre esbarramos num obstáculo, pois ninguém tem dinheiro. Pelo menos o problema deveria ser analisado. Por favor! Mas, tudo permanece como está, nada é feito, porém existe a possibilidade de colonização. Gostaria-se de tomar um pedaço de terra em qualquer lugar e dizer: esta terra é para a Suíça! Mesmo tendo terra suficiente atravessamos o oceano, a fim de procurar terra para outros. Sente-se que é necessário fazê-lo, porém o obstáculo permanece. É de enlouquecer. Diariamente aparecem

Tradução e transcrição do manuscrito: Kurt Hoeltgebaum
Revisão: Anemmarie Fouquet Schüncke



Ich suche Land in Südbrasilien

Landsucher, nicht Goldsucher, nicht Diamantsucher.

Eigentlich bin ich es schon gewesen. Das Studium von Botanik und Geologie war nur ein Umweg. Mein erster Roman handelte vom Boden. Schweden war die erste Erfüllung. Da hatte ich eigenes Land unter Füßen. Dann kam das Haus am Zürichsee. Man kann kein schöneres Land besitzen...

Aber was nützt mir mein Land, wenn die anderen kein Land haben. Wenn 50.000, 80.000, 100.00 Arbeitslose herumstehen und nicht wissen, was sie tun sollen. Innenkolonisation, selbsverständlich, aber auch Aussenkolonisation. Das eine und das andere. Die Welt ist leer, sie will mit Menschen gefüllt werden. Es macht einen verrückt, dass wir keine Arbeit haben für unsere Leute und die draussen keine Leute für ihre Arbeit. Weltkolonisation! Aber man rührt sich nicht, niemand rührt sich, der Völkerbund hat anderes zu tun. Raum für alle - und wir treten einander auf den Füßen herum.

Kolonisation! Das alte Wort, berauschende Wort. Kolonisation in Kanada, in Colombia, in Brasilien, Argentinien. Doch da ist nur Zaudern, Ängstlichkeit, Bedenklichkeit ringsum. Man rennt an eine Wand. Niemand hat Geld. Man sollte das Problem doch wenigstens untersuchen. Gewiss, bitte! Die Wand rührt sich nicht. Man hat Angebote, Unterlagen. Es gibt Möglichkeiten der Kolonisation. Irgenwo will man die Hand auf ein Stück Land legen und sagen: das ist Land für die Schweiz! Man will übers Meer, obwohl man selber Land genug hat, und Land suchen für die andern. Man spürt, das man es tun muss. Doch die Wand lässt sich immer noch nicht erschüttern. Es ist zum Verrücktwerden. Jeden Tag kommen die jungen Leute und sagen: "Wir haben keine Arbeit, wir können nicht heiraten, wir wissen nicht, was aus uns soll!" Und man steht da und kann ihnen nicht helfen. Man schämt sich, dass man ein Haus und einen Garten und Obstbäume und Reben und Land hat, und die anderen haben nichts. Soll man ihnen wirklich nicht helfen können?

Doch dann geschieht ein Wunder, es findet sich Geld, es findet sich ein Mann, der hilft. Und der Bund erklärt sich bereit, die Hälfte der Kosten einer Studienkommission nach Brasilien und Argentinien zu tragen. Gut, der erste Schritt kann getan werden. Das zermürende, aufreibende Warten ist zu Ende.

Im Herbst 1935. Wir sind zu viert. Schon fahren drei mit dem Schiff übers Meer. Ich habe noch Wichtiges und Dringendes zu erledigen. Doch ich werde sie einholen. Ich fahre acht Tage später; kostbare acht Tage, und werde doch zwei Tage früher nach Rio de Janeiro kommen. Ich fliege mit den Zeppelin, das entspricht meiner Ungeduld.

jovens dizendo: “Não temos trabalho, não podemos casar, não sabemos o que vai ser de nós!” E não podemos ajudá-los. Sentimos vergonha em possuir uma casa, um jardim com pomar, parreiras e terra, enquanto outros não têm nada. Será que não conseguiremos ajudá-los?

Mas, então acontece um milagre, consegue-se dinheiro e um homem para ajudar. A União dispõe-se a bancar metade dos custos para uma comissão de estudos no Brasil e na Argentina. Assim o primeiro passo pode ser dado e, a espera desgastante e extenuante terminou. É outono de 1935. Ao todo somos quatro pessoas e três já estão cruzando o oceano num navio. Eu ainda tenho coisas importantes e prementes para resolver, mas irei alcançá-los. Seguirei em oito dias, preciosos oito dias, contudo, estarei no Rio de Janeiro dois dias antes deles, pois irei de Zepelim, o que justifica minha impaciência.

Em direção ao Sul

Nosso objetivo é o Estado de Santa Catarina. Deixamos o planalto, com sua altitude de 800 - 900 metros acima do mar, cujo encanto exótico se deve, não à palmeira, mas à araucária. Se não fosse sua silhueta em forma de candelabro, geralmente plana na parte superior, poderíamos imaginar-nos de volta a nossa pátria, em terras de Freiburg, só que a vista tem maior alcance e a cadeia de montanhas fica mais afastada. Às vezes, também se pensa no Arizona.

Ao sul os campos se transformam em relevos de ondulação suave, parcialmente cultivados. Então o leito da estrada de ferro, de bitola estreita, desce suave por entre as montanhas numa longa curva em declive. Novamente estamos entre plantações de banana e cana de açúcar, quase ao nível do mar, numa região próspera graças ao elemento alemão. No trem há bandeiras de ginastas e cantores e nas estações só se ouve falar a língua alemã. Em Jaraguá moças alegres perfilam ao lado do comboio e desfilam entoando uma canção. Joinville, outrora um banhado (a malária ainda não foi totalmente erradicada), encontra-se em situação semelhante, porém hoje é uma cidade próspera e do ponto de vista industrial é mais importante do que a capital Florianópolis.

Pela primeira vez depois de muito tempo avistamos uma região agrícola, cuja prosperidade é visível. A casa alemã feita de tijolos ressurgiu aqui, e tudo é bem sólido e firme. Não existem casebres de madeira.

Visitamos um descendente de suíço com 78 anos de idade, nasci-

Weiter nach Süden

Unser Ziel ist der Staat Santa Catharina. Wir verlassen die Hochebene von 800 bis 900 m Meereshöhe, deren exotischer Reiz nicht der Palme, sondern der Araucaria zu verdanken ist. Fehlt ihre kandelmassige, oben meisten horizontal abgeschnittene Silhouette, so glaube man sich mehr als einmal in der Heimat verzettelt, etwa in das Freiburger Land, bloss dass der Blick weiter, die Bergkette ferner ist. Manchmal denkt man auch an Arizona.

Gegen Süden zu, verwandelt sich die Weide an sanftgeschwungenen Hügeln oft in Getreidefeld. Dann sinkt die Schmalspurbahn in weiten Bogen zwischen juramässigen Bergen langsam in die Tiefe. Wir sind wieder bei den Bananen und Zuckerrohrfeldern, fast auf dem Niveau des Meeresspiegels, in einer Gegend, die ihr Aufblühen dem deutschen Element verdankt. Turner- und Sängereifahren werden im Eisenbahnzug mitgeführt, auf den Stationen hört man nur deutsch. In Jaraguá formen fröhliche Mädchen einen Zug. Mit einem Lied marchieren sie davon. In ähnlichen Zeichen steht Joinville, ehemals ein Sumpfland (die Malaria ist immer noch nicht ganz tot), heute eine aufblühende Stadt, in industrieller Hinsicht wichtiger als die Hauptstadt Florianópolis.

Zu erstemal seit langer Zeit sieht man eine Bauernumgebung, deren Blüte augenscheinlich ist. Das niederdeutsche Backsteinhaus hat hier seine Auferstehung gefeiert. Die Bretterbuden fehlen, es ist alles solid, gewichtig.

Wir besuchen einen 78-jährigen Schweizer, der in Brasilien geboren ist. Seine körperliche und geistige Frische strafft den schlechten klimatischen Ruf der Küstengegend Lüge. Wenn man behauptet, dass erst die zweite und dritte Generation den Nachweis leiste, ob ein Klima für die germanische Rasse geeignet sei, so kann seine Familie ruhig als Kronzeuge auftreten: sie blüht schon in der vierten Generation.

Zwei Schulmeister

Zwei Schweizer und doch so verschieden. Der eine lebt etwas besser als ein Caboclo, aber nicht viel besser. Er hat Unglück gehabt. Die erste Frau ist ihm gestorben. Eine gute, geistige rege Frau. Ein Sohn, und Bilder von andern Kindern zeugen für diese Mutter. Nun wirtschaftet eine dicke Frau aus dem europäischen Osten im Hause herum. Sie hat ihre eigenen Kinder mitgebracht. Ganz andere Kinder. Man begreift, warum dieser Schullehrer barfuss vor uns steht.

Der andere wohnt ein paar Stunden weiter. In seiner Schule sitzen nur deutsche Kinder, ehemalige Pommern. Selber hat er 11 Kinder. Das zwölfte wird erwartet. Seine Frau ist eine deutsche, eine Kolegin. Ein wohltuendes Haus, eine

do no Brasil. Seu vigor físico e seu espírito jovem não correspondem às más condições climáticas do litoral. Se acharmos que somente a segunda ou terceira geração irá comprovar que o clima é apropriado para a raça germânica, certamente, esta família é a prova mais evidente: já é a quarta geração no Brasil.

Dois professores

Dois suíços, mas tão diferentes. Um vive um pouco melhor que um cabloco, mas nem tanto. Lamentavelmente foi vítima do infortúnio. A primeira esposa faleceu, uma mulher boa, religiosa e correta. Um filho e fotografias de outras crianças são o testemunho desta mãe. Agora, quem administra a casa é uma senhora gorda do leste europeu, que trouxe seus próprios filhos, mas, filhos bem diferentes. Pode-se entender porque este professor está descalço diante nós.

O outro mora algumas horas mais longe. Somente crianças alemãs, descendentes de pomeranos, freqüentam sua escola. Ele tem onze filhos, o décimo segundo está sendo aguardado. Sua esposa é alemã, uma colega. É um lar agradável, rodeado de livros, violino e harmônio. Na igreja ele toca canções suíças e durante um quarto de hora esquecemos onde estávamos.

Novamente estamos em sua casa de tijolos bem organizada, falando sobre a emigração. Ele veio com seu pai pela segunda vez ao Brasil em 1904. Nova Zurique, hoje denominada Nova Breslau, foi fundada com 35 pessoas. Em 1911 houve uma grande enchente, e como consequência dos inúmeros charcos existentes, surgiu a malária em 1912. A maioria da população fugiu, mas seu pai permaneceu e, mais tarde, obteve sucesso. Ele ainda vive ali, como sendo um dos mais antigos e bem sucedidos pioneiros.

Seu filho mora ao lado da escola e igreja, e assim tudo está integrado. Mais uma vez fica evidente a importância da preservação cultural. Onde predomina esse espírito nenhum colono decairá ao nível do cabloco, mas, onde não existe este espírito, existe a ameaça de degradação.

E que seja dito pela décima vez: o que faz a diferença na casa do colono é a mulher. Se ela falhar, o destino do melhor homem está selado.

Um exemplo de colônia alemã e um hotel menos exemplar

Insel mit Büchern, Geige, und Harmonium. In der Kirche spielt er Schweizerlieder. Wir vergessen eine Viertelstunde lang, wo wir sind.

Dann sitzen wir wieder in seinem saubern schönen Backsteinhaus und sprechen über Auswanderung. Er ist 1904 zum zweitenmal mit seinem Vater nach Brasilien gekommen: mit 35 Köpfen hat man damals Neu-Zürich gegründet. Heute heisst es Neu-Breslau. 1911 kam ein grosses Hochwasser. Ihm folgte 1912 infolge der vielen Tümpel die Malaria. Die meisten flohen. Sein Vater blieb. Später hatte er Erfolg. Er lebt immer noch dort als einer der ältesten und erfolgreichsten Pioniere.

Sein Sohn hat hier sein Haus neben Schulhaus und Kirche. Das Ganze ist eine Einheit. Wieder einmal drängt sich die Bedeutung der Pflege des Kulturellen auf. Wo dieser Geist herrscht, sinkt kein Kolonist auf die Stufe des Caboclo herab. Wo er fehlt, droht Verlotterung.

Und zum zehntenmal sei es gesagt: das Entscheidende in jedem Siedlerhaus ist die Frau. Versagt sie, dann ist auch Schicksal des besten Mannes besiegelt.

Eine vorbildliche deutsche Kolonie und ein weniger vorbildliches Hotel.

Durch Staub und Sommerhitze – es ist der 4. Dezember – fahren wir mit dem Auto nach Blumenau. Man ist sozusagen in Deutschland. Die Häuser gehören in den Kreis der alten niederdeutschen Architektur, und Erbe der Väter spiegelt sich immer noch sichtbar in der sparsamen Verzierung der Wagen. Man hat den Schnörkel mitgebracht von drüben und hat ihn auch hier wieder ins Brett geschnitten, eine Kleinigkeit und doch keine Kleinigkeit. Es ist wie ein Siegel, wie ein Stempel, ein Erkennungszeichen unter Brüdern, ein Beweis der Gemeinschaft. Blumenau nährt sich dem Charakter einer behaglichen Provinzstadt. Doch die Leistung ist auch heute noch spürbar genug. In bäuerlicher Umgebung hat man ein Industriezentrum geschaffen. 14 m über dem Meer, also fast auf Meereshöhe, auf der so verschrienen, verleumdeten Malaria gefährdeten Meereshöhe. Ein Beweis dafür, dass nicht die Höhe über Meer entscheidend ist für das Gelingen oder Nichtgelingen einer Kolonie, sondern der Güte des Bodens und das Mass der schöpferischen Kräfte. Die Organisation der Milchproduktion ist vorbildlich, Butter und Käse, die man in Paraná isst, kommen immer noch zum grossen Teil aus Santa Catarina, aus Joinville, aus der Gegend von Blumenau.

Wir verbringen den Abend auf einer Hotellaube über dem Grossen Itajahy-Fluss. Unser Landsmann Rieggenbach aus Florianópolis, mit dem wir in Joinville zusammengetroffen sind, macht uns mit einem Kreise von Männern bekannt, die

Através da poeira e sob o calor do verão - é 4 de dezembro - estamos indo de automóvel para Blumenau. Sentimo-nos como se estivéssemos na Alemanha. As casas de arquitetura alemã, e a herança dos ancestrais refletem-se na ornamentação discreta das carruagens. Estes arabescos foram trazidos de lá, e aqui, entalhados novamente na madeira, algo singelo, mas nem tanto. É como uma marca, um carimbo, uma identificação de irmandade, uma prova de comunidade. Blumenau mais parece uma agradável cidade provinciana e, o resultado do trabalho ainda hoje é bastante notado. Nas imediações de uma colônia agrícola, construiu-se um centro industrial. Localizada a 14 metros de altitude, praticamente ao nível do mar, na tão mal afamada e difamada altura propensa à malária. Uma prova de que a altitude não é determinante para o sucesso ou insucesso de uma colônia, porém a qualidade do solo e a medida certa da mão de obra. A organização na produção do leite é um exemplo. Grande parte da manteiga e do queijo consumidos no Paraná vem de Santa Catarina, de Joinville e da região de Blumenau.

Passamos a noite no caramanchão do hotel próximo ao grande rio Itajaí. Nosso patrício Riggenbach, de Florianópolis, com o qual nos encontramos em Joinville, apresentou-nos a um círculo de homens, que são considerados especialistas em assuntos referentes à colonização. Entre eles o Dr. Victor Konder, teuto-brasileiro, ex-ministro e irmão do governador deposto. Durante a última revolução, aproveitou seu banimento para conhecer melhor a Europa.

Durante a conversa mencionaram regiões merecedoras de nossa atenção. Em função disso, elaboramos nosso plano de viagem. É evidente que chegamos um pouco tarde. Quem procura terras por aqui, defronta-se em todo lugar com as sociedades colonizadoras. Só se obtém terras de segunda mão. Experiências comprovam que estas sociedades nem sempre instalaram as colônias nos melhores solos. Houve falhas no assentamento, principalmente quando fundadas, a partir da Europa, com intuito filantrópico ou por amor ao próximo, achando que os montanhese se senteriam "em casa" devendo, também aqui, viver em regiões montanhosas e pouco produtivas.

O hotel, com sua fachada renascentista, onde pernoitamos poderia situar-se numa cidade européia. A escadaria e demais dependências, às quais no Brasil se dá pouca importância parecem menos européias, se não se considerar um avanço cultural a decoração rica de panfletos farmacêuticos, para propaganda de medicamentos, indicados para doenças repugnantes.

als Sachverständige auf dem Gebiet der Kolonisation gelten können. Unter ihnen ist auch Dr. Victor Konder, früherer Minister, Bruder des abgesetzten Gouverneur, zur Hälfte Deutscher, zur Hälfte Brasilianer. Er hat die bei der letzten Revolution ausgesprochene Verbannung dazu benützt, um Europa besser kennenzulernen.

Aus der Besprechung ergeben sich Gebiete, die für uns in Betracht fallen könnten. Unser Reiseplan wird dementsprechend aufgestellt. Jetzt schon ist deutlich, dass wir etwas zu spät kommen. Wer hier Land sucht, stösst überall auf eine Kolonisationsgesellschaft. Er muss den Boden aus zweiter Hand erwerben. Erfahrungen beweisen übrigens, dass die Gesellschaften ihre Siedlungen nicht immer auf den besten Böden angelegt haben. Es sind Fehlsiedlungen vorgekommen, besonders wenn Kolonien in philanthropischer Absicht von Europa aus gegründet worden sind oder wenn man aus lauter Menschenfreundlichkeit gemeint hat, Gebirgsleute auch hier wieder in eine wenig fruchtbare Berggegend schicken zu müssen, damit sie sich "zu Hause" fühlten.

Das Hotel, in dem wir übernachteten, könnte seiner Renaissance-Fassade nach in einer europäischen Stadt stehen. Das Treppenhaus und jene Nebenräume, die in Brasilien meistens sehr stiefmütterlich behandelt sind - sofern man nicht eine überreiche Dekoration mit den Anpreisungen zweckdienlicher Apothekerwaren für recht ekelhafte Krankheiten als Kulturfortschritt bezeichnen will -, sehen weniger europäisch aus.

Morgens um 1 Uhr werde ich von meinen Kameraden geweckt. Aufgeregt, ensetzt bittet er mich, seinen Rücken zu beschauen. Ich tue es. Wozu hat man elektrisches Licht. Was ich sehe, ist nicht schön. "Poken, Flecktyphus?" frage ich, noch halb verschlafen. "Wanzen!" schreit er und führt zu seinem Bett. Wahrhaftig, an Wanzen fehlt es nicht, der reinste Ameisenhaufen.

Es ist nicht das erstemal, dass ich mit Wanzen zusammentreffe. Ich denke an eine Matrosenherberge im Vico San Bernardo in Genua, ich denke an eine schwedische Sennhütte, wo die Wanzen in festlichen Triumphzügen die Wand herabkamen, ich denke an Brasilianische Erlebnisse der jüngsten Zeit. Was ich aber hier sehe, übertrifft alles. Es ist ein Sieg der kleinen Kreatur über die Grosse. Es ist ein Loblied auf die Schöpfung in ihrer ungeheueren Vielfalt. Der Anblick stimmt nachdenklich. Ich mustere das eigene Bett. Es ist von der gleichen Tierwelt belebt. Nur scheinen sich hier zu Wanzen auch noch Läuse zu gesellen. Doch die Gesamtzahl der kriechenden Punkte und Kleckse ist nicht so achtungseinflössend wie drüben.

Was tun? Die Flitspritze ist im Zimmer unseres dritten Kameraden. Unsere schönen Moskitonetze sind unwirksam. Auch die Chinintabletten versprechen keine Abhilfe. Flihen! Aber wohin? Wir sind leider nicht im Urwald. Mein Freund beschliesst, in den "Salon" hinunterzugehen und den Rest der Nacht in der Schönen

Fui acordado pelo meu colega à uma hora da madrugada. Nervoso, pediu para olhar suas costas. Acendi a luz elétrica e olhei. O que vejo não é nada agradável. Sarampo, febre tifóide? - Perguntei ainda sonolento. Ele gritou, apontando sua cama: Percevejos! De fato, o que não faltavam eram percevejos. Mais parecia um formigueiro.

Não foi a primeira vez que tive contato com percevejos. Lembrei-me de um albergue para marinheiros em Vico San Bernardo, Gênova, lembrei-me de uma cabana alpina onde os percevejos desciam triunfantes as paredes, lembrei-me de acontecimentos recentes no Brasil. Mas, o que vi aqui ultrapassava tudo isso. Era a vitória da pequena criatura sobre a maior. Era um hino de louvor à *Criação*, em sua múltipla face. O espetáculo me tornou pensativo. Olhei a minha cama, estava povoada pelo mesmo mundo animal, mas, parecia que aos percevejos se juntaram piolhos. Porém os pontos e manchas em movimentos não impressionavam tanto quanto na Europa.

O que fazer? A bomba de “flit” estava no quarto do nosso outro companheiro. Nossos mosquiteiros eram ineficazes. Os tabletes de quinino também não prometiam ajuda. Fugir? Para onde? Infelizmente não estávamos na mata virgem. Meu companheiro decidiu descer até o “salão” e passar o restante de noite sentado numa cadeira atrás de uma fachada renascentista, na linda cidade de Blumenau. Eu voltei novamente para minha cama, afinal uma cama é sempre uma cama e, parece que meu sangue era menos apreciado do que o do meu companheiro. Ainda penso nas doenças que podem ser contraídas pelo sangue. A perspectiva não era nada agradável. Então voltei a dormir, confiando na sorte.

Colonização e Negócios

Em São Paulo, um ilustre brasileiro me disse: “Traga os emigrantes, eu providencio as terras e dividimos o lucro”. Ele não conseguiu entender porque não aceitei sua proposta com entusiasmo.

Agora me encontro, entre Blumenau e Florianópolis, diante de um industrial importante, que não é nascido no Brasil, mas, que poderia ser parente daquele Sr. de São Paulo.

Antes deste encontro já haviam me dito, que sua intenção era cons-

Stadt Blumenau hinter einer Renaissance-Fassade auf einem Stuhle zu verbringen. Ich wende mich wieder meinem Bette zu. Bett bleibt immerhin ein Bett. Und mein Blut scheint vorteilhafterweise nicht so begehrt zu sein wie das meines Kameraden. Noch denke ich an all die Krankheiten, mit denen man hier auf Blutwege angesteckt werden kann. Die Vision ist nicht grade erfreulich. Dann schlafe ich, auf mein Glück vertrauend, wieder ein.

Siedlung und Geschäft

In São Paulo hatte ein hochgestellter Brasilianer zu mir gesagt: "Bringen Sie die Auswanderer, ich beschaffe das Land, und den Gewinn teilen wir." Er begriff nicht recht, dass ich seinen Vorschlag nicht hochofret annahm.

Jetzt stehe ich zwischen Blumenau und Florianópolis vor einen erfolgreichen und mächtigen Fabrikbesitzer, der kein geborener Brasilianer ist und doch ein Verwandter jenes Mannes in São Paulo sein könnte.

Schon vor dem Zusammentreffen hat man mir erzählt, dass er in einer bestimmten Gegend eine Zementfabrik errichten möchte, aber vorläufig fehle die Strasse. Und was nützt eine Zementfabrik ohne Strasse?

Nun spricht er von Land, dass er für Siedler zur Verfügung stellen könnte. Aber nur für ganz bestimmte Siedler. Er kennt sich aus. Er ist in der Schweiz gewesen. Einfache, fleissige, genügsame Menschen, wie man sie in den Urkantonen trifft. Wüsste er sich. Möglichst einfache, bedürfnislose Menschen.

Das Siedlungsland liegt zufälligerweise dort, wo die Zementfabrik gebaut werden soll. Da Boden, der Rohstoff für eine Zementfabrik liefert, hier in Brasilien von recht mittelmässiger Qualität ist, begreife ich, warum von einfachen, bedürfnislosen Menschen die Rede ist.

"Natürlich müssen die Siedler zuerst eine Strasse bauen", sagt er, "eine Kolonie ohne Strasse ist wertlos. Die Strasse muss für Drei-Tonnen-Wagen fahrbar sein."

Die Spekulation ist recht einfach. Erstens verkauft man Land, das vorläufig so gut wie wertlos ist. Zweitens erhält man eine Strasse für die geplante Zementfabrik. Drittens hat man die nötigen billigen Arbeiter zur Hand.

"Warum muss die Strasse gerade für Drei-Tonnen-Wagen fahrbar sein?" frage ich.

"Um den Erfolg der Kolonisationsarbeit zu sichern", behauptet er eifrig.

"Nicht um die Errichtung einer Zementfabrik zu ermöglichen?" frage ich gleichmütig.

Er schaut mich böse an. In seine Worte mischt sich ein zänkischer Klang.

truir uma fábrica de cimento num determinado lugar, onde ainda não havia estrada. Do que adianta uma fábrica de cimento sem estrada?

Agora ele fala da terra que poderia dispor para colonos. Mas somente para determinados colonos. Ele entende do assunto, esteve na Suíça. Deseja pessoas simples, diligentes e modestas assim como as encontradas nos cantões suíços. De preferência, pessoas simples e pouco exigentes.

As terras se encontram, coincidentemente, onde deverá ser construída a fábrica de cimento. Como a região fornece matéria prima para fabricação de cimento, cuja qualidade no Brasil é medíocre, eu entendo porque ele fala de pessoas pouco exigentes.

“Naturalmente, os colonos terão de construir inicialmente uma estrada”, diz ele, “uma colônia sem estradas não tem valor. A estrada deve suportar veículos com capacidade de até três toneladas”.

A especulação é bem simples. Primeiro vende a terra que por enquanto não tem grande valor; segundo, obtém a estrada para a fábrica planejada; terceiro, dispõe de mão de obra barata.

Pergunto: “Por que a estrada deve suportar veículos com capacidade para três toneladas?”

Ele responde: “Para garantir o êxito da colonização”.

Pergunto serenamente: “Não seria para construir uma fábrica de cimento?”

Ele olha aborrecido. Sua resposta soa agressiva: “Por mim! De qualquer modo não tenho a mínima vontade de ser prestimoso, trazendo pessoas pobres para uma pobreza ainda maior”.

Florianópolis

A capital de Santa Catarina está situada numa ilha, ligada ao continente por uma ponte de ferro. Ela se autodenomina, com razão, uma das cidades mais lindas do Brasil. Sua imensa ponte de ferro lhe dá um caráter americano, mas olhando mais de perto não condiz com a realidade. Seu contraste: potes de cerâmica primitiva, empilhados no porto. No entanto, persistem a beleza e as construções bem acabadas. As “vilas” dos comerciantes bem sucedi-

Meinetwegen! Jedenfalls habe ich nicht die geringste Lust, behilflich zu sein, Leute aus ärmlichen Verhältnissen in noch ärmlichere zu verpflanzen.

Florianópolis

Die Hauptstadt von Santa Catharina liegt auf einer Insel, die durch eine eiserner Brücke mit dem Festland verbunden ist. Wenn sie sich eine der hübschesten Städte Brasiliens nennt, so tut sie es mit Recht. Die mächtige Eisenbrücke gibt ihr ein amerikanisches Gepräge, das aber bei näheren Zusehen nicht standhält. Gegensatz: die primitiven Tonkrüge, die auf dem Hafendamm aufgestapelt werden. Doch die Schönheit, das sauber-herausgeputzte der Bauten, bleibt bestehen. Die Villen der erfolgreichen Geschäftsleute sind fürstlich, ihre Palmenallen stellen sich neben die des Botanischen Gartens in Rio. Ob die Stadt die Eisenbrücke selber bezahlt hat, bleibt fraglich. Eher ist anzunehmen, dass der Staat in die Tasche gegriffen hat. Niemand steht ja dem Staate näher als die Hauptstadt. Fraglich auch, ob die wirtschaftliche Bedeutung der Stadt, der Grösse der Brücke entspricht. Doch sie ist da, das bleibt die Hauptsache, und Florianópolis wird um sie beneidet.

In der Gesamtschau tritt das Tropische schon stark zurück. Als ich am Morgen über den Hafen weg zu dem Bergen hinüberschaue, glaube ich einen Augenblick im Lofort zu sein, nur dass mehr Aasgeier gibt als Möwen. Das Seitenstück zu den norwegischen Stockfischen bilden die flachen Fische, die in Segelbooten hergebracht und auf den Steinen am Ufer aufgeschichtet werden.

In den Fabriken gibt es Kinderarbeit - trotz des gesetzlichen Verbots. Äussert man Erstaunen, so erhält man die Antwort, dass es besser sei, das Kind arbeite in der Fabrik, als dass es auf der Strasse verlottere und verkomme. Manchesterstandpunkt von 1820. Die Kinder - bis zu 9 Jahre hinunter - trösten sich damit, dass sie Blumen in die Kaffehaufen stecken, die sie verlesen müssen.

Die Löhne sind sehr niedrig. Doch auch in dieser Beziehung hat man eine Antwort bereit: "Die Leute wollen es gar nicht anders haben. Es ist falsch zu glauben, dass der Arbeiter ihre Lebenshaltung verbessern wolle. Sie haben keine Bedürfnisse."

Wir besuchen den Gouverneur, Dr. Nereu Ramos. Wir haben einen Empfehlungsbrief seines Bruders, der in Rio wohnt, vorzuweisen. Aber die Unterredung bleibt im Konventionellen stecken. Sie geht nicht über Höflichkeit und Verbindlichkeit hinaus.

Mit einen der führenden Ärzte bespreche ich über die Malaria. Man ist ihr in Florianópolis sehr energisch auf den Leib gerückt und hat so gut wie beseitigt. Die schwere Form der Malaria tropica ist nur viermal vorgekommen. Ich notiere, dass der Anopheles ungefähr 500 Meter weit fliegt (dass man also in dieser

dos são principescas, suas alamedas de palmeiras comparam-se às do Jardim Botânico no Rio. É questionável se a cidade pagou a ponte de ferro com seus próprios recursos. Supõe-se que o dinheiro tenha vindo dos cofres públicos. Nada está mais próximo do Governo do Estado do que a capital. Também é questionável se a grandiosidade da ponte corresponde à importância econômica da cidade. Mas o que importa é que a ponte está aí, e em virtude disso Florianópolis é invejada.

O clima tropical já é mais ameno. De manhã, quando olhei sobre o porto em direção às montanhas, tive a impressão momentânea de estar em “Lofort”, só que aqui há mais urubus do que gaivotas. Os linguados, similares ao bacalhau norueguês, são trazidos pelos barcos à vela e empilhados sobre as pedras do cais.

Nas fábricas há trabalho infantil, apesar da proibição por lei. Ao manifestar espanto obtêm-se a resposta, que é melhor dar trabalho na fábrica, ao invés, de deixá-las degenerar na rua. Mentalidade de 1820 em Manchester.

O salário é muito baixo. Mas, para este fato a resposta também está na ponta da língua: “As pessoas não querem coisa diferente. É errado pensar que o trabalhador quer melhorar de vida. Eles não sentem falta de nada”.

Visitamos o Governador Dr. Nereu Ramos. Apresentamos uma carta de recomendação do seu irmão residente no Rio, mas a conversa permanece convencional. Não passa de cortesia e amabilidade.

Falei com um médico sobre a malária. Em Florianópolis, ela foi combatida energeticamente e praticamente erradicada. A forma mais grave da malária tropical só ocorreu em quatro casos. Registro que o “Anopheles” voa aproximadamente 500 metros (os meios de proliferação devem ser destruídos nesta distância em torno da residência), sendo que as regiões com águas salobras estão praticamente livres. A reincidência da malária ocorre a cada quatro anos (neste período a vegetação voltou a crescer), e o combate efetivo requer um controle centralizado. No início o caboclo se opõe às medidas drásticas, mas quando percebe que é para seu bem, vem espontaneamente, buscar tratamento.

Florianópolis é uma cidade encantadora, mas eu não me sinto bem aqui, apesar da recepção hospitaleira dos Srs suíços Riggenbach e Hablützel e, do passeio à beira mar com Dietrich von Wangenheim, o jovem simpático

Entfernung von der Wohnung die Vorbedingungen für ihr Gedeihen vernichten müsste), dass das Gebiet des Salzwassers sozusagen von ihr frei bleibt, dass ein stärkerer Malaria-Ansturm ungefähr alle vier Jahre zu erwarten ist (denn dann ist das Holz wieder nachgewachsen), dass zur erfolgreichen Bekämpfung eine Zentralstelle gehört. Strengen Massnahmen widersetze sich der Caboclo zuerst, merkte es aber, dass man es gut mit ihm meine, so komme er von sich selbst, um sich behandeln zu lassen.

Florianópolis ist eine entzückende Stadt. Aber ich fühle mich hier nicht recht wohl. Trotz der gastfreundlichen Aufnahme durch die Schweizer Rieggenschach und Hablützel. Trotz der herrlichen Fahrt ans Meer mit Dietrich von Wangenheim, dem jungen sympathischen Chef der mächtigen Handels- und Schiffartsfirma Hoepcke. Die soziale Dissonanz ist hier zu gross. Es wäre an der Zeit, den oft panischen Schrecken vor dem Kommunismus durch eine vernünftige Sozialpolitik zu ersetzen. Hütten - und was für Hütten - stehen hier nicht vor den Villen. Je mehr man bei den Siedlern im Walde gewesen ist, um so empfindlicher wird man für diese Tasche. Man erzähle andern Leuten als mir das Märchen von den Arbeitern, "die keine Bedürfnisse haben"! Auf der Dauer hat es sich noch immer als wirtschaftlicher Unsinn erwiesen, wenn Waren von Arbeitern hergestellt werden, die selber nicht imstande sind, Waren zu kaufen. Es ist schön, wenn eine Fabrik grosse Gewinne abwirft, aber es ist in jeder Hinsicht wichtiger, dass die Gewinne kleiner wären und dafür die Arbeiter bessere Hemden und bessere Hosen kaufen und besser wohnen könnten.

Gerne spräche ich gerade mit dem Chef der Firma Hoepcke länger über diese Dinge. Aber Zeit drängt. Das Land ist unser Ziel, nicht die Stadt.

Zwei Worte über Politik

Im Augenblick, da wir abfahren wollen, werden wir noch zu Marcos Konder, ein zweiter Bruder des ehemaligen Gouverneur, gerufen. Er hat sein Zimmer im gleichen Hotel. Umgeben von Büchern wie ein Grosstadtliterat, empfängt er uns im Pyjama. Da Marcos Konder Deputierter ist, gleitet das Gespräch naturgemäss auf die Politik hinüber. Und weil mich seit dem Tage, da ich in Rio de Janeiro durch die Mitteilung des Parteiblatts "A Offensiva" über den grossen Kongress in Blumenau auf die Integralisten, die "Grünhemden" die "Camisas verdes", aufmerksam gemacht worden bin ("Fünftehtausend "Camisas verdes") defilieren in Blumenau vor Plinio Salgado, dem, chefe nacional". . . "Eindrückliche und unerhörte Ziffern in Brasilien . . .", "Kampf für ein Ideal, das so grandios ist wie das grossmütige, gewaltige Volk".) Arbeiten und Absichten dieser faschistischen Partei

chefe da poderosa casa comercial e empresa de navegação Hoepcke. Aqui, a diferença entre as classes sociais é muito grande. Estaria na hora de converter a paranóia contra o comunismo em uma política social razoável. Casebres – e que casebres – se encontram perante as vilas. Quanto mais tempo se conviveu com os colonos do interior, mais perceptível nos tornamos diante deste fato. Que contem para outros e não a mim histórias sobre trabalhadores “que não têm necessidades!” O tempo demonstrou, que artigos produzidos por trabalhadores, que não têm condições de comprá-los é uma economia absurda. É bom quando uma fábrica consegue lucros, porém seria mais importante que esses lucros fossem menores, para que os empregados pudessem comprar roupas melhores e ter um lar melhor.

Gostaria de falar mais sobre este assunto com o chefe da Firma Hoepcke. Mas o tempo urge. Nosso objetivo é o interior, e não a cidade.

Algumas palavras sobre política

No momento em que partíamos fomos chamados por Marcos Konder, outro irmão do ex-governador, hospedado no mesmo hotel. Ele nos recebe de pijama, rodeado de livros como um literato de cidade grande. Como Marcos é deputado, a conversa acaba em política. Desde minha passagem pelo Rio de Janeiro, a folha partidária “A Ofensiva” chamou minha atenção sobre o congresso de integralistas “Os Camisas Verdes” em Blumenau, (quinze mil Camisas Verdes desfilam em Blumenau diante de Plínio Salgado, o chefe nacional”... “Cifra impressionante, nunca vista no Brasil ... “Luta por um ideal tão grandioso quanto o poder e a generosidade do povo.” Intenções e trabalho foi mais de uma vez a preocupação deste partido fascista, sendo esta a pergunta prioritária dos homens com o sigma na manga. Marcos Konder é contra o centralismo e em oposição relata uma série de exemplos práticos. Já é prova suficiente, que muitas agências postais estão há muito tempo sem selos.

“E o que fazer quando as verbas destinadas à construção de estradas são liberadas no Rio somente em dezembro, com a ressalva de apenas valerem para o ano em curso, para que crédito conquistado não caia em exercício findo, como se a estrada em questão pudesse ser concluída em algumas semanas. Como

mehr als einmal beschäftigt haben, gilt eine der ersten Fragen den Männern mit dem Zeichen der Sigma (S) am Ärmel. Marcos Konder ist gegen den Zentralismus. Er erzählte eine Reihe von Beispielen aus der Praxis, die dagegen sprechen. Schon dass viele Poststellen zeitweise ohne Briefmarken seien, beweise genug. "Und was soll man machen, wenn der Strassenkredit für das laufende Jahr erst in Dezember von Rio aus bewilligt wird, mit der Bedingung, dass er nur für dieses Jahr gelte, so dass die betreffende Strasse also in ein paar Wochen fertiggestellt werden müsste, wenn der endlich erkämpfte Kredit nicht verfallen soll. Ein Glück, dass ich als Präfekt schlau genug war, die Strasse in der festgesetzten Zeit wirklich zu bauen - auf dem Papier - um einen entsprechenden Bericht an die Bundesregierung zu schicken. Ein weiteres Glück, dass ich am Ende des Monats das Geld erhielt und im nächsten Jahre in aller Ruhe die Strasse auch wirklich bauen konnte. Nein, bleibe man in Brasilien beim Föderalismus, wenn auch die Demokratie als solche verbesserungsbedürftig ist!"

Marcos Konder schenkt uns zum Abschied seine Broschüre "Democracia, Integralismo e Comunismo". Es ist der Abdruck einer Rede, die er als Führer der Minorität vor ein paar Monaten bei der Verkündung der neuen Verfassung in der konstituierenden Versammlung des Staates Santa Catharina gehalten hat. Diese Schrift legt Zeugnis ab von einem kultivierten und ungewöhnlich belesebenen Politiker, dem kaum ein einschlägiges europäisches Wort oder Werk von Bedeutung entgangen ist. Sie zeigt keinen Mann der Tat, wohl aber einen Mann des Wissens, der leidenschaftlich für eine Demokratie eintritt, die sich nicht nur nach beliebter Weise auf ihre demokratischen Rechte, sondern darüber hinaus auf ihre demokratischen Pflichten zu besinnen habe, wenn sie bestehen wolle.

Man hat solche Worte auch schon in der Schweiz gehört . . .

Mit zehn Salzsäcken ins Inland

Wir wollen ins Zentrum von Santa Catharina. Ins Rio do Peixe-Tal. Eine Eisenbahn gibt es nicht. Florianópolis, die Stadt mit der imposanten Brücke, besitzt überhaupt keinen Eisenbahnanschluss. Die Strasse ist also noch schlechter als gewöhnlich.

Unser lieber Landsmann Rieggenschach, der uns begleiten will, rät uns, einen von ihm empfohlenen Lastwagen zu mieten. Wir tun es. Der "caminhão" hat vorn auf Querbrettern Sitzplätze, wenn auch keine gefederten, hinten Platz für das Gepäck, drüber ein Zeltdach. Also dass, was wir brauchen. Wir verstauen die nötige Zahl von Holzkisten mit je zwei Blechkannen voll Benzin, denn erstens ist das Benzin im Inland teurer und zweitens haben wir Ballast nötig, damit der Wagen

Prefeito tive sorte em ser esperto, concluindo – no papel – a estrada no tempo previsto, mandando o relatório correspondente para o Governo Federal. Outro golpe de sorte foi ter conseguido o dinheiro no final do mês e realmente construir a estrada com calma no ano seguinte. Não, que se permaneça no Brasil no federalismo, mesmo que a democracia necessite de melhorias!”

Na despedida, Marcos Konder presenteou-nos com uma brochura “Democracia, Integralismo e Comunismo”. Esta é uma cópia de um discurso proferido há alguns meses, como representante da minoria, na reunião em que foi promulgada a nova Constituição do Estado de Santa Catarina. Esse texto é prova de um político incomum, instruído e culto. Revela um homem de conhecimento, que intercede veementemente pela introdução da democracia, visando, não somente os direitos, mas acima disso os deveres democráticos para que, esta democracia, possa subsistir.

Palavras semelhantes já foram ouvidas na Suíça...

Para o interior com dez sacos de sal.

Queremos ir para o interior de Santa Catarina, precisamente ao vale do Rio do Peixe. Não existe nenhum trem para lá. A cidade de Florianópolis com sua imponente ponte de ferro, não possui ligação férrea. A estrada também é pior do que o habitual.

Nosso estimado patrício Riegenbach deseja acompanhar-nos e sugere alugar um caminhão. Nós concordamos. O “caminhão” tem assentos de madeira sem molejo, atrás há lugar para a bagagem com uma cobertura de lona. É bem aquilo que precisamos. Acondicionamos a quantidade necessária de caixas de madeira, cada uma contendo duas latas com gasolina, pois no interior a gasolina é mais cara e também precisamos de contrapeso para que o veículo não pule tanto durante a viagem. Riegenbach até acha que nosso peso, mais as treze malas e latas de combustível não sejam suficientes, tanto que mandou carregar por conta própria mais dez sacos de sal. O sal será vendido com lucro onde o preço for melhor. Isto trará as seguintes vantagens: primeiro, o veículo não sacoleja tanto, segundo, minimiza os custos da viagem. Pela primeira vez sentimo-nos envergonhados, pois nenhum de nós é comerciante. Desta

unterwegs nicht allzusehr hüpft. Rieggensbach ist sogar der Meinung, dass wir mit unseren dreizehn Handkoffern und den Benzinkisten zusammen längst nicht schwer genug seien. Er lässt also noch zehn Säcke mit Salz aufladen. Auf eigene Kosten. Dort, wo die Salzpreise am höchsten sind, wird er das Salz mit Gewinn verkaufen. Was den Vorteil hat, dass erstens der Wagen besser fährt und zweitens die eigenen Reisekosten sich verringern.

Wir werden uns zum erstenmal schamvoll bewusst, dass keiner von uns ein Geschäftsmann ist. Derlei hätten wir früher auch schon versuchen können, um die Spesen zu vermindern. Zu unserer Entlastung dient die Tatsache, dass die Salzspekulation fehlschlägt. Als die Säcke an den Punkte, der weitesten von allen Häfen und Eisenbahnstationen entfernt ist, abgeladen werden, zeigt sich, dass einer fehlt. Er muss irgendwo auf der Strasse liegen. Leider weiss niemand, wo. Denn der Wagen trotz der Salzsäcke das Hüpfen immer noch nicht liess, ist gelegentlich das hintere Schutzblech heruntergefallen und damit wahrscheinlich auch der Salzsack. Wir brauchen uns also nicht zu schämen, kein Geschäftssinn zu besitzen. Auf einer solchen Fahrt kommt es aufs gleiche heraus. Wir merken auch, aufrichtig gestanden, keinen Unterschied beim Weiterfahren. Der Wagen hüpft nachher nicht mehr als vorher. Nur dass wir jetzt in Erinnerung an das Geschehen acht Tage lang versuchen dürfen, das Salzwasser, das dank des Zusammenwirkens von Regen und Salz unsere Koffer umspült hat, wieder aus dem Leder auszulaugen. Vielleicht wäre Zucker bei solchen Gelegenheiten empfehlenswerter als Salz.

Doch kehren wir zurück zu dem Augenblick, da wir erwartungsvoll ins Land hinausfahren. Wir sind froh, jedem Kilometer unsern Zielen näher zu kommen, und unser Begleiter freut sich, dass mit jedem Kilometer der Wert seines Salzes steigt. Stolz schauen wir herab auf den Ochsenwagen mit den krächzenden, ächzenden Scheibenrädern, urweltliches Gefährt im Vergleich mit unseren "caminhão", der uns rüttelt und schüttelt zum taktmässigen Gelärm der Benzinkisten. Die Salzsäcke sind angenehm still, dass muss man ihnen lassen.

Die erste Steigung tut unserm Stolze und unserer Zuversicht etwas Abbruch. Der Wagen fährt sehr mühsam und langsam. Die Leistung des Motors ist nicht grossartig. Man könnte sogar sagen, sie sei unzureichend. Es ist offenkundig, dass nicht nur die Strasse schlecht ist, sondern auch der Motor. Etwas später zeigt sich, dass auch der Chauffeur kein Meister ist. Strasse schlecht, Motor schlecht, Chauffeur schlecht. "Das kann schön werden!" So einfach ist es.

Vielleicht ist es auch nicht so einfach. Vielleicht handelt es sich nur um einen der üblichen brasilischen Scherze. Wer soll das jetzt nachprüfen. Dann und wann streikt unser Wagen. Er hat die stetige Steigung nicht gern. Und weil er sie nicht gern hat, so kocht er. In sozusagen auf den Meter genauen Abständen. Man

maneira já poderíamos ter minimizado as despesas anteriormente. Para nosso alívio a especulação com o sal não deu certo. Ao descarregar os sacos, no lugar mais distante dos postos e estações férreas, constatou-se que faltava um. Deve ter caído em algum lugar da estrada, lamentavelmente ninguém sabe onde. Apesar dos sacos, o veículo não deixou de pular, uma travessa na parte traseira da carroçaria caiu e certamente o saco de sal também. Bem, não precisamos mais envergonhar-nos pela falta do senso comercial. Numa viagem destas é tudo a mesma coisa. Honestamente, ao continuarmos a viagem não sentimos nenhuma diferença, porém o veículo não pulava mais tanto quanto antes. A chuva em contato com o sal encharcou nossas malas de couro e, durante oito dias este incidente nos perseguiu, sempre que tentávamos remover o sal das malas. Nestas circunstâncias, talvez açúcar tivesse sido mais adequado do que sal.

Voltemos ao momento da nossa partida para o interior. Nós estamos felizes com cada quilômetro vencido, estando assim mais próximo do nosso destino e, nosso acompanhante contente porque a cada quilômetro o lucro do sal aumenta. De cima de nossa condução olhamos orgulhosos os carros de boi com o ranger de suas rodas, veículo primitivo, comparado ao nosso “caminhão”, que sacolejava ao compasso das latas de gasolina. Os sacos de sal certamente estão bem acomodados, pois tudo está normal.

Na primeira ladeira nosso orgulho e otimismo esmoreceram. O veículo anda devagar e com dificuldade, o desempenho do motor não é dos melhores. Até poder-se-ia dizer insuficiente. É óbvio que não só a estrada é ruim, mas o motor também. Mais tarde também constatamos que o motorista não é nenhum craque. Estrada ruim, motor ruim, motorista ruim. Era só o que faltava. Simples não é?

Talvez não seja tão simples. Talvez seja uma dos habituais gracejos brasileiros. Quem é que vai provar isto agora? De vez em quando nosso veículo resolve parar. Ele não aprecia uma subida após outra e por isso ferve, isto, com uma precisão métrica. Dá para calcular quando vai ferver novamente. Nesse aspecto o veículo trabalha com alta precisão, pois quando ferve ele para automaticamente. Quanto mais o motor ferve, menos água há por perto. Apesar de ser alertado, nosso motorista não levou água “porque existe água em qualquer

kann zum voraus ausrechnen, wann er wieder kochen wird. In dieser Hinsicht arbeitet der Wagen mit einer fast allzu grossen Präzision. Beim Kochen bleibt er natürlich stehen. Um so länger, je weniger Wasser in der Nähe zu finden ist. Der Chauffeur hat trotz unserer Mahnung kein Wasser mitgenommen, "weil es überall Wasser gibt". Unterdessen überholen uns die Maultiere und Pferde, die wir wieder überholt haben, zum soundso vielten Male. Das reinstes Gesellschaftsspiel. Niemand verzieht dabei eine Miene. Die Reiter und Viehtreiber und Kutscher sind "cavalleiros", dass muss man ihnen lassen. Kein höhnisches oder spöttisches Wort. Mit Interesse und Anteilnahme beschauen sie den Geiser, der aus unserem Kühler spritzt. Da unser Ventilatorriemen reisst, verkaufen sie uns einen Geisselriemen, um den Mangel zu ersetzen. Es ist gut, dass wir nicht allein sind. Ich sehe schon den Augenblick kommen, da wir etwa dreissig oder vierzig Pferde und Maultiere vor unserm "caminhão" spannen werden und damit auch äusserlich vor einem Urzustand kapitulieren, wo die Kreatur alles ist und die Maschine nichts.

Doch es kommt nicht dazu. Selbständig, halb Benzinmotor, halb Dampfmaschine, arbeitet sich unser Wagen auf die Hochfläche von 900 m Meereshöhe hinauf. Wir sind gerettet. Wenigstens glauben wir es.

Salto Grande

Am Abend des zweiten Tages, nach der Ueberwindung von ungefähr 200 km, sind wir in der Ortschaft Salto Grande (Grosser Wasserfall) am Südarm des Itajhy. Doch statt nun ein Bett eines schweizerischen Gasthauses zu liegen (der Wirt stammt aus Kleinhüningen bei Basel), hätten wir ebenso gut in einen Flussbett liegen können. War beim Aufwärtsfahren der Motor nichts wert gewesen, so hatte sich beim Abwärtsfahren die Unfähigkeit des Chauffeurs erwiesen. Trotz der morastigen, glitschigen Strasse, konnten wir ihn nicht dazu bringen, einen niedrigen Gang einzuschalten. Folge. Dass beim Brensen in einer an und für sich ungefährlichen Kurve der Wagen tat, was er wollte, und sich quer über die Strasse stellte, die Vorderräder an der Bergwand, die Hinterräder am Abgrund. Eine niedrige Böschung war unsere Rettung. Ich habe Mühe, über diese blödsinnige Geschichte hinwegzukommen. Wenn schon gestorben sein soll, dann aus einen rechten Grund und nicht wegen der Dummheit eines Chauffeurs.

Die Beobachtungen des ersten Tages deuten an, dass die meisten Niederlassungen auf der Ostseite nicht vorwärtskommen. Es gibt Siedlungen, die schon seit Jahren stehen, statt Blüte aber Verfall verraten. Die Stadt Florianópolis strahlt nicht aus wie Joinville. Der Unterschied der Umgebung ist schlagend. Hier Hütten, dort Bauernhäuser von Gewicht. Auch die Verschiedenheit der Lehrerlöhne

lugar”. Enquanto isso, tropeiros com mulas e cavalos que havíamos ultrapassado repetidas vezes nos alcançam. Uma brincadeira amistosa. Ninguém se manifesta, pode-se dizer que os tropeiros são cavalheiros. Com certo interesse contemplam o “geiser” expelido pelo radiador. Uma tira de couro foi negociada para substituir a correia do ventilador que havia arrebentado. Como é bom não estarmos sozinhos. Já imagino trinta ou quarenta cavalos e mulas atreladas ao caminhão... o momento da capitulação arcaica em que a criatura é tudo e a máquina nada.

Mas, não chegou a este ponto. Independente, meio motor a gasolina, meio locomóvel, nosso veículo alcançou o planalto 900 m acima do mar. Estamos salvos. Pelo menos era o que pensávamos.

Salto Grande

No segundo dia à noite, após percorrermos aproximadamente 200 km, chegamos à localidade de Salto Grande, situada no braço sul do rio Itajaí. Ao invés de uma cama numa hospedaria Suíça, (o dono é de “Kleinhüningen - Basel”) bem que poderíamos ter deitado no leito de um rio. Se na subida o motor não prestou, na descida a inaptidão do motorista ficou visível. Mesmo com a estrada escorregadia não conseguimos convencê-lo a engrenar uma marcha reduzida. Conseqüência: ao frear numa curva, que nem era perigosa, o carro ficou atravessado na estrada, a frente virada contra o barranco e a traseira para o precipício. Nossa salvação foi um barranco baixo. Tenho dificuldade para superar este incidente estúpido. Se fosse para morrer, que fosse por um motivo justo, mas não pela idiotice de um motorista.

A observação feita no primeiro dia indica, que a maioria dos assentamentos no oeste não progride. Colonizações existentes há 30 anos revelam decadência em vez de prosperidade. A cidade de Florianópolis não se salienta como a de Joinville. A diferença nos arredores é concludente. Aqui casebres, lá, imponentes casas de colonos. A diferença salarial dos professores é significativa. Enquanto entre Joinville e Blumenau o salário mensal do melhor professor é de 120\$000 réis, alguns até ganham 250\$000, mais moradia, aqui existem salários

ist bezeichnend genug. Hatte zwischen Joinville und Blumenau auch der bescheidenste Lehrer noch ein Monatslohn von 120\$000, andere einen solchen von 250\$000 (einschliesslich freier Wohnung), so gibt es hier Löhne von 50\$000, ja sogar von 25\$000, wobei allerdings hinzuzufügen ist, das derjenige Lehrer, der diesen Mindestlohn erhält, sein Examen noch nicht gemacht hat, dafür aber mit einem Eifer und einer Begeisterung unterrichtet, die zu seiner Bezahlung im umgekehrten Verhältnis steht.

Erfreulich ist hier die Pflege des Pferdes, man sieht schlanke, stattliche Tiere und ahnt den Stolz des Besitzers. Man trifft zwölfjährige Buben, die ohne Steigbügel, bloss auf einen Schaffell sitzend, dahergaloppieren wie bei einem Wettrennen. Und eine Reiterin hat ihr zweijähriges Kind hinter sich und ein noch jüngeres im Arm. Der Boden, den wir besichtigen – mit einem heimatlichen anmutenden Leiterwagen fahren wir in die Siedlung hinaus – ist ungleichmässig. Bis zu der mit Araucarien bestandenen Hochebene wechseln gute und schlechte Schichten miteinander ab. Ein Ritt zu Pferd auf der andern Talseite – mit einer Fähre durchqueren wir oberhalb der breiten und mächtigen Fälle den Fluss – vermittelt den gleichen Eindruck. Der begleitende Ingenieur sagt uns, dass man hier mit Mandioka gleich viel verdiene wie mit Viehzucht. Leider fehle eine Fabrik. . . Siedler sei bisher nicht zustande gekommen.

Wird hier guter Boden gekauft, so ist Kolonisation zu billigen Preisen möglich. Einige treiben Raubwirtschaft. Man kann's nicht anders nennen. Sie verbrennen einen Hektar Wald, pflanzen Mais, füttern die Schweine und lassen den Hektar liegen, um zum nächsten überzugehen. Ergebnis: zerstörter Wald, zerstörter Boden, auf dem Weg zum Farnkrautdickicht oder zur Wüste. Rechtfertigung: für die heutigen Pflanzler lohnt es sich, die späteren mögen schauen, was sie treiben.

Die Kolonisationsgesellschaft Jensen macht einen guten Eindruck, um so mehr, da sie ihre Strassen nicht nur plant, sondern auch baut.

Rio do Sul

Mit dem eigenen Wagen sind wir nicht hingekommen, obwohl es sich nur um ein paar dutzend Kilometer handelt. Bei dem elenden Zustand der verregneten Strasse war die Versuchung für den Chauffeur zu gross, unsern "caminhão" am Strassenbord hinunterrutschen zu lassen, bis ein paar Pfosten stärker waren als er. Da standen wir, schief wie ein gestrandetes Schiff, machten einige bescheidene Versuche, uns wieder aus dem Dreck herauszuarbeiten, doch ein neuer Wolkenbruch vereitelte alles Bemühen. Mit der üblichen "Paciência" warteten wir, bis wir von einem anderen Wagen abgeholt wurden.

de 50\$000 e até 25\$000. Porém deve ser mencionado, que o professor que recebe este salário ainda não prestou exame, mas leciona com tal dedicação, que está em desacordo ao ganho.

Dá prazer ver o tratamento dispensado ao cavalo. Há animais de porte esbelto, orgulho do proprietário. Encontramos garotos de doze anos de idade montados num pelego galopando como se estivessem disputando uma corrida e, uma amazona, com seu filho de dois anos na garupa, tendo o menor em seus braços. A terra da colônia que inspecionamos - com uma carroça que nos lembra às da nossa pátria - é irregular. Até o planalto de araucárias as camadas boas e ruins de terra se alternam. Uma cavalgada até o outro lado do vale - cruzando o rio numa balsa acima da imensa e larga queda d'água - apresenta as mesmas condições. O engenheiro, que no acompanhava disse que é possível ganhar mais com plantação de mandioca do que com a criação de gado. Lamentavelmente, falta uma fábrica... Até agora nenhum colono progrediu.

A colonização é possível com baixo custo, desde que se compre terra boa. Alguns praticam a depredação, não pode ser denominado de outra maneira. Queimam um hectare de mata, plantam milho e tratam os porcos, depois abandonam este hectare e vão para o seguinte. Resultado: mata destruída, solo destruído, este é o caminho para um cerrado de samambaia ou para um deserto. Justificativa: para os atuais agricultores isto compensa, mas os futuros sentirão o prejuízo.

A Sociedade Colonizadora Jensen causa boa impressão, em especial pelo planejamento e, também, pela construção de estradas.

Rio do Sul

Com nosso veículo não chegamos lá, apesar de faltarem apenas alguns quilômetros. Nas péssimas condições da estrada, devido à chuva, a tentação para o motorista foi muito grande em deixar o caminhão rolar ribanceira abaixo até encontrar alguns troncos fortes. Lá estávamos nós, inclinados como um navio encalhado. Fizemos algumas tentativas para sair do atoleiro, mas uma chuva torrencial impediu nossos esforços. Com a costumeira paciência aguardamos até sermos resgatados por outro veículo.

Rio do Sul liegt verkehrstechnisch sehr günstig am Zusammenfluss des Südarms und des Westarms des Rio Itajahy, war vor fünfundzwanzig Jahren noch eine Sammlung von ein paar Häusern, ist heute ein tüchtig, aufwärtsstrebender Industrieort, hat zwei armierte Betonbrücken, Fabrikanlagen, Eisenbahn- und Strassenverbindung mit Blumenau und einen energischen Präfekten deutscher Abstammung, der hier geboren ist.

Unsere ersten Diskussionen drehen sich um Fluss und Wald. Eine Regelung und Organisation der Wasserwirtschaft drängt sich hier auf. Ich erzähle von der Gründung der grossen Holzverwertungsgesellschaften, die in Schweden die Nutzbarmachung der vorher wertlosen Wälder ermöglicht hat, erzählte von der Anlage von Flosskanälen, dem Zusammenarbeiten von Flössereigesellschaften und Schneidemühlen. Ähnliches könnte bei einem Zusammenschluss der Interessenten sicherlich auch hier geschehen. Dann wäre das Herunterflössen der mit Lianen zusammengebundenen Zeder und Canela Stämme nicht nur auf bestimmte Zeiten beschränkt.

Wir fahren mit einem 12-Tonnen-Lastschiff den Westarm hinauf. Der niedrige Wasserstand begrenzt die Fahrt. Der Fluss könnte leicht gestaut werden. Mit bescheidenen Dämmen und Schleusen wäre das Gebiet bis weit hinauf zu erschliessen. Dann brauchte der Bauer von Tayo, mit dem ich im Gasthaus gesprochen habe, nicht mehr viermal so viel pflanzen als ein Bauer in Blumenau, weil die Preise der Entfernung wegen bei ihm so schlecht sind. Mit wenig Mühe wäre die schönste Wasserstrasse zu schaffen – aber es geschieht nicht. Dafür müht man sich mit schlechten Strassen, die sich bei regnerischen Wetter in ein Morast verwandeln. Zur gleichen Zeit wäre es auch möglich, den Wasserstand zu regulieren und Überschwemmungen im Unterlauf zu verhindern. Blumenau und Rio do Sul müssten zusammenarbeiten. Jetzt beschränkt man sich darauf, eine Meldung von Rio do Sul nach Blumenau hinunterzuschicken, wenn Hochwasser droht, damit dort die Bewohner der gefährdeten Quartiere ihre Möbel aus dem Erdgeschoss in den ersten Stock transportieren können. Und vorläufig wird in Blumenau immer noch Land zum Verkauf angepriesen mit dem Vermerk: "Nicht überschwemmbar!". Dafür gehen die Pegelmessungen nach Rio de Janeiro, wo sie in irgendeiner Zentralstelle registriert werden. Und selbstverständlich hat auch hier irgendeiner die Konzession für die Schifffahrt, ohne etwas zu tun.

Gegenwärtig denkt man in Brasilien lieber an Strassen, wenn man nicht sogar von einer Eisenbahnlinie träumt.

Es regnet

Rio do Sul fica situado estrategicamente na confluência dos rios do Sul e Braço Oeste do rio Itajaí. Onde há 25 anos só havia algumas casas, hoje se encontra uma cidade industrial progressista com pontes de concreto armado, instalações industriais, ligação via férrea e rodoviária com Blumenau, tendo à frente um prefeito dinâmico, um teuto-brasileiro.

Nossa primeira discussão gira em torno do rio e da mata. Uma organização e regularização da navegação fluvial são prementes. Falei sobre a Fundação da Sociedade de Beneficiamento de Madeira na Suécia, que possibilitou a utilização das florestas, antes consideradas inúteis. Falei sobre canais para balsas, do trabalho conjunto das sociedades balseiras e das serrarias. Algo semelhante poderia ser feito aqui, caso as partes interessadas se unissem. O tempo para deslocamento de troncos de cedro e canela, amarrados com lianas, diminuiria consideravelmente.

Navegamos o Braço do Oeste acima, com um barco de 12 toneladas. As águas baixas limitaram nossa viagem. O rio poderia ser represado facilmente. Com eclusas e represas relativamente modestas seria possível tornar a região, rio acima, acessível. Assim o colono de Taió, com o qual conversei na hospedaria, não precisaria plantar quatro vezes mais que o de Blumenau, para compensar o preço devido à distância. Com pouco esforço seria possível construir a melhor via fluvial, mas isso não acontece. Por isso enfrentamos com muito esforço as más condições das estradas, que se transformam em lamaçal com tempo instável. Ao mesmo tempo seria possível controlar o nível do rio evitando inundações nas partes baixas. Blumenau e Rio do Sul deveriam trabalhar em conjunto. Por enquanto se limitam a enviarem comunicados daqui de Rio do Sul para Blumenau quando há ameaça de enchente, a fim de alertarem os moradores de lá para transferirem seus móveis do andar térreo para o sótão. Em Blumenau, por enquanto, ainda oferecem lotes com a observação: livre de enchente. A medição realizada pelo fluviômetro é enviada regularmente para o Rio de Janeiro, onde são anotadas em alguma central. Evidentemente, também aqui, alguém possui a concessão para a navegação fluvial, sem ter o que fazer.

No Brasil, atualmente, prefere-se pensar em estradas, isto, caso não se esteja sonhando com a via férrea.

Es hat einen komischen Beigeschmack, dass man auf dem Flusse nicht fahren kann, weil er zu wenig Wasser hat, und dass man auf den Strassen nicht fahren kann, weil es zuviel Wasser hat. Nicht als ob man sich gerade Tümpel vorstellen müsste. Nein, Tümpel, sogar Flüsse sind keine Hindernisse, was man aber mit den üblichen Automobilen nicht besiegen kann, ist dieser seifige, glitschige Strassenbrei, den die Viehherden, wie einen Teig durchkneten und noch mehr in Schlamm verwandeln.

Oben am Westarm hinter Tayo ist Siedlungsland, wir versuchen, dorthin durzustossen. Es misslingt. Wir müssen umkehren, wenn wir nicht Gefahr laufen wollen, überhaupt nicht mehr umkehren zu können. Der Strassenkot ist mächtiger als wir.

Was tun? Warten? Dazu fehlt uns die Zeit. Die Fahrt auf der vorgesehenen Route ins Rio do Peixe-Tal hinüber wagen? Das ist zu riskant. Übrigens ist es hier nicht Sitte, in einer bestimmten Zeit etwas Bestimmtes tun zu wollen. Wer also nicht das gute Wetter und die damit fahrbar werdende Strasse abwarten kann, muss einen Umweg wählen, was im unserm Falle nichts anderes heisst, als dass wir wieder dorthin zurückkehren müssen, von woher wir gekommen sind, nämlich an der Grenze des Staates Paraná, um von Mafra aus mit der Eisenbahn den Anschluss an die Linie São Paulo - Rio Grande zu suchen und derart von oben her das Ziel erreichen.

So beugen wir uns denn vor dem Regen, der übrigens gerade jetzt gar nichts Tropisches an sich hat, sondern mit einer langweiligen europäischen Novemberart auf Beständigkeit deutet, und besteigen zum letztenmal unser Automobil, das uns nach Blumenau zurückführen soll und das auch wirklich tut.

Im untern Drittel der Fahrt hat die Landschaft Ähnlichkeit mit dem Jura. Der Itajahy könnte unsere Aare sein zwischen Aarau und Brugg. Bisweilen werden Fluss, Strasse und Eisenbahn eng zusammen gedrängt wie in eine Kluft. Dann kann man Anblick des strömenden Itajahy, des Zuges, der mit seinen 15 Passagieren gerade vorüberlärmmt (er fährt einmal im Tage hinauf und einmal hinunter), und der Strasse, auf der man steht, über der Widersinnige des Nebeneinanderherlaufens von Verkerslinien nachdenken.

Chove

É uma sensação estranha não poder navegar no rio porque tem pouca água e não poder andar na estrada porque tem água demais. Não é como se fossem charcos. Não, charcos e até rios não são obstáculos, o que não é possível vencer com os automóveis convencionais são os lamaçais, que as boiadas transformam em um atoleiro ainda maior.

Acima de Taió, no Braço do Norte, existe terra para colonização. Tentamos chegar até lá, mas fracassamos. Precisamos retornar, se não quisermos correr o risco de não poder retornar. A lama é intransponível.

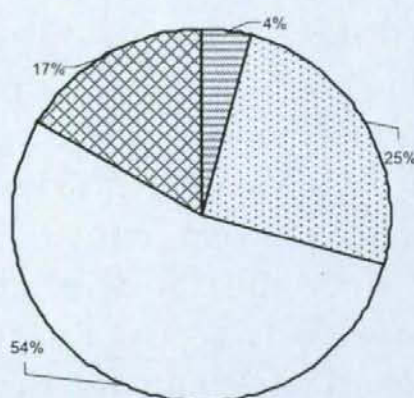
O que fazer? Esperar? Para isso nos falta tempo. É muito arriscado tentar a viagem, na rota prevista, ao vale do Rio do Peixe. Aliás, aqui não é costume realizar determinada coisa em determinado tempo. Quem não pode esperar por tempo bom e boa estrada deve procurar outro caminho, o que no nosso caso não significa outra coisa do que, retornar ao lugar de onde viemos, isto é, à divisa com o Estado do Paraná e, a partir de Mafra, com o trem procurar o entroncamento com a linha São Paulo - Rio Grande do Sul, a fim de alcançar nosso objetivo pelo outro lado.

Assim nos curvamos diante da chuva, que neste momento não tem nada de trópico, estando mais parecido com o mês de novembro na Europa. Embarcamos pela última vez no nosso automóvel para nos levar até Blumenau, o que realmente aconteceu.

Na terça parte final do trajeto, a região se assemelha à Europa. O rio Itajaí parece o rio Aare, entre a cidade de Aarau e Brugg. Em alguns trechos a estrada e a via férrea seguem muito próximas como num despenhadeiro. Ao olharmos a correnteza do rio, a passagem do trem com seus 15 passageiros (ele sobe e desce uma vez ao dia), mais a estrada na qual nos encontramos, refletimos sobre o paradoxo das vias de comunicação correndo lado a lado.

Algumas dessas unidades apresentam área bastante reduzida (menos de 10ha) e são colocadas numa condição de limite da propriedade, ocasionada pelo constante parcelamento da mesma. O parcelamento ou a subdivisão da propriedade ocorre à medida que os filhos vão constituindo sua própria família e, ao mesmo tempo, não vislumbram possibilidades de adquirir um novo terreno pelo seu baixo poder aquisitivo,.

Gráfico 1 -Área da propriedade dos integrados entrevistados



■ menos de 10ha ■ de 10 a 20ha □ de 21 a 50ha ■ 51ha e mais

Essa situação de pequena propriedade pode ser evidenciada na pesquisa de campo realizada no município de Quilombo no ano de 2000. Entre o universo de produtores integrados² entrevistados (30), mais de 80% dos mesmos possuíam propriedades de até 50ha, como pode ser observado no gráfico 1.

A agricultura familiar foi um fator importante para que grandes empresas suínícolas e avícolas (Aurora, Seara e Chapecó) buscassem, no município de Quilombo, a criação desses animais de forma intensiva. Outro fator dessa escolha é a proximidade (cerca de 60km) deste com as unidades industriais de Chapecó e, mais recentemente (1996), a implantação de um frigorífico de aves no próprio município.

Nosso trabalho foi realizado junto a essa parcela de produtores de agricultura familiar, os integrados. Sendo nossa meta principal, a análise do processo de subordinação desses trabalhadores às empresas e às diferentes formas e estratégias de exploração praticadas pelas mesmas.

A integração e as mudanças no cotidiano da família

Num momento inicial (entre a década de 40 e 50), no período da colonização, a agricultura do município de Quilombo, contava com a *força da terra* que se sustentava sem qualquer uso de agrotóxicos e/ou outros produtos químicos, sendo grande parte do trabalho realizado de forma manual. A *entreprajuda* solidária fazia parte do cotidiano dos agricultores de Quilombo que viviam com expectativas de melhorar suas condições de vida. No decorrer do tempo, com o advento da modernização da agricultura, sobretudo na década de 70, um número significativo dessas famílias passou a se integrar às indústrias, fornecendo suínos e aves como matéria-prima para as mesmas processarem. Junto com as novidades trazidas pela modernidade, chegaram também determinadas alterações socioeconômicas e culturais que refletiram no cotidiano dessas pessoas.

Ao atuarem num mercado em constante modificação e cada vez mais concorrido, as indústrias têm se utilizado de estratégias para implementar seus planos de ação no meio onde estão inseridas. Para RAFFESTIN (1993, p.42), que faz uma analogia do termo para fins militares, estratégia é a “... combinação de uma série elementos a serem convocados para chegar a um objetivo.”

Sendo assim, ao nos reportarmos às indústrias processadoras de carnes, observamos que elas também se utilizam de algumas estratégias, ou seja, elaboram planos para adquirir ou controlar mecanismos. Investem, principalmente, no melhoramento genético das matrizes animais para obterem um melhor produto final, de acordo com as constantes exigências do mercado. Para obter um produto (aves e suínos) de alta qualidade, as empresas repassam várias exigências aos produtores das matérias-primas, ou seja, aos integrados. Neste contexto, estes criadores são mediadores entre a inovação e os produtos qualificados.

Na suinocultura, uma exigência está associada à aquisição de animais que devem fornecer o mais baixo teor de gordura possível na carne. É exigido também um padrão de construção ou reforma nas instalações para os animais, de acordo com sua fase de crescimento e com o manejo dos animais, entre outros. Na avicultura essas exigências também estão associadas ao manejo, à aquisição de equipamentos destinados a proporcionar um ambiente cada vez mais adaptado à fragilidade das aves, como, por exemplo, aquecedores, ventiladores e bebedouros automáticos.

O espaço da suinocultura e/ou avicultura com que nos defrontamos é construído pelo trabalho de uma organização econômica familiar. Tanto a atividade suinícola quanto a avícola são desempenhadas, fundamentalmente, pela força de trabalho da família. Porém, nas fases que requerem mais mão-de-obra, a família recorre, também, à contratação do trabalho de outras pessoas.

A busca por esse tipo de trabalho ocorre, eventualmente, na agricultura e, com maior frequência (a cada entrega de lote de aves), no carregamento dos frangos.

Nas lavouras, os chamados *diaristas* (por receberem *por dia* de trabalho) ajudam a família no preparo do solo e na fase da colheita de produtos como feijão e milho. Já na integração, o trabalho contratado ocorre na fase de carregamento de frangos ou *galeto*s (denominação local) e, por isso, quem trabalha nesse serviço é chamado de *galeteiro*. No momento em que as aves estiverem prontas para o abate (quando o *integrado entrega* o produto para a empresa) o avicultor contrata uma empresa de carregamento de frangos e a mesma encarrega-se de levar até a sua propriedade, um número de *galeteiros* (de 10 a 16) de acordo com a quantidade de frangos a ser carregada. Normalmente, essas pessoas encontram-se desempregadas e residem na periferia da cidade de Quilombo.

A relação entre os pequenos produtores e as indústrias do Oeste Catarinense assemelha-se ao que já vinha ocorrendo nas décadas de 70 e 80: “o sacrifício dos sócios mais fracos em benefício dos sócios mais fortes”, (GUIMARÃES, 1982, p.94). Esse sacrifício faz-se necessário para o crescimento das grandes empresas detentoras de centenas de variedades de subprodutos destinados a um mercado exigente. A partir da década de 90, buscando um mercado maior e visando assegurar maior competitividade, as empresas reestruturaram suas organizações e uma das estratégias foi concentrar ainda mais a produção de suas matérias-primas.

Com a concentração da produção e, pode-se dizer, sem uma vontade política que apoiasse a agricultura, este setor da economia foi o mais rapidamente afetado. Os produtores rurais tiveram pouco tempo para se reorganizar e, assim, ficaram mais expostos à abertura dos mercados e à concorrência internacional. O resultado disso foi a exclusão de muitos produtores rurais, principalmente os considerados mais fracos.

Ao refletir sobre os trabalhadores da agricultura familiar, KROTH

(1999) constatou que as transformações tecnológicas, fruto do processo de modernização da agricultura e que atingiram consideravelmente as pequenas propriedades, alteraram o modo de vida das pessoas que vivem no campo. Para ela, as novas tecnologias (im)postas propiciaram mudanças nos valores da vida na roça. As famílias começaram a perceber que as relações de trabalho passavam por alterações em face das mudanças nas formas de financiamento dos bancos, a exemplo do que descreveremos a seguir.

Nesse contexto, muitas famílias fizeram financiamentos junto aos bancos para adquirir equipamentos e/ou produtos para a lavoura como adubos e outros insumos. Para saldar tais dívidas, parte dessas famílias necessitou vender maquinários agrícolas, animais e, até mesmo, parte ou todo o terreno. Algumas delas continuaram trabalhando na agricultura na condição de arrendatário, outras, porém, foram para as cidades em busca de trabalho remunerado. Aquelas que conseguiram permanecer na agricultura puderam presenciar a propagação de um progresso tecnológico prometido. Essa mesma tecnologia levou muitas famílias a mudarem seu modo de vida. Mudanças começaram a aparecer, por exemplo, na industrialização do leite, ao invés da produção artesanal do queijo; na utilização de agrotóxicos, ao invés da utilização de instrumentos manuais como a enxada para eliminar as ervas daninhas da roça, recorrer às indústrias, ao invés da autonomia da produção.

Com isso, novos valores chegaram, pouco a pouco, também ao espaço doméstico da vida do campo. Segundo KROTH (1992), a forma de comer e o que comer, também foi sofrendo alterações. As famílias começaram a se questionar: se deveriam continuar tomando o suco das frutas naturais ou comprar suco industrializado? Moer o milho lá da roça para fazer a polenta ou comprar fubá³ da Cooperativa? Outros exemplos podem ser acrescentados, como o de consumir margarina e não manteiga; substituir a banha suína por óleos vegetais.

Aos poucos, as ações do cotidiano foram passando por modificações e as *“mulheres agricultoras passaram a se questionar: “afinal, o que sobrava para a mesma, sendo que era ela quem dividia o seu tempo de trabalho entre a casa, o aviário e a roça?”* Estas e outras questões foram originando novas discussões no meio rural e na própria sociedade. Nesse contexto, emergiram diversas organizações e movimentos voltados às questões agrárias em defesa da vida da mulher e do homem do campo, num regime de economia familiar.

A luta constante para permanecer no campo pode ser evidenciada pelo trabalho dos pequenos produtores integrados no município de Quilombo. Estes, possuem um mercado garantido, porém, necessitam “*trabalhar como exige a empresa*”.

Quanto às inovações no meio agrícola, verificamos que, mais do que nunca, elas estão presentes. Tanto em relação aos equipamentos e insumos utilizados na lavoura, quanto aos equipamentos destinados à criação de aves e suínos - os produtos da integração. Pensamos que, a partir do momento em que os produtores investem valores elevados na aquisição dos equipamentos, eles não podem abandonar a atividade, tornando-se subordinados.

Nesse sentido, no município de Quilombo, também houve demonstrações de mudanças de hábitos da população, mudanças advindas do novo processo modernizante da agricultura. O cotidiano das famílias passou a apresentar uma lógica diferenciada daquela vivida nos primeiros tempos, imposta pela dinâmica do trabalho da integração. O uso do tempo ficou condicionado em função dos aviários, chiqueiros, entre outros, alterando sobremaneira os modos de vida das mulheres e dos homens da roça.

Muitas tradições e costumes foram sendo modificados ao longo dos anos. Assim, por exemplo, quando abatiam um animal (suíno ou bovino) era costume enviar em pedaço de carne para os vizinhos mais próximos. Poucas famílias ainda continuam vivenciando tal costume e quando o fazem é de maneira mais restrita, pois o tempo “*deve ser aproveitado ao máximo*”, segundo alguns depoimentos de integrados: “*... não dá mais tempo nem de ir na casa do compadre ou do vizinho para tomar uma cuia de chimarrão ao meio-dia. O aviário mesmo, temos que vigiar o tempo todo*”. Se não há mais tempo para a *roda do chimarrão*, tampouco haverá tempo para ajuda mútua, troca de favores entre vizinhos.

Outro costume alterado foi o de consumir galinha caipira. Os produtores de frangos integrados são impedidos de criar qualquer outro tipo de ave em sua propriedade. A empresa alega a possibilidade de propagação de doenças entre os diversos tipos de aves. Com a ordem da empresa, os produtores abandonaram a criação de outras aves como galinha caipira, galinhas poedeiras e marrecos. Um dos entrevistados relata o abandono da criação de galinhas diferentes daquelas da integração:

“... Nós tínhamos muitas galinhas comuns, galinhas caipiras criadas

soltas no pátio. A gente tinha também alguma galinha poedeira, elas estavam presas, na gaiola. Os ovos, a gente vendia e tinha um dinheirinho a mais, mas tivemos que parar de criar.(...) Tivemos várias brigas com os técnicos e precisamos parar.”

A decisão da empresa de não permitir tal atividade paralela à avicultura integrada pôs fim à criação de aves tipo caipira. A não-concordância por parte dos produtores implica penalidades como o fechamento do aviário, por exemplo.

Nesse sentido, quando necessitam e têm a possibilidade, esses produtores adquirem galinhas caipiras de outros que não são integrados. Com isso, o costume de comer galinha caipira em risotos e brodos⁴ que as famílias descendentes de italianos possuíam, nas festas comemorativas, acaba sendo limitado ou mesmo impedido.

Os criadores também são impedidos de retirar aves dos lotes para serem vendidas a terceiros. A possibilidade de retirada de aves do lote dá-se apenas em função do consumo na própria família do integrado. Os produtores podem retirar de cada lote (cerca de 14 mil) até 10 frangos. Quando ocorre a morte de animais, seja por sufocamento e/ou doença, os mesmos não podem, de forma alguma, serem reaproveitados. Nesse caso, há algum tempo, os animais vinham sendo enterrados em valas cavadas, na maioria das vezes, próximas ao aviário. Porém, com as constantes preocupações em manter os selos de qualidade ambiental, as empresas passaram a exigir a construção de um silo de compostagem.

O silo de compostagem constitui-se de uma construção de alvenaria, com pelo menos três divisórias onde os animais mortos são depositados. Em sua utilização, segue-se uma ordem de preenchimento completo de cada parte da construção. As carcaças dos animais são depositadas em camadas. Sobre cada camada é colocada uma outra de serragem para evitar a propagação do mau cheiro e para auxiliar na decomposição. Este material, após decomposto e seco, é utilizado na lavoura como forma de adubo. Uma agricultora integrada assim se referiu sobre o assunto:

“... o técnico pediu que a gente construísse este silo de compostagem. Lá fomos nós, gastando dinheiro outra vez. Mas, pelo menos, vamos ter o retorno do adubo que vai para a roça. Antes, a gente enterrava os animais e não aproveitava nada. Pelo menos, uma boa idéia da empresa!”

Além do citado, outros depoimentos confirmaram a existência de uma certa preocupação em adaptar, da melhor maneira, o que o técnico da empresa sugere ou exige. Os integrados, em sua maioria, procuram não contrariar as recomendações da empresa.

De acordo com os produtores entrevistados, a quantidade de perda de animais varia conforme a época do ano. No verão, principalmente, ocorrem mais mortes devido às altas temperaturas, associadas com a fragilidade dos animais. Outros associaram a perda de aves pela qualidade inferior dos lotes de pintinhos recebidos da empresa. Para eles, certos integrados recebem pintos que dão bons resultados e outros recebem lotes com qualidade variada, dificultando sua criação. Segundo os produtores, a heterogeneidade dos lotes implica um mau resultado final do mesmo: *“... quando os pintinhos chegam ‘feinhos’, são mais fracos e exigem mais cuidados. A gente se desdobra em cuidados e, mesmo assim, morrem com mais facilidade.”*

A preocupação em acompanhar as exigências da empresa demonstra a submissão que a maioria dos produtores do processo de criação de aves em grande escala se encontra em relação às empresas. Porém, o resultado do trabalho de toda uma família, mesmo não alcançando o que é desejado e/ou merecido, talvez seja a fonte principal de renda de muitos dos entrevistados e de tantos outros pequenos produtores de aves de Santa Catarina.

Marcas da integração

Na criação de animais de forma integrada, apesar de ocorrer uma concentração na produção tanto de suínos quanto de aves e os preços serem determinados pelas empresas, significativa parcela de produtores ainda se mantém inserida no processo. Para isso, eles necessitam aplicar continuamente recursos financeiros nas atividades de criação animal.

Nesse sentido, observamos que uma parcela de produtores não está conseguindo acompanhar o ritmo de exigências conduzido pelas empresas. Pensamos que estes produtores serão, talvez em breve período de tempo, retirados do processo produtivo de aves e excluídos desse sistema dito integrador.

A paisagem rural do município de Quilombo, portanto, é uma paisagem marcada por uma complexidade de formas e funções distintas entre si e em

diferentes tempos, lugares e pessoas, onde estão impressas muitas marcas das atividades em que a força de trabalho familiar predomina.

A modernização das atividades criatórias a partir da integração da pequena produção às empresas, ocasionou mudanças no modo de viver das pessoas do campo, como definições de o quê produzir, como produzir, para quem produzir, entre outras. Aos poucos, algumas dessas mudanças puderam ser percebidas no modo de viver dos pequenos produtores, nas diversas comunidades. Estas mudanças, decorrentes da integração, marcam com rupturas o distanciamento do produtor ao que um dia foi sua autonomia no processo produtivo. Percebemos ainda que a empresa integradora, como parte do sistema socioeconômico, acaba (des)integrando as poucas e breves relações entre vizinhos, entre famílias e, por conseguinte, entre as pessoas, relações sociais que ainda existem, em parte, naquela localidade.

O conjunto de ações que as empresas têm imprimido neste município, incidem diretamente sobre o espaço. Desse modo, ocorre a alteração ou preservação das formas e interações espaciais. Estas últimas são consideradas como sendo as “práticas espaciais”, por CORRÊA (1995). Este autor considera que essas práticas espaciais derivam das diferentes culturas de cada tipo de sociedade, das possibilidades técnicas que estas possuem, e que vão, por isso, fornecer significados diferenciados à natureza e à organização espacial antes já distinta. Tais práticas são adotadas pelas empresas no momento em que estas produzem sua organização espacial. As práticas espaciais resultam, portanto, de decisões tomadas que podem alterar o conteúdo do espaço ou mantê-lo inalterado, dependendo dos interesses em jogo. A construção da organização espacial dependerá dos objetivos da empresa e da função de cada unidade ou área submetida segundo as estratégias da empresa.

Nesse sentido, as práticas espaciais das empresas processadoras de carne que atuam em Quilombo refletem no espaço agrário onde atuam, junto aos outros atores, numa constante relação de poder, elas (re)definem sua territorialidade e modificam a paisagem com a dinamização das atividades agrícolas. Pudemos perceber que o espaço rural desse município está marcado por relações de poder entre as diversas empresas e os produtores integrados. Essas relações também estão expressas nas cores e logotipos que cada empresa imprime nas propriedades:

As instalações onde ocorre o alojamento dos animais são pintadas de

acordo com as cores das empresas em que os produtores estão integrados (PIZZOLATTI, 1996, p.04). Das empresas que atuam em Quilombo, duas delas destacam-se na avicultura: a Chapecó e a Aurora. A primeira utiliza as cores amarela e azul como padrão e a segunda, branca e laranja. Esse colorido, diferente de uma empresa para a outra, é uma característica da paisagem rural do Oeste Catarinense.

Assim, a paisagem rural do município enfocado está marcada, também, pelas cores da integração. Essas marcas na paisagem constituem-se apenas em mais uma demonstração do poder que as empresas exercem sobre os integrados. Marcar com as cores padronizadas tem o sentido de delimitar terreno ou (de)marcar território de sua atuação.

O lugar ou espaço da suinocultura/avicultura com que nos defrontamos, portanto, possui muitos outros espaços também (de)marcados, como em qualquer outro que se queira pesquisar. E o resultado obtido das atividades ali empreendidas corre parte do mundo. A paisagem de áreas como esta, “... *nada aponta sobre a orientação que toma o trabalho excedente daí extraído*”, conforme SILVA (1992, p.10). O resultado do que foi produzido, distribuído e trocado nas relações entre exploradores e explorados de tempos e lugares anteriores, esconde-se atrás de um pequeno grupo que, sem dúvida, vai obter lucro. Grupo este que não se encontra nos arredores da criação dos animais, mas é formado pelos grandes empresários e industriais, grupo de intermediários entre o produtor e consumidor.

A partir do momento da entrega, o produtor perde o contato com o produto por ele produzido. Os animais entregues à empresa levam consigo muito do trabalho do produtor. Este é o trabalho não pago, do qual a empresa se apropria. Portanto, as marcas mais profundas da integração são formadas por esta relação de opressão de muitas pessoas que estão subordinadas ao sistema de produção de alimentos.

Pesquisar sobre a agricultura familiar integrada de Quilombo, nos permitiu compreender que o trabalho dos pequenos produtores integrados é de suma importância para a construção e (re)construção do espaço agrário desse município. E que, mesmo trabalhando muito e de forma subordinada, esses trabalhadores ainda encontram forças para continuar sua trajetória de produtores de alimentos no lugar que escolheram para viver, ou seja, o município de Quilombo.

NOTAS DE FIM

¹ A marca Aurora pertence à Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. – Coopercentral. A empresa Seara faz parte do Grupo Bunge Alimentos - Divisão Ceval e a Chapecó que é denominada Chapecó Cia Industrial de Alimentos.

² Supomos que haja uma relação de subordinação dos pequenos produtores com as grandes empresas. E este é o sentido do termo *integrado* em nosso trabalho: criador de aves e/ou suínos subordinado aos grandes complexos industriais.

³ Fubá é a farinha de milho, uma das marcas de subprodutos da Cooperativa Regional Alfa, filial da Aurora. Esta empresa atua no município de Quilombo no processo de integração de suínos.

⁴ Estes são pratos típicos da culinária italiana e foram difundidos entre os seus descendentes. O risoto é à base de galinha caipira e arroz; o brodo é um caldo também composto a partir da galinha caipira. Os pratos citados eram comuns em comemorações de aniversários em que se reuniam as famílias dos aniversariantes e as famílias dos vizinhos, normalmente acompanhados por vinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. *In.*: CASTRO, Iná Elias de (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1995. 353p.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **A crise agrária**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2.ª ed. 1982. 362p. (O Mundo, Hoje; v. 29)

KROTH, Sirlei Antoninha. **Atalhos da luta: trajetórias e experiências das mulheres agricultoras e do Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina 1983-1993**. São Paulo - PUC, 1999. 151p. (Dissertação, Mestrado em História)

PERTILE, Noeli. **Marcas da “integração” na agricultura familiar de Quilombo, SC**. Florianópolis. UFSC, 2001. 190p. (Dissertação, Mestrado em Geografia)

PIZZOLATTI, Roland L. **Os pequenos produtores no Oeste Catarinense: integrados ou entregados?** São Paulo. USP, 1996. 343p. (Tese, Doutorado em Geografia Humana)

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. Tradução Maria Cecília França. São Paulo : Ática, 1993. 269p.

SILVA, Lenyra Rique da. **A paisagem do fumo em Tubarão**. Florianópolis, 1992. (Trabalho apresentado ao Departamento de Geociências da UFSC para provimento do Cargo de Professor Titular)

Artigos

Evangelischer Frauenverein Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau 1907-2002

TEXTO:
BRIGITTE
FOUQUET
ROSENBROCK*



A Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau (SESB) foi fundada em 2 de setembro de 1907, por um grupo de senhoras luteranas, tendo à frente o Pastor Mummelthey e sua esposa Mildred que fora enfermeira da Cruz Vermelha inglesa. Sua finalidade: dar assistência à gestante e parturiente, pois o número de falecimento entre elas era grande.

Lembramos aqui com respeito das sócias fundadoras: Caroline Probst, Nanny Kegel (Poethig), Johanna Hering, Maria Haertel, Elise Steinbach, Charlotte Hering, Auguste Schrader, Wanda Blohm, Hedwig Rischbieter, Appolonia Scheeffe, Hedwig Kuenzer, Agnes Sachtlebew, Elsbeth Koehler e Mildred Mummelthey. A primeira diretoria eleita ficou assim constituída: Pastor Mummelthey (membro vogal como até hoje continua sendo o Pastor da Paróquia Centro), Elsbeth Koehler, Nanny Kegel (Poethig), Wanda Blohm e Hedwig Kuenzer. Neste mesmo ano de 1907, mais senhoras ingressavam: Gertrud Gross, Hedwig Hering, Margarete Müller Hering, Helene Altemburg, Berta Odebrecht e Berta Brandes.

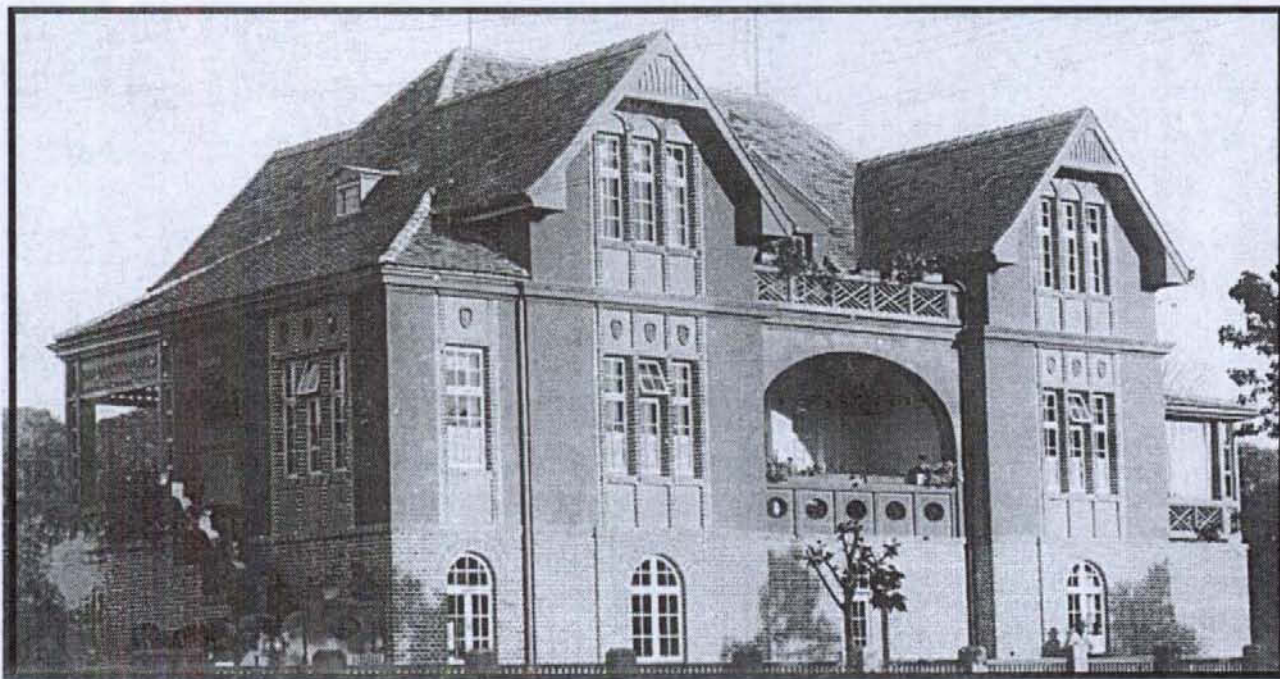
Em 1908, já com 67 sócias, foram estabelecidos os primeiros contatos com a Sociedade de Diaconisas de Zehlendorf, na Alemanha, e já no ano seguinte chegavam a Blumenau as duas primeiras irmãs diaconisas. Porém, nenhuma delas era parteira, iniciaram seu trabalho junto ao Hospital do bairro Vorstadt.

Sem perspectivas de que Zehlendorf enviasse uma parteira, em 1912 foram iniciadas negociações com a "Frauenhilfe fürs Ausland" (Assistência à mulher no exterior) de Wittenberg, Alemanha, e já no ano seguinte, em 1913, chegavam as primeiras diaconisas parteiras a Blumenau: Schwester Lina Jaguschke e Schwester

* Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos.

Gertrud Vogt. A primeira permaneceu por pouco tempo e foi substituída pela Schwester Johanna Müller. Irmã Gertrud Vogt serviu durante longos anos à sociedade blumenauense, primeiro como parteira e depois na direção de enfermagem do Hospital Santa Catarina. O trabalho destas duas irmãs diaconisas iniciou numa pequena casa na Alameda Rio Branco, onde hospedavam parturientes e de onde saíam para atender em casa. Em 1914, a SESB adquiriu um cavalo, o que veio facilitar o atendimento externo.

Em 1915, já eram 126 associadas. Logo, a idéia de construir uma Maternidade ficou sendo o objetivo do grupo. Em 1920, a Sra. Johanna Hering fez a doação de um terreno na Alameda Rio Branco (Kaiserstrasse), quase ao lado da casa em enxaimel ocupada pelas irmãs. Neste terreno seria construída a Maternidade "Johannastift" (Fundação Joana) em homenagem à doadora. O entusiasmo tomou conta de todas e a Sra. Gertrud Gross fez doação de 200 mil réis, grande quantia para a época. As associadas faziam suas contribuições mensais, reuniões de trabalhos manuais e bordados com cafés pagos e os trabalhos passaram a ser vendidos em bazares e rifas. E toda a renda ia para o fundo, no Banco para a construção.



Prédio da Maternidade Johannastift.

Em Assembléia de 1920, foram designados dois dias do mês para as reuniões de trabalho, mantidos até hoje. Em março de 1922, foi criada a comissão de

construção da Maternidade: Sr. Max Hering, Leopoldo Hoeschl e Elsbeth Koehler. Sendo o terreno em local de enchente, a construção seria de acordo, fundamentos altos. Em abril de 1922, era aprovado o projeto do Sr. Kaulich. Em julho de 1923, esteve em visita a Blumenau a irmã Bertha Dam, superiora da “Frauenhilfe fürs Ausland”. Em setembro de 1923, aniversário de Johanna Hering, era inaugurada a Maternidade Johannastift. Ainda em 1923, a Sra. Elsbeth Holetz doou uma faixa de terra de 450m, onde a irmã Bertha Kuehn preparou uma horta que durante muitos anos serviu à Maternidade.

Sempre mais senhoras inscreviam-se como associadas e o entusiasmo era crescente! Um privilégio que nem todos os grupos de Senhoras tiveram ao longo de sua história, a presença do Pastor em suas reuniões de trabalho.

O Pastor Metner, Pastor Dübers, Pastor Piske, Pastor Bruno Gottwald (Pastor Hugo Westphal), Pastor Valmor Weingärtner (Pastor Bruno Willrich) sempre alimentaram espiritualmente as reuniões de trabalho.

Com estas reuniões de trabalho desde 1907, iniciava no sul do Brasil um trabalho voluntário de Senhoras evangélicas luteranas, a OASE – Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, hoje espalhadas em todo o Brasil. O primeiro grupo de OASE já completou seu centenário, Rio Claro, no interior de São Paulo. Desde sempre a SESB teve suas “colaboradoras” que mensalmente visitavam as associadas para cobrança e manter contato. Hoje são entregues carnês.

De 1929 a 1933, a SESB manteve uma Escola de Economia Doméstica no bairro Bom Retiro, numa casa da família Hering, onde moças de Blumenau e cidades vizinhas aprendiam prendas domésticas com professoras especializadas vindas da Alemanha. Em 1933, quando a Escola fechou, as moças faziam um estágio de um ano na Maternidade. Lá moravam, faziam todos os serviços, desde cozinhar, limpar, ao atendimento de mães e bebês nos quais davam banho, trocavam, etc.,



Alunas da Escola de Economia Doméstica -1933

enfim, eram educadas para serem donas de casa, esposas e mães. Eram as “Haustöchter”, filhas da casa. Nos anos de 1928 a 1930 foram compradas novas áreas de terra, vizinhas ao Johannastift. Em 1931 e 1932 o prédio era ampliado, sendo sua inauguração em 31 de março de 1932.

A Segunda Guerra Mundial veio interromper temporariamente o trabalho das senhoras com a proibição de reuniões e a fala da língua alemã. O trabalho do Frauenverein parou. Só a Diretoria continuou com suas atividades, pois tinha a responsabilidade da Maternidade. Após a guerra houve o reinício dos trabalhos, com novo entusiasmo, surgiu a idéia de construção de nova e moderna Maternidade.

Em 1947, a Diretoria não mais aceitou sua reeleição. A nova Diretoria tinha como presidente: Irmgard Hafner (esposa do Dr. Antonio Hafner, o qual durante muitos anos serviu à Maternidade como médico); vice-presidente: Eva Schelling; 1.ª tesoureira: Vera Stodieck; 2.ª tesoureira: Hertha Neubarth; secretárias: Johanna Kaestner e Emmy Fey. Elsbeth Koehler foi nomeada presidente de honra, pelos 40 anos de presidente no comando da SESB.

Todas as forças se reuniram no projeto da Maternidade, que teve início com a compra do terreno no morro da rua Pastor Stutzer (livre de enchente), onde em junho de 1949, um novo sonho começava a tornar-se realidade com o lançamento da pedra fundamental.

Neste mesmo ano, faleceu Elsbeth Koehler, Irmgard Hafner renunciou e Hertha Hildebrand, filha única de Elsbeth Koehler assumiu, presidindo a SESB até maio de 1976.

Em 16 de setembro de 1951, era inaugurada a Maternidade Elsbeth Koehler, justa homenagem a quem dedicou uma vida à causa.

De 1923 a 1974, a Maternidade esteve sob a administração da Soc. Evangélica. Durante estes 51 anos, e mais os 10 anos antes, só com atendimento das irmãs parteiras, muitos blumenauenses lá nasceram. Dedicadas irmãs enfermeiras e parteiras, vindas da Alemanha, lá prestaram seus serviços. Elas participavam da vida das famílias blumenauenses e deixavam saudade.

Também grandes médicos “Frauenarzt” (médico de mulheres) prestaram seus serviços nas duas Maternidades: Dr. Antonio Hafner, Dr. Érico Niemeyer, Dr. Jacy Bruns e outros.

Em 1974, o Hospital Santa Catarina passou a administrar a Maternidade que funcionou até 1981. Em junho deste mesmo ano, o Hospital Santa Catarina instalou em dependências próprias junto ao Hospital, a Maternidade, recebendo como doação da SESB toda a instalação interna, desde o material cirúrgico a mó-

veis. Assim, a SESB dava início a um novo projeto, transformar e adaptar o prédio para um Lar de Idosos.

Em 1972, o Pastor Piske e D^a. Resilde que davam o apoio espiritual à “montagsgruppe”, o grupo alemão, sentiram a necessidade de renovação. Em maio deste mesmo ano, era criada a “Ala Jovem”, de senhoras mais jovens que passaram a reunir-se de duas em duas semanas, às quintas-feiras e é hoje o apoio do Lar Elsbeth Koehler. Da “montagsgruppe”, a maioria em idade avançada, continua se reunindo, mas sem atividades manuais. O importante para elas é a presença do Pastor, a união delas e o café. São tardes agradáveis nas quais algumas senhoras da Ala Jovem também participam. A SESB é uma sociedade aberta para quem quiser se associar como contribuinte ou como participante das reuniões. É Sociedade evangélica, mas recebe de braços abertos senhoras de qualquer religião que queiram participar. A Ala Jovem participa de congressos e outras atividades da OASE. Existe o Grupo da rua São Bento, que também é filiado a SESB.



Associadas numa tarde de bordados, os quais posteriormente eram vendidos no bazar realizado para arrecadar fundos - 1928.

Em maio de 1976, em assembléia, foi eleita para presidente a senhora Ilse Huesker, e vice-presidente Jutta Paul, que durante duas gestões (6 anos) presidiram

a SESB.

Em junho de 1981, após a transferência da Maternidade para o Hospital, foram iniciados os trabalhos de reforma do prédio para um “Lar de Idosos”.

O Sr. Harry Hahnemann supervisionou as obras, sendo de grande ajuda à Diretoria, pois juntos inspecionavam diariamente a obra.

Dia 27 de abril de 1982, era inaugurado o “Ancionato Lar Elsbeth Koehler”, com capacidade para 32 idosos.

Em maio deste mesmo ano, D^a. Ilse Huesker deixava o cargo e assumia em seu lugar, eleita em Assembléia, Brigitte Fouquet Rosenbrock, tendo como vice Elise Stodieck, por um período de 3 anos.

Em julho de 1983, aconteceu a grande enchente, que não atingiu o Lar, mas veio trazer mudanças na SESB. O tradicional bazar realizado antigamente no Teatro Carlos Gomes, mais tarde no Centro Cultural 25 de Julho, sempre no mês de novembro, deixou de ser realizado e as senhoras passaram a vender seus trabalhos nas dependências do Lar. Deu certo e continua até os dias de hoje.

Várias promoções fazem parte da programação anual: 2 galletos, 2 bingos, 2 cafés de Páscoa, 1 festa de Advento, e é nestas ocasiões que são realizados os pequenos bazares.

Em 1985, na assembléia de maio foi eleita Ruth Maiga Koschel para presidente, e Marlene Odebrecht para vice. Elas permaneceram no cargo por duas gestões (6 anos). Durante este período foram iniciados os trabalhos de ampliação do Lar. Era lançada a pedra fundamental dum prédio de três andares, com capacidade para mais 36 apartamentos. Neste ínterim, D^a Ruth adoeceu e Marlene Odebrecht assumiu a direção. D^a Ruth faleceu em junho de 1992.

Em maio de 1991, nova Diretoria era eleita. Para presidente Elise Stodieck e vice Brigitte Fouquet Rosenbrock, que permanecem até hoje em seu 4^o. mandato.

Vale lembrar que a história da SESB nestes seus 95 foi feita por voluntárias. Todas as pessoas mencionadas trabalharam e ainda hoje trabalham por amor à causa.

O espírito cristão sempre esteve presente em todos os nossos projetos, e hoje vendo o sucesso do Lar Elsbeth Koehler, cuja capacidade é de 65 idosos, temos a certeza que a iniciativa tomada há 20 anos foi acertada. Pois se sabe hoje que a tendência do ser humano é viver mais tempo! Isto obriga a sociedade a olhar com mais carinho para os idosos.

Sempre mais grupos terão que voltar seu trabalho para o idoso e oferecer-lhe melhor qualidade de vida!

Viagens ao pas-
sado: sobre uma
pesquisa em vá-
rios arquivos na
Alemanha

TEXTO:
SABINE KIEFER*



“Esta é uma descoberta bonita!”, respondeu o arquivista quando lhe falei excitadamente de um manuscrito original do Dr. Blumenau do ano de 1849, escrito na casa dos seus pais, em Hasselfelde, quase seis meses antes da partida definitiva para o Brasil, em março de 1850. Nesta carta, ainda não conhecida pelo público, direcionada ao Ministério do Interior do governo prussiano, ele tratava a emigração como uma questão social, elaborando mais uma vez as suas idéias de uma centralização da emigração alemã, como já havia feito num artigo publicado no livro do geógrafo Wappäus chamado *Deutsche Auswanderung und Kolonisation*, em 1846.

Este documento é o mais antigo achado durante uma pesquisa em vários arquivos na Alemanha. Esta pesquisa, planejada no início do ano 2000 - o ano comemorativo dos 150 anos de Blumenau - integrou-se ao projeto Resgate da Memória Histórica de Blumenau, que foi realizado e financiado pelo Instituto Blumenau 150 anos.

O objetivo desta pesquisa foi complementar o acervo do Arquivo Histórico de Blumenau, enriquecer a base de pesquisas, ter mais material para exposições, e, conseqüentemente, fortalecer a memória da cidade. A cidade de Blumenau sempre se destacou pelas diferenças que a criaram e estavam no berço da sua fundação: uma influência forte da cultura dos seus antepassados. Foram os imigrantes, no início exclusivamente da origem alemã, que num mundo estrangeiro, o território atual de Blumenau, faziam a história da cidade, através das suas índoles e das suas biografias. Além disso, ao longo da sua

* Antropóloga cultural. Mestre em Etnologia pela Faculdade de Filosofia, Departamento de Etnologia da Universidade de Colônia (Alemanha), com a dissertação intitulada “Blumenau, um caso de poder carismático” - 1992.

história, segmentos da sociedade blumenauense criaram fortes laços com as várias instituições da Alemanha, influenciando o cotidiano da cidade.

Para obter uma visão geral de documentos existentes em arquivos alemães, sobre Blumenau, foram visitadas as seguintes instituições: as duas filiais do Arquivo Nacional em Berlim e em Koblenz, assim como o Geheimes Staatsarchiv em Berlim, que possui toda a herança do império prussiano dos séculos XVIII e XIX, o arquivo central da igreja protestante, também em Berlim, e o arquivo do Ministério das relações exteriores, na época em Bonn, hoje em Berlim. Os arquivos de Hamburgo e Potsdam foram pesquisados para obter documentos a respeito de emigrantes singulares.

Em setembro do ano 2000, em torno de 1.800 cópias foram entregues ao Arquivo Histórico de Blumenau. Estas cópias só podem ser vistas como pedrinhas num mosaico que se chama História de Blumenau. A quantidade achada superou as expectativas da pesquisadora. Tanto no leste da Alemanha, nas regiões de onde os emigrantes vinham, existem arquivos que prometem ter documentos a respeito do imigrante que se dirigiu a Blumenau, quanto nos arquivos já pesquisados, acha-se ainda uma vasta documentação que pela falta de tempo não pôde ser pesquisada. Segue uma breve introdução dos documentos achados. Embora a documentação trazida seja incompleta, um resultado é claro: a história de Blumenau pode ser entendida como um processo complexo de encontros interculturais, caracterizado por várias fases, amistosas e tensas.

A carta do Dr. Blumenau de 1849 achada numa pasta de correspondências do Ministério do Interior é o único documento produzido antes da fundação da colônia. Enquanto o seu companheiro, Ferdinand Hackradt, estava cuidando da terra adquirida em 1848, o Dr. Blumenau, tendo retornado do Brasil no início de 1849, preparava a sua emigração definitiva, comprando as coisas necessárias para o seu empreendimento agrícola e negociando com os governos a respeito da emigração. Testemunho disso é uma carta achada na qual Dr. Blumenau, através de um estilo sistemático que lhe era peculiar, apresentava a idéia de como a centralização de emigração poderia funcionar sob a batuta do Estado. Em virtude de uma transformação da estrutura econômica, muitas pessoas de diversos estados alemães - só depois de 1871 existe uma Alemanha unificada - emigravam para os EUA. Para evitar a perda destes emigrantes para a cultura e a economia alemãs e assim manter a relação com os estados deixados, Hermann Blumenau queria tornar o ato individual de emigrar um

projeto governamental. Na visão dele, qualquer estado alemão deveria se comprometer com a organização da emigração e da colonização no país acolhedor sem atingir a soberania política deste. No sentido destas idéias, é apenas conseqüente que nessa carta ao Ministério do Interior, Hermann Blumenau descrevesse vários lugares no Sul do Brasil para onde se poderia emigrar. A existência do futuro território de Blumenau, ele só mencionou no final da carta, explicando que a partir de meados do ano seguinte poderia receber colonos sob condições favoráveis.

Junto com a carta do Dr. Blumenau acha-se a resposta negativa do Ministro. Como se sabe, uma centralização da emigração alemã nunca foi realizada, mas Hermann Blumenau conseguiu realizar seu projeto de colonização de forma bem sucedida, fundando uma cultura nova nos trópicos.[1]

Nas inúmeras pastas guardadas no arquivo Geheimes Staatsarchiv, onde a carta foi encontrada, encontram-se também os primeiros testemunhos sobre a colônia de Blumenau. Num relatório do cônsul prussiano Oriolla, de 7 de fevereiro de 1852, está escrito que o futuro da colônia ainda não podia ser previsto, diante das dificuldades existentes. Enquanto Oriolla estava com dúvidas de que os recursos fossem suficientes para poder desenvolver a colônia, o cônsul Heydebrand, sete anos depois, falava do florescimento da colônia, apesar de problemas com o sistema viário e os povos indígenas.

No ano da premiação da Colônia de Blumenau, em 1867, na exposição mundial em Paris, o Legado alemão, Theodor von Bunsen, escrevia uma carta ao Ministério de Agricultura, fazendo uma avaliação crítica do estado da colônia. Após ter visitado Blumenau, no final do ano de 1866, o Legado constatou:

“Não posso admitir que exista uma harmonia extraordinária em Blumenau. Não dá para negar o bem estar dos colonos, pelo menos em termos materiais, mas isto não é fruto de uma organização especial ou de instituições especiais, mas é, em primeiro lugar, mérito do Dr. Blumenau, e em segundo lugar, tem que ser atribuído à laboriosidade dos colonos, à produtividade da terra e às verbas concedidas pelo governo.”

A razão pela falta de uma “harmonia extraordinária” era, segundo Bunsen, uma briga entre os colonos em torno de pagamentos de impostos. Embora naquela época existissem conflitos internos na colônia, no arquivo de Hamburgo encontra-se um documento através do qual se percebe que em rela-

ção a um ponto havia uma unidade entre os colonos. Trata-se de um protesto assinado pelos colonos contra a política de emigração da Prússia.

Em março de 1865, o Dr. Blumenau viajou para a Europa, lutando em prol da colonização no Brasil porque o número de imigrantes tinha retrocedido em função do decreto chamado Heydt'sches Reskript, que entre outras coisas, proibia a propaganda emigratória sobre o Brasil. Enquanto o então cônsul do Brasil na Prússia, Visconde de Abrantes, chamava o emigrante alemão de "colono ideal", o clima diante do Brasil como um país de emigração era tenso na Prússia. Ao se folhear várias pastas de Geheimes Staatsarchiv, os assuntos principais da época revelam-se rapidamente. Além de discutir as questões de direito matrimonial e de distribuição da terra, assim como as atividades diversas de agentes de emigração, o foco da atenção era a observação da situação de imigrantes alemães nas fazendas Mucury e Vergueiro, o que resultou na promulgação do Decreto. Sustentando os esforços do Dr. Blumenau pela emigração para o Brasil, em torno de 550 colonos masculinos, oriundos de várias regiões alemãs, que se manifestaram contra esse decreto descrevendo a vida na colônia no protesto acima mencionado.

Os esforços do Hermann Blumenau junto com os colonos não foram bem sucedidos em termos políticos. O decreto somente foi anulado em 1896. Mas a viagem do Dr. Blumenau não foi em vão. Estudando as listas de navios partidos de Hamburgo para o Sul do Brasil, observa-se um aumento de número de imigrantes em 1868 e 1869. E no arquivo estadual de Potsdam foi possível, encontrar certificados de demissão[2] da Prússia de vários imigrantes que foram para Blumenau. Todo o imigrante precisava desse certificado para poder deixar o estado.

Tendo voltado da viagem em novembro de 1869, o Dr. Blumenau continuava se dedicando ao desenvolvimento do seu projeto de modo que a colônia de Blumenau foi elevada à categoria de município em 4 de fevereiro de 1880. Quatro anos depois, Hermann Blumenau deixou-a para sempre, seguindo com sua família para Braunschweig. Sem visitar Blumenau de novo, ele faleceu em 30 de outubro de 1899. Dr. Blumenau fundou uma cultura nova nos trópicos que se erguia pela própria força, sustentada por verbas diversas do governo brasileiro.

No final do século XIX, a forma como se via o imigrante alemão passou por uma transformação profunda tanto da parte da República brasileira

quanto da parte do Império alemão. O imigrante tornou-se objeto desejado dos projetos nacionais em ambos os países. A monarquia brasileira entendia a imigração como uma estratégia de povoamento. A partir de 1880, a questão da imigração foi integrada numa crescente discussão sobre a formação da nação brasileira. Assimilação e miscigenação, conceitos baseados nas teorias raciais da época, tornaram-se palavras-chaves nesta discussão que culminou na defesa da tese de branqueamento. Como modelo ideal de uma nação brasileira homogênea, pensava-se numa civilização branca e latina. Por conseqüência, o governo brasileiro promovia a imigração européia, mas via a preservação da cultura alemã pelos imigrantes com olhares céticos.[3]

Vivendo num país estrangeiro, numa situação extrema como os primeiros colonos em Blumenau, a manutenção da própria cultura era certamente um dos meios que ajudavam a enfrentar os desafios do novo cotidiano. Além disto, o objetivo do Dr. Blumenau era fundar uma colônia alemã. Ao mesmo tempo que no Brasil se discutia a formação da nação, na Alemanha Unificada, desde 1871, o emigrante alemão começava a ser alvo de medidas de apoio do governo alemão.

Enquanto o Dr. Blumenau não tinha recebido nenhuma verba de algum estado alemão para o seu projeto de colonização, a documentação mostra que na última década do século XIX ocorrem os primeiros pagamentos do Império alemão às instituições blumenauenses. No acervo do Ministério das Relações Exteriores, pasta 38780, Escolas Alemãs em Blumenau, depositado no arquivo nacional em Berlim, acha-se o deferimento de 1.000 marcos à Escola Nova Alemã, no ano de 1895. Na documentação achada, esta é a primeira prova de uma política modificada do Império alemão. Como pode-se entender esta situação?

Nos primeiros anos depois da unificação em 1871, era predominante a concepção da burocracia prussiana de que a relação entre Estado e cidadão se dissolveria definitivamente se este emigrasse do Estado. Conseqüentemente, a opinião do primeiro Chanceler do Império alemão, Bismarck, era de que “um alemão que emigrava não era mais um alemão.” [4] Assuntos principais da Era Bismarck eram a proteção da Alemanha recém-unificada diante dos poderes europeus e o fortalecimento da união interna dos 39 estados antigos. Depois que o seu sucessor, Caprivi, tinha tomado posse em 1890, começou-se a entender a emigração como parte da política comercial alemã, assim como o emigrante

alemão representante da germanidade.

No início do século XIX, a desunião dos 39 estados alemães e o domínio do sistema feudal impediu a formação de um nacionalismo alemão caracterizado pela potência política e pelo território coeso e vasto. Em compensação, desta fraqueza desenvolveu-se a idéia de que havia uma Nação por conta da língua e de uma cultura em comum. Essa concepção se radicalizou de tal forma que se passou a definir o povo alemão como uma comunidade supraterritorial de pessoas de origem comum e que a superioridade racial deveria ser protegida pela endogamia e pelo uso da língua.[5] No final do século XIX, esta concepção acabou influenciando a esfera política, justificando, num clima de imperialismo não-satisfeito, pretensões de expansão colonial. Por ter sido quase uma colonização isolada com uma forte presença de descendente de alemães, o Sul do Brasil foi objeto preferido destas considerações. Principalmente depois da Proclamação da República no Brasil, vários segmentos da sociedade de Império alemão esperavam a separação do Sul do resto do país.[6] Mas além dessas fantasias imperais, a concepção do nacionalismo serviu como base para incorporar o emigrante ao povo alemão. Num discurso no ano de 1896, o Imperador Guilherme II mencionou que a grande comunidade de alemães fora do Império deveria estar mais ligada ao país materno.[7] A seguir, promoveu-se ativamente a emigração, como mostra o trecho seguinte de um relatório de viagem do então Legado alemão no Brasil, Krauel. Foi ele o primeiro Legado - a partir de 1875. O Império alemão teve uma legação em Petrópolis que fez visitas às colônias de população alemã. Em todos os arquivos pesquisados, achou-se este relatório, o que acentua a importância do mesmo.

Depois de uma viagem pela região de Blumenau, em 1897, ele escreveu:

“... que o instrumento mais efetivo é o envio de mais colonos para aquelas regiões. Sem mandar humores frescos da linhagem da força alemã, os germens plantados na terra brasileira são expostos de secar e degenerar, ainda que se desenvolva tão favorável. Sob este ponto de vista, simpatizo com a modificação do chamado Heydt'sche Reskript e a intenção da sociedade de colonização recém-fundada em Hamburgo de fundar uma colônia de agricultores em suas terras adquiridas no estado de Santa Catarina. Os meios financeiros daquela sociedade que tem um capital de 115.000 marcos, são poucos para uma colonização de porte maior, mas para os interesses ultramarinos da Alemanha é importante que se comece com a organização razoável da emigração por

parte de uma instituição certa.”

Logo depois, a colônia Hansa foi fundada pela Sociedade Colonizadora Hanseática de Hamburgo. A respeito desta fundação encontram-se documentos tanto no Arquivo em Hamburgo quanto no Arquivo Nacional em Berlim. Além de declarar uma política de colonização mais ativa, o governo do Império alemão começou a subsidiar várias instituições no Sul do Brasil para fortalecer e preservar a germanidade. Além do relatório do Legado Krauel, as impressões da situação nas colônias, feitas pelo Cônsul Koser no Rio Grande do Sul, fizeram com que o governo alemão mudasse a sua atitude política diante dos emigrantes alemães e seus descendentes. Depois de uma viagem ao interior em 1892, o Cônsul Koser caracterizou os colonos como “indolentes” quando tratava de questões ligadas à germanidade.[8] Por isso, nos arquivos visitados, observa-se uma correspondência vasta sobre as diversas questões de apoio por parte de governos alemães durante quase cinco décadas, até 1940. Assim, temos hoje uma série de fontes valiosas que permitem lançar um olhar sobre o convívio da comunidade de Blumenau e a sua evolução.

A partir do ano de 1895, o ano do primeiro pagamento à Escola Nova Alemã, houve um apoio regular por parte do Império alemão, não só à Escola Nova Alemã, mas a várias escolas particulares. Segundo os estudos históricos é incontestável que as escolas, enquanto lugares de educação, eram um meio importante para a preservação da germanidade.[9] Por isso, não é surpreendente que em vários arquivos se encontre um grande volume de documentos a respeito de escolas no Sul do Brasil. O Arquivo Nacional em Berlim tem seis pastas volumosas somente a respeito de escolas em Blumenau abrangendo o período de 1891 até 1914. O acervo do departamento de Cultura do Ministério das Relações Exteriores, depositado neste arquivo, tem mais cinco pastas contendo uma vasta correspondência sobre o apoio para a Escola Nova Alemã, compreendendo o período entre 1915 e 1935, e sobre o apoio às demais escolas. Com relação a estas últimas, há somente correspondências entre 1910 e 1915.

Destas documentações, foram trazidas em torno de 400 cópias de requerimentos, aprovações, relatórios, estatísticas e cartas ao Arquivo Histórico de Blumenau. Este material revela discussões sobre os mais diversos assuntos referentes às escolas, como a situação financeira, o envio de professores e diretores da Alemanha, o uso dos livros didáticos e os planos de construir novos prédios. Já em 1891, Pastor Faulhaber, a quem foi entregue em 1890 a orienta-

ção geral da Escola Nova Alemã, escreveu um requerimento pedindo verbas para a construção de um novo prédio que não foi aprovado pelo Ministério de Relações Exteriores Alemão. Em 1914, quando se discute novamente sobre a extensão desta escola, até o filho do Dr. Blumenau, Hermann Blumenau, interferiu escrevendo uma carta ao Ministério das Relações Exteriores.

O material trazido dos arquivos da Alemanha, além disso, também permite ver as influências das políticas nacionais, tanto do Brasil quanto da Alemanha. Artur Köhler, redator do jornal *Urwaldsbote* e cunhado do então cônsul honorário da Alemanha, F. Blohm, constatou a falta de líderes alemães, pronunciando-se sobre os objetivos do ensino, numa carta ao Ministério, em 1913. Três anos depois, em 1916, o Consulado alemão em Desterro lamentou a falta de professores alemães em função da Primeira Guerra Mundial. O então diretor da Escola Nova Alemã, Sr. Wirth, escreveu sobre as providências no campo do ensino tomadas pelo governo brasileiro, em 1922. No ano 1917, depois que o Brasil tinha declarado a guerra contra Alemanha, o uso do idioma alemão foi proibido. Embora tenha se liberado novamente a imigração com o final da guerra, os governos estaduais, responsáveis pela administração de escolas, tomaram conta do ensino, dificultando as condições de existência das escolas alemãs.[10] Na década de 20, depois da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha vivia um período curto de democracia. Surgiu, no Brasil, um conflito entre os representantes da ideologia da germanidade e a diplomacia alemã, representando a República de Weimar. Num relatório de 12 de novembro de 1928, o Consulado alemão de Florianópolis reclamou do conteúdo de artigos tratando ocorrências na Alemanha, publicados pelo jornal *Urwaldsbote*. Já no início deste ano, houve uma troca de correspondências a respeito de uma briga entre Sr. Boettner, professor da Escola Nova Alemã, e a redação deste jornal tratando as diferentes opiniões políticas.

Documentos referente às escolas em Blumenau, entre outros assuntos interessantes, podem ser procurados também no Arquivo Central da Igreja Protestante em Berlim. Essa pesquisa não foi aprofundada porque na época a Igreja Protestante em Blumenau externou sua intenção de mandar fazer uma cópia do acervo todo.

Mais uma fonte de documentos a respeito das escolas alemãs é a herança do Instituto Alemão para o Estrangeiro que se encontra no Arquivo Nacional em Koblenz. O objetivo principal desse Instituto, fundado em Stuttgart

no ano de 1917, era colecionar, arquivar e divulgar material sobre os alemães e as pessoas da origem alemã que viviam fora do território alemão.[11] Milhares de documentos (o número exato não se sabe) e sobretudo o que muitos deles dizem, evidenciam a importância do trabalho deste Instituto. Ali acham-se, na maioria, folhetos comemorativos e relatórios anuais de várias instituições de Blumenau como, por exemplo, de hospitais, pensionatos, sociedades de caça e tiro, clubes de esportes e sobretudo das escolas. Mas a documentação não só contém dados oficiais, mas também olhares íntimos sobre as aulas. Neste sentido, destacam-se as redações sobre uma citação do então Chanceler von Hindenburg. Como exemplo desta citação, os alunos da Escola Nova Alemã, fizeram uma reflexão a respeito da relação entre os descendentes de origem alemã e o país materno Alemanha. Através da leitura desses relatos, sendo testemunhas do caráter político do ensino naquela época, tem-se uma idéia da intensidade com que o Instituto acompanhava as atividades em Blumenau.

Ideologicamente falando, o Instituto acabou sendo aceito como uma ponte da ligação entre o “povo alemão” dispersado no mundo e a Alemanha, como se fosse o destinatário das provas da germanidade em Blumenau. O mesmo tipo de relação pode ser observado também no caso da “União alemã dos cantores”, que agia em nível nacional no Brasil. Além de folhetos e relatórios anuais existem vários manuscritos feitos por Max Humpl, integrante desta entidade. Ele se destacou pela colaboração com o Instituto em Stuttgart, mandando históricos, listas de integrantes, atas de reuniões e um hino cujo compositor era ele mesmo. E além disso, no ano de 1927, foi mandado um trecho do diário de um participante de um encontro de cantores, contando detalhes sobre este evento. Através de sua leitura, se percebe detalhes do ambiente em Blumenau daquela época.

O governo do Império alemão promulgou uma lei de emigração, em 1897. Um ano antes, em 1896, a Sociedade Colonizadora Hanseática tinha fundado a Colônia Hansa, em Santa Catarina. Existem documentos do departamento chamado Controle da imigração à Província de Santa Catarina, cuja instalação foi, sem dúvida, fruto da nova postura diante a emigração, por parte do governo. A pesquisa destas 16 pastas, depositadas no Arquivo Nacional em Berlim, oferece mais documentos sobre acontecimentos em Blumenau. A primeira destas pastas, a única que pôde ser pesquisada durante a investigação (?), contém, entre outras coisas, uma documentação sobre os fatos referentes à elei-

ção do Superintendente Municipal Bonifácio da Cunha que tomou posse do cargo a 2 de janeiro de 1899. Três meses depois, o Cônsul alemão em Florianópolis descreveu detalhes sobre as desavenças havidas entre os “lusobrasileiros” e “teutobrasileiros”, com objetivo de fazer Bonifácio da Cunha renunciar do cargo e sobre a arbitragem feita por Hercílio da Luz.

Com respeito à compreensão que se tinha sobre o tema germanidade, há documentos sobre o assunto no Arquivo do Ministério das Relações Exteriores, especialmente quatro pastas intituladas “Documentos a respeito do apoio da germanidade no Brasil” do departamento “Cultura”, contendo correspondências de 1919 até 1936, assim como várias pastas do departamento “Política”, como, por exemplo, as “Representações diplomáticas e consulares no Brasil” e “Germanidade no Exterior” de 1920 até 1927, e “Propaganda política e cultural no Brasil” e “Consulado Impérial em Blumenau”, de 1891 até 1912.

Documentos do Consulado em Blumenau, desde sua instalação, em 1868, até 1890, se encontram no Arquivo Nacional em Berlim, mas somente sobre a sua organização e a nomeação de cônsules. Destaca-se o certificado de nomeação de Víctor Gärtner, sobrinho do Dr. Hermann Blumenau, do ano de 1868. De Gärtner existe também uma carta de 26 de maio de 1871, no arquivo em Hamburgo. Conforme a compreensão da emigração como parte da política comercial, se encontram relatórios de 1899 até 1903, sobre a situação econômica na região de Blumenau, numa pasta denominada “Consulado de Blumenau”, depositada no Arquivo Nacional de Berlim. Olhares íntimos sobre a comunidade blumenauense se revelam na leitura dos documentos a respeito do Consulado, encontrados no Arquivo do Ministério das Relações Exteriores. Os temas principais são a procura de um sucessor para o Cônsul Salinger, um conflito entre ele e o Dr. Gensch, em 1902, a discussão em torno do fato de que um checo coordenou a construção da ferrovia, em 1909, e um pedido feito principalmente pelos alemães recém-imigrados em 1912, de substituir o consulado honorário por um consulado oficial, solicitando uma maior valorização dos seus interesses por parte do “país materno”, a Alemanha.

A documentação das demais pastas, acima mencionadas, falam de uma maneira geral da situação da germanidade no Sul do Brasil como era percebida pelos respectivos legados alemães e das várias medidas tomadas pelo governo alemão no sentido de preservá-la. Em 1925, o Legado Knipping escreveu um relatório confidencial chamado “Conservação da germanidade e o seu papel na

política brasileira”. Neste, ele insistia na separação entre a cidadania brasileira e o pertencimento ao povo alemão conforme a ideologia da época. Somente como alemães, os imigrantes e os seus descendentes, dizia ele, conseguiriam proteger as suas qualidades, o que eles, como cidadãos brasileiros, poriam em jogo para a construção do Brasil.[12] Só para lembrar, naquela época, no ano de 1927, 66% da população falava o idioma alemão como língua materna na cidade de Blumenau, segundo o Dicionário da Germanidade nos Países Estrangeiros.[13] No ano de 1925, o Legado brasileiro da Sociedade de Nações, Afrânio Melo Franco, disse num discurso chamativo, que o governo brasileiro não garantiria a proteção da autonomia cultural de minorias. Nove anos depois, na Constituição Brasileira de 1934, foram cortadas sistematicamente as liberdades de pessoas estrangeiras e de brasileiros de origem estrangeira.[14]

Nas primeiras décadas do século XX, duas ideologias de nacionalismo estavam, incompativelmente, face a face, no cotidiano de imigrantes alemães e de seus descendentes no Brasil. O antagonismo pode ser resumido na seguinte maneira. Enquanto as palavras-chaves da formação da nação brasileira eram assimilação e miscigenação das culturas existentes daquela época, a ideologia da germanidade defendia a preservação desta identidade e a segregação racial. Conseqüentemente, as pessoas da origem alemã envolvidas na vida pública do Brasil, foram chamadas de renegadas. E dentro da visão da sociedade brasileira, o antigo colono ideal se transformou num perigo para a Nação brasileira, daí o chamado perigo alemão.[15]

Este conflito em torno da definição de identidade dos imigrantes alemães e os seus descendentes se tornou agudo na década 30. Depois da revolução do ano 30, o governo de Getúlio Vargas percebia o ensino como um dos meios decisivos para se construir uma nação. Já em novembro do ano de 1930, foi fundado um Ministério de Educação e Saúde. Todos os professores em Santa Catarina tinham que passar por exames nas seguintes materias: língua portuguesa, história e geografia brasileira, segundo um decreto de janeiro de 1931. Tanto o cumprimento ofensivo deste decreto, quanto a Promulgação da Constituição de 1934 anunciavam a forçada nacionalização do ensino, de 1938.[16]

Na Alemanha, Adolf Hitler, o líder, como ele se chamou, do partido nacional socialista, NSDAP, foi nomeado chanceler a 30 de janeiro de 1933. A partir desta data, a ideologia nacionalista se radicalizou de diversas maneiras. A comunidade supraterritorial de pessoas de uma cultura e um idioma passou a

ser vista como uma comunidade unida pelo sangue. Um racismo intensificado pelo ideal do homem nórdico junto com um antisemitismo forte era a base da soberania ditatorial de Hitler. Seleção racial, pureza da raça e a exterminação de vida indigna eram alguns dos tópicos do nacionalsocialismo para designar a evolução da sociedade ou, na linguagem da época, do corpo de povo. Imaginava-se esta comunidade unida pelo sangue como um corpo, o chamado corpo de povo, ao qual cada indivíduo era subjugado. O valor do indivíduo se reduzia à sua utilidade para o corpo de povo.[17]

Dois meses depois da posse, Hitler finalmente segurou a sua posição como ditador, promulgando a lei de sincronização, quer dizer, o poder político foi centralizado e o federalismo foi extinto, sendo dissolvidas todas as instituições políticas estaduais e municipais da era democrata. Os demais partidos e os sindicatos foram proibidos. Em compensação, o partido nacionalsocialista fundou vários departamentos que começaram a infiltrar no cotidiano da população alemã, como p.e. uma associação para a juventude, uma para as mulheres, para as diversas profissões e, o que interessa neste texto, outra para os alemães e os seus descendentes.

A década de 20 também foi caracterizada na Alemanha por uma forte emigração, em função da crise econômica. De 1919 até 1932, 141.261 imigrantes alemães chegaram à América do Sul, 58.543 somente no Brasil. Só para comparar, do início do século XIX até 1918, o final da Primeira Guerra Mundial, a América Latina recebeu um número de imigrantes somente um pouco maior, um total de 149.516 alemães.[18] Os emigrantes da década 20 traziam qualificações profissionais especializadas ao Brasil. Conseqüentemente, os chamados novos-alemães mudaram o perfil da cidade de Blumenau e contribuíram para a aceleração da industrialização.[19] Eles também trouxeram conhecimentos sobre o partido NSDAP e a sua ideologia, mas não somente eles, se veiculava a ideologia nazista através da imprensa também.

Durante a década de 20, o partido nacionalsocialista já agia a nível nacional na Alemanha. Nas eleições de 1924 e de 1928, o partido não teve muita repercussão. Em 1928, somente foi representado por 12 deputados na Assembleia Nacional. Mas a partir do ano de 1929, ano da crise da economia mundial, vivia um primeiro apogeu ganhando mais votos nas eleições, havendo muitos alemães se filiando. Antes da posse de Hitler, em 1933, no Brasil, assim como em toda América Latina, já tinham se fundado esporadicamente alguns grupos

nacional socialistas.[20]

Até a posse de Hitler em 1933, a Organização para o Exterior do partido nacional socialista, fundada em maio de 1931, tinha a intenção de instruir os alemães e os seus descendentes sobre o trabalho do partido. Logo depois da promulgação da lei de sincronização, os filiados, cujo número era baixo em comparação com o número de imigrantes, mudaram a estratégia do seu trabalho no Exterior. Em 1º de setembro de 1932, o partido nacional socialista tinha 504 filiados no Brasil. Cinco anos depois, o partido tinha cerca de 3.000 filiados.[21] O seu objetivo era conseguir realizar a sincronização das associações alemãs nos respectivos lugares. Os meios eram os mais diversos, infiltrar nas associações já existentes, fazer com que os membros assumissem a presidência destas ou fundar novas associações. Conseqüentemente, através desta tentativa de uniformar a estrutura social das colônias alemãs, o partido nacional socialista passou a definir o significado de ser alemão, do que era ser nacional socialista.[22] Essa equação provocou conflitos na vida social de respectivos lugares como p.e. em Blumenau, embora os elementos singulares da ideologia nacionalsocialista estivessem de acordo com as perspectivas de diversos jornais locais.[23]

Tanto no Arquivo Nacional de Koblenz quanto no Arquivo do Ministério das Relações Exteriores, encontram-se correspondências, principalmente do Artur Koehler, redator do jornal *Urwaldsbote*, sobretudo sobre os propósitos do NSDAP de tornar a germanidade de Blumenau um objeto da política partidária. Artur Koehler era um zeloso autor de cartas naquela época. Foram encontrados relatórios dele ao Marcos Konder, quando este estava na Alemanha, cartas ao Sr. Faulhaber, da então colônia Neu-Württemberg, cartas também a destinatários na Alemanha, respectivamente ao Ministério de Relações Exteriores em Berlim, ao Sr. Steinacher, presidente da Associação pela germanidade no exterior, uma instituição que antigamente se preocupava com as escolas alemãs no mundo. Baseado nas restrições sofridas durante a Primeira Guerra Mundial, Artur Koehler indicou sobretudo os perigos que as atividades do partido representavam e a diferença ideológica entre as pessoas de origem alemã que moravam fora da Alemanha, e os cidadãos alemães pertencentes ao Reich. Em março do ano de 1937, o vereador Goetz de Stuttgart, incumbido pelo Instituto Alemão do Estrangeiro sediado em Stuttgart, visitou a cidade de Blumenau durante uma viagem por vários países. Nesta ocasião, o conflito em

torno das atividades do NSDAP em Blumenau também foi debatido, como revela a documentação deste Instituto. Algumas personalidades, entre outras Curt Hering, prefeito de Blumenau na década XX, entregaram cartas ao Goetz, manifestando as suas opiniões.

O ano de 1938 foi um ano decisivo na história de Blumenau como em outras cidades onde moravam imigrantes alemães e descendentes alemães. Através de vários decretos, o ensino foi nacionalizado. Conforme uma das determinações, os diretores tinham que ser brasileiros natos e os livros de escola deveriam ter um caráter de brasilidade. Conseqüentemente, o apoio às escolas por parte do governo alemão foi reprimido, e a ideologia da germanidade perdeu um dos seus representantes. Além disso, os grupos do partido nacionalsocialista e outras associações relacionadas ao partido perderam o seu direito de existência. Seis meses depois da declaração do Estado Novo, a 18 de abril de 1938, o decreto nº 383 foi promulgado, proibindo as atividades políticas de estrangeiros. Este decreto e aqueles que forçaram a nacionalização do ensino influenciaram drasticamente as ocorrências a nível local. Muitos foram à Alemanha, as sociedades recreativas mudaram de nome e se submeteram às novas normas estabelecidas pelo decreto nº 383. É claro que estes decretos que tinham reflexos fortes na estrutura social de Blumenau também eram assuntos a nível da diplomacia. Como os governos dos dois países, mais precisamente suas representações diplomáticas comentaram e ao mesmo tempo lidaram com esta situação conflituosa? Para achar respostas, as pastas R 104939 até R 104942, catalogadas sob o título Relações políticas do Brasil com Alemanha, relativas a 1936 até 1939, depositadas no Arquivo do Ministério de Relações Exteriores, contém informações valiosas sobre a perspectiva alemã a este respeito. Telegramas, relatórios, até confidências, e anotações sobre conversas com a diplomacia brasileira por parte da embaixada alemã revelam as contradições da situação e o fracasso de uma diplomacia rígida.[24] Um dos últimos documentos destas pastas, trazidos para o Arquivo de Blumenau, é uma anotação com data de 18 de março de 1939 sobre um depoimento de Presidente Vargas, dizendo que ele ficaria feliz com o melhoramento da relação entre os dois países. Mas como o caro leitor sabe, no ano de 1939 ainda não se estava no final da crise política nem do conflito em torno dos imigrantes alemães e os seus descendentes, bem como dos de outras etnias. No ano de 1942, o Brasil entrou na Guerra ao lado dos Aliados e as relações diplomáticas com Alemanha foram cortadas. Antes - este é o docu-

mento mais recente da toda documentação trazida ao Arquivo Histórico de Blumenau - a 29 de julho de 1941, Artur Koehler escreveu uma matéria chamada “Urwaldsbote pela última vez em alemão” que ele mandou ao Instituto Alemão de Estrangeiro em Stuttgart. Esta descrição de história de Blumenau, através da documentação trazida, encerra este momento de silêncio conflituoso e violento entre os dois países.

Quase 100 anos passaram da carta do Dr. Blumenau a respeito das suas idéias de colonização até a matéria escrita por Koehler e o fim da edição de um jornal em alemão em Blumenau. Documentos depois da Segunda Guerra não foram trazidos porque não existem ou ainda não são acessíveis ao público, porque o prazo para sua liberação ainda não venceu. Mas hoje, 60 anos depois, os tempos são outros, como o leitor sabe. O auge da crise do processo intercultural foi superado, e os paradigmas mudaram: a ideologia da germanidade não tem mais importância na política da República Federal da Alemanha, depois da Segunda Guerra Mundial, e a valorização de conceitos como assimilação e miscigenação cedeu a favor de uma imagem do Brasil enquanto um mosaico de culturas. Mas falar sobre isto, seria outro assunto.

As viagens aos arquivos foram viagens ao passado de Blumenau e os documentos são testemunhas deste passado. Gosto de me lembrar daquele arquivista do Geheimes Staatsarchiv em Berlim exclamando: “Esta é uma descoberta bonita.” Quanto à documentação trazida, desejo que ela cause bastantes descobertas e ajude a compreender e complementar a memória da cidade de Blumenau.

NOTAS DE FIM

1. A respeito da biografia e da obra do Dr. Blumenau veja: Blumenau, Hermann Bruno Otto, 1899 -1999. **Um alemão nos trópicos**. 1999.
 2. Cada emigrante da Prussia tinha que participar a saída à policia, quer dizer, ele era libertado do serviço militar e outras obrigações e perdia os seus diretos como membro do estado da Prussia.
 3. Seyferth, 1990, pg. 9-12. Seyferth, 1995, pg. 15-20. Paiva, 1984, pg. 178-180.
 4. von Hagen, 1913, pg. 24.
 5. Seyferth, 1990, pg 30 - 33, Emmerich, 1971, pg. 79 - 94.
 6. Brunn, 1971, pg. 66, 119 e 125.
 7. Brunn, 1971, pg. 165.
 8. Brunn, 1971, pg. 69 e 139.
 9. Brunn, 1971, pg. 179 - 185. Paiva, 1984, pg. 55 - 63. Rinke, 1996, pg. 352 - 367. Gaudig, 1997, pg. 435. Müller, 1997, pg. 161.
 10. Rinke, 1996, pg. 347. Paiva, 1984, pg. 66 - 69.
 11. Rinke, 1996, pg. 330. Brockhaus, 1923, pg. 107.
 12. veja Schaden, 1954. veja Oberacker, 1960.
 13. Handwörterbuch des Grenz- und Auslandsdeutschtums, Tomo I, pg. 480 - 481
 14. Rinke, 1996, pg. 320. Müller, 1997, pg. 285.
 15. Paiva, 1984, pg. 55 - 63. Seyferth, 1990.
 16. Rinke, pg. 348 e 364. Paiva, 1984, pg. 155 - 187. Müller, 1997, pg. 284 - 286.
 17. Byer, 1995, pg. 71 - 77. Schmuhl, 1993, pg. 182 - 193.
 18. Rinke, 1996, pg. 293 - 296
 19. Petry, 1996, pg.1
 20. Gaudig, 1997, pg. 117 - 131. Müller, 1997, pg. 117 - 127. Rinke, 1996, pg. 401 - 412.
 21. Müller, 1997, pg. 127
 22. Müller, 1997, pg. 160- 162, 206. Rinke, 1996, pg. 404.
 23. Gaudig, 1997.
 24. veja Gaudig, 1997, pg. 393 - 400, Müller, 1997, pg. 305 - 316
- Blumenau, Hermann Bruno Otto, 1899 -1999. **Um alemão nos trópicos**: Dr. Blumenau e a politica colonizadora no Sul do Brasil. Ferreira Cristina & Sueli Petry (org.). Blumenau, 1999.
- Brockhaus - Enzyklopädie. Mannheim, 1923.
- Brunn, Gerhard. **Deutschland und Brasilien**, 1889 - 1914. Köln, 1971.
- Byer, Doris. **Zum Problem eindeutiger Klassifikation**. Diskursanalytische Perspektiven der Forschungen über Völkerkunde und Nationalsozialismus. Em: Thomas Hauschild (ed.). *Lebenslust und Fremdenfurcht - Ethnologie im Dritten Reich*. Frankfurt am Main, 1995.
- Emmerich, Wolfgang. **Zur Kritik der Volkstumsideologie**. Frankfurt am Main, 1971.
- Gaudig, Olaf & Peter Veit. **Der Widerschein des Nazismus - Das Bild des Nationalsozialismus in der deutschsprachigen Presse Argentiniens, Brasiliens und Chiles 1932 - 1945**. Berlin, 1997.
- von Hagen, Maximillian. **Bismarcks Stellung zum Auswanderungsproblem**. Em: *Die Grenzboten*, 72.1. Berlin, 1913
- Handwörterbuch des Grenz- und Auslandsdeutschtums**, editado por Carl Petersen e outros, 3 vol.. Breslau, 1933 - 1940.
- Müller, Jürgen. **Nationalsozialismus in Lateinamerika - Die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien, Chile und Mexiko 1931 - 1945**. Stuttgart, 1997.
- Oberacker, Karl Heinrich Jr. **Karl von Koseritz, ein Deutscher als brasilianischer Politiker**. Em: *Staden Jahrbuch*, Tomo I. São Paulo, 1960.
- Paiva, César. **Die deutschsprachigen Schulen in Rio Grande do Sul und die Nationalisierungspolitik**. Diss. Phil., Hamburg, 1984
- Petry, Sueli. **Blumenau no Tempo da II Guerra**. Manuscrito. 1996.
- Rinke, Stefan. **„Der letzte freie Kontinent“: Deutsche Lateinamerikapolitik im Zeichen transnationaler Beziehungen, 1918 - 1933**. Stuttgart, 1996.
- Schaden, Egon. **Der Deutschbrasilianer - ein Problem**. Em: *Staden Jahrbuch*, Tomo II. São Paulo, 1954.
- Schmuhl, Hans-Walter. **Rassismus unter den Bedingungen charismatischer Herrschaft**. Em: Bracher, Karl Dietrich et al.. *Deutschland 1933 - 1945. Neue Studien zur nationalsozialistischen Herrschaft*. Bonn, 1993.
- Seyferth, Giralda. **Os Paradoxos da Miscigenação: observações sobre o tema imigração e raça no Brasil**. Trabalho apresentado na Mesa Redonda „Raça, Cultura e Classe no Brasil“, XVII Reunião Brasileira da Antropologia, Florianópolis, 8 a 11/04/1990.
- Seyferth, Giralda. **Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na politica de imigração e colonização**. Trabalho apresentado no Seminário „Raça, Ciência e Nação na Virada do Século“, Centro Cultural do Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 30 e 31/05/1995.

Entrevista

História de Vida - Frederico Dix

TEXTO:
JADER RENE
CIPRIANI*



Esta entrevista foi realizada em 12 de abril de 1997, na residência do Sr. Frederico Dix, situada na rua Arthur Zielsdorf, nº 43, distrito de Vila Itoupava, cidade de Blumenau, pelo professor Jader Rene Cipriani, na época aluno do Curso de História - FURB.

J.R.C - Quem é Frederico Dix?

F.D - Frederico Dix, é uma pessoa idosa, com 83 anos de idade, que nasceu em Luís Alves, no dia 05 de março de 1914. Casou-se em Luís Alves no ano de 1937. Depois foi morar em um lugar chamado Rio Bonito. Lá trabalhávamos como agricultores. Trabalhamos na roça, eu e minha esposa. Naquele tempo não havia luz elétrica. Nós tínhamos cavalos, bois, vacas, até um pequeno engenho de açúcar, onde fazíamos melado e musse para os moradores do lugar. Foi uma época de luta. Naquele tempo, como não havia luz elétrica, a gente precisava picar o trato, tudo braçal. Minha esposa e companheira me ajudou muito. Ela trabalhou muito. Antigamente uma esposa trabalhava mais que um homem, pois ela era a última que ia dormir e a primeira que levantava. No entanto, o esposo também ia para a roça cedo. Hoje em dia, não é assim, as esposas cuidam mais da casa. Naquele tempo não, elas levantavam, cuidavam das crianças e, depois, iam juntos para a roça. Certos dias, nem voltávamos para o almoço. A minha sogra fazia o almoço e o mandava para a roça, onde almoçávamos e só voltávamos quando anoitecia. Quem trabalhava no engenho era eu. Então ela e o filho iam para a roça cortar cana. O filho transportava a cana com uma zorra puxada por um boi. A mulher

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos

carregava a zorra com a cana. O filho descia, descarregava, e voltava. Na última viagem vinham carregados com trato para os animais, cana e outras coisas. Moramos em Rio Bonito até o ano de 1948. Tudo isso em Luís Alves. Em 1948 nos mudamos para o município de Blumenau. Fomos morar numa rua, hoje conhecida como Alwin Muller, aqui no distrito de Vila Itoupava. Continuamos a trabalhar na roça. Trocamos nosso terreno de Rio Bonito com o terreno daqui (referindo-se ao terreno da Vila Itoupava), porém, com uma dívida de 22 contos de réis. Isso foi em 1948. Desmatávamos e plantávamos arroz com a “maquininha de mão”. Não era arrozeira.

J.R.C - E sua esposa sempre trabalhou junto?

F.D - Ela sempre junto. Desde manhã até escurecer. Como eu digo, a gente vinha da roça, minha sogra estava em casa, nós íamos tratar os animais, tirávamos leite e, depois, ela fazia a janta (referindo-se à esposa). Após jantarmos, eu tinha tempo de ir à varanda, fumar meu cigarro ou meu cachimbo. Eu fumava, cachimbo. E ela, enquanto isso, cuidava das crianças. Na hora de dormir, por exemplo, enquanto eu deitava, ela ainda precisava cuidar das crianças. A criança ainda queria mamar ou precisava lavá-la, etc. Conforme eu havia dito, a mulher do colono trabalha muito mais do que o homem. Ficamos morando na rua Alwin Muller de 1948 a 1952. No finalzinho de 1952, viemos morar aqui (referindo-se à residência atual), no centro da Vila Itoupava. Antes, porém, os filhos, cada um procurou uma profissão: o mais velho quis ser mecânico, e o segundo quis ser pedreiro. Em casa permaneceram o caçula e a menina. O caçula, o Valdemar, faz parte hoje do conjunto “Os Vilanenses”. Na roça ficou mais difícil, nós não podíamos mais trabalhar. Ficou ruim. Era o tempo do prefeito Frederico Guilherme Busch. Era muito meu amigo e me contratou como feitor de caminho, aqui no distrito. E ela (referindo-se à mulher) também não queria mais trabalhar sozinha na roça, e disse: “Sozinha na roça não posso ficar, então vamos vender a propriedade”.

Esposa de F.D - Nossa terra tinha muito morro.

J.R.C - Era difícil?

Esposa de F.D - É. Era pesado subir e descer morros com uma zorra e um boi na canga. E às vezes quando dava trovoada a zorra escorregava. Eu passava

uma corrente debaixo para segurar e não sair do rumo. Tudo isso a gente passou.

J.R.C - E os filhos também ajudavam?

Esposa de F.D - Ajudavam. O mais velho tinha esse tamanho (mostrando a altura com a mão).

J.R.C - E já estava na roça?

F.D - Desde criança.

Esposa de F.D - Desde manhã, preparava a zorra e ia para a roça. Minha mãe ficava com os pequenos e fazia a comida. Ele (referindo-se a Frederico Dix) ficava no engenho e o menino passava o dia comigo. Nós carregávamos a zorra, passávamos uma corrente para a cana não cair, porque eu carregava 15 molhos, o necessário para encher um tacho. Enquanto o Frederico moía a cana e cozinhava uma tachada, eu botava um pouco de trato para as vacas: baraços de batata, um pouco de cana e outro trato. O outro filho, o segundo, gostava mais de ficar em casa. Mas, o mais velho sempre ficava comigo. Ele trabalhou comigo desde pequenino (referindo-se aos tempos difíceis vividos em Rio Bonito).

J.R.C - Qual a diferença de idade entre os dois?

F.D - Dois anos.

J.R.C - Tem uma menina também!

Esposa de F.D - É. A menina também era uma companhia na roça que vocês não acreditam. Ninguém acredita. Ela não queria ficar em casa com a avó, e sim, preferia me acompanhar na roça. Era ela, a terceira, e o mais velho.

F.D - O segundo, já era mais para ficar em casa fazendo a limpeza.

Esposa de F.D - Eu o deixava em casa. Ele limpava o chiqueiro dos porcos, a estrebaria das vacas, ele varria, enfim, ajudava a avó.

J.R.C - E quem é o músico?

F.D - O músico é o menor. Ele já nasceu aqui, em 1948. Os outros três são luisalvenses, naquele tempo itajaienses, porque Luís Alves pertencia a Itajaí.

Esposa de F.D - E assim foi nossa vida, sempre lutando, com pouca coisa, vivemos assim (ainda referindo-se ao tempo vivido em Rio Bonito).

F.D - Bom, como eu estava dizendo, quando viemos morar em Vila Itoupava e não dava mais para trabalhar na roça, surgiu o grupo escolar Pedro Cristiano Feddersen, hoje, Escola Básica Pedro Cristiano Feddersen. Então, nessa época, meu compadre era servente na escola Emílio Baumgarten. E ele me disse: “Olha, pega aquele serviço de servente, que é bom”. Isso, em 1954. Nesse mesmo ano, comecei a trabalhar no Grupo Escolar Pedro Cristiano Feddersen como servente. E ela, a esposa, entrou na fábrica, na Haco. Eu era o único servente do grupo. Trabalhava o dia todo. Fazia tudo: varria, lavava, fazia merenda, cuidava das crianças, tinha que manter ordem no meio delas. Pouco depois, surgiu mais uma vaga para servente na escola. Agora, para uma senhora. E eu, como era um pouquinho amigo do Frederico Guilherme Busch, ex-prefeito, pedi para colocar a minha senhora. Isso foi em 1956. Ela entrou no grupo também. Mais tarde entrou mais uma servente, e minha esposa passou a trabalhar no período da tarde e eu de manhã. Ela passou a trabalhar meio dia na escola, até porque, era mais leve e ainda tinha a sogra morando conosco. Além disso, tínhamos umas vacas para cuidar. Ela sempre era o Cristo que tinha de trabalhar demais. Eu saía de manhã e ia para o grupo e voltava ao meio-dia, podendo descansar. E ela, de manhã tinha de fazer o almoço, lavar roupa, tirar leite das vacas e de tarde se mandava para o grupo. Lá eu trabalhei de 1954 até 1970. Deu 16 anos. Então fiquei doente. Deu-me um trecozinho no coração e me encostei. E ela continuava trabalhando. Eu era funcionário público e fiquei encostado 4 meses. Depois dos 4 meses, voltei novamente lá, e me deram mais quatro. Quando tinha terminado seis meses me aposentaram. Eu fui a Florianópolis e fizeram mais um eletro. Enquanto isso, ela continuava trabalhando. Trabalhou na escola 20 anos. Então se aborreceu e foi procurar outro serviço. Achou serviço num restaurante.

J.R.C - Qual era o restaurante?

F.D - Era o restaurante Richter, que ficava bem pertinho de casa. De manhã, ela fazia o almoço, e à tarde, estava livre. O pessoal vinha e perguntava: “Como é, Dix, o que você faz agora?”. Eu dizia: “Bem, antes do meio-dia eu faço o almoço, e de tarde eu trabalho no banco”. Claro, isso era uma brincadeira. Mas, os amigos perguntavam: “Na Vila Itoupava tem banco?”. E eu dizia: “Eu fiz um banco na sombra.” (Risos). Mais tarde, veio a oportunidade para eu ser candidato a vereador. Chegavam pessoas em minha casa e diziam: “Seu Dix, agora que está em casa, poderia fazer um favor. A minha filha quer trabalhar na Haco. Você não poderia ir com ela? Eu não tenho tempo e nem sei onde é que devo ir lá em Blumenau para fazer aqueles exames de laboratório, exames de vista, aquela papelada toda. Você não poderia ir com ela?”. Então eu ia. Quando voltava, me perguntavam: “Quanto é, seu Dix?”. Eu respondia: “Não é nada.” Mesmo assim, às vezes me davam uma dúzia de ovos, uma galinha, um pouquinho de aipim, tudo ajuda, não é? E assim foi. Assim fui ajudando o pessoal. Isso foi de 1970 até 1980, mais ou menos. Na época que começou a aposentadoria dos idosos, aquele fundo rural, quanta gente veio me procurar para acompanhá-los, para explicar, porque eles não falavam português, só falavam alemão. Eu explicava para eles: “Ele trabalhou na roça...” Tinha que apresentar os documentos e tudo o mais, e aposentava. Quando chegou em 1982, eles disseram: “Olha, Dix, você vai ser nosso candidato a vereador”. Eu disse: “Eu, candidato a vereador? Não tenho estudo!”

J.R.C - O senhor não estudou?

F.D - Estudei pouca coisa, lá em Luís Alves. Aliás, minha escola era aqui em Blumenau, onde hoje é a intendência, lá era nossa escola. Porque nós morávamos em Luís Alves, mas bem perto do município. De Luís Alves a Blumenau, tínhamos que andar mais ou menos 5 km até chegarmos à escola.

J.R.C - E o pai exigia?

F.D - Exigia. E tínhamos que ir na roça de tarde. Eu fiz até o 3^a ano. Às vezes eu chegava a chorar, porque tinha algumas coisas que a gente tinha de decorar. A gente estudava, estudava, e quando chegava o dia da prova o pai dizia: “Hoje tu não podes ir para escola. Hoje nós vamos colher aquele milho”. Ficávamos então em casa, tristes, chorando, porque queríamos acompanhar

os outros. Nós sempre ficávamos um pouco para trás. O que a gente tinha de decorar mais, eram os assuntos de religião.

J.R.C - Era professor ou professora?

F.D - Professora. E nossa aula era só em alemão.

J.R.C - Isso foi em que ano?

F.D - Eu nasci em 1914, mais uns 9 ou 10 anos... em 1924, por aí.

J.R.C - Nessa época era permitido aula em alemão?

F.D - Sim, só em alemão. Aliás, um dia por semana havia aula em português.

J.R.C - Tinham muitos alunos?

F.D - Eram bastantes alunos. No fim, eram três professores. O professor, a esposa e a filha.

J.R.C - A escola era estadual, municipal ou particular?

F.D - Era particular, os pais pagavam. Agora lembrei-me do nome do professor, era Guilherme Dhreer. E o nome da professora... não me lembro mais. Então estudei lá, mais ou menos de 1924 em diante.

J.R.C - Bom, o senhor estudou três anos nessa escola. Então o senhor estava na escola no período de 1924 até 1927. O senhor não pegou a época que não se podia falar o alemão na escola?

F.D - Não, não. Essa época peguei depois.

J.R.C - Como se chamava a escola? Deutsche Schule?

F.D - Não. Não tinha Deutsche Schule. Era só Schule. Não tinha nome a escola.

J.R.C - O senhor era filho único?

F.D - Não, nós éramos em seis. Quatro da primeira esposa e dois da segunda, pois meu pai ficou viúvo. Minha mãe era italiana e o pai alemão. E a segunda mãe era brasileira, aliás, de origem. Brasileiros somos todos nós. Mas era de origem.

J.R.C - E o Opa Dix, o pai do senhor, ele veio da Alemanha ou já nasceu aqui?

F.D - Não, o meu avô veio da Alemanha. Chamava-se Guilherme Dix. Ele morava aqui ao lado. Meu pai já nasceu aqui e se meteu para Luís Alves e casou-se com uma italiana.

J.R.C - Como era o nome do pai do senhor?

F.D - Ernesto Dix.

J.R.C - E por parte de sua esposa?

F.D - Ele era lageano. Veio de Lages até a Itoupava Central. Ele veio com uma tropa e parou por ali. Então resolveu parar com esse negócio de ser tropeiro. Arrumou uma esposa por aí, Milla Siewert, casou-se e foi morar em Rio Bonito. Bom, mas onde nós estávamos mesmo?

J.R.C - Na parte da política.

F.D - Ah sim. Voltando ao assunto da política, resolvi ser candidato. Quem me incentivava a ser candidato era o Aldo Pereira de Andrade. Eu não queria ser, claro! Ser candidato? Como? Eu não tenho estudo para isso. Eles queriam colocar o Sr. Danke ou o Sr. Mário Zimdars, ou um dos Manske, o Mário ou o Udo. E o Aldo disse: "Se vocês não quiserem, eu tenho um candidato e ele vai ganhar a eleição". Eles perguntaram: "Quem é?". Ele respondeu: "É o Frederico Dix". (Risos). "Esse não faz nem 200 votos." Está aqui a prova. (Mostra documento provando a quantidade de votos que fez em cada urna apurada). Fiz 1480 votos, aliás, sem gastar um tostão. Naquele tempo, em 1982, não tinha isso. O partido me deu 300 mil cruzeiros antigos. O Paulo Melro me deu 100 e o Nelson Morro também me deu 100. E com esses 500 mil cruzeiros, eu comecei a campanha. Pagava uma dúzia de cervejas aqui, uma dúzia lá. Mas o negócio de dizer "olha, eu voto em ti, mas quero tanto, quero dinheiro", isso não existia naquele tempo. Era voto de amigo, voto de caixão. Se tu vires meu trabalho, já podes ver aqui a votação que eu tive em cada urna. (Mostra o documento orgulhoso). Com 10 urnas eu já estava praticamente eleito. Eles ficaram de boca aberta. Perguntaram-me: "Seu Dix, como é que o senhor faz tantos votos?". Disse: "Olha, eu fui colono, e o colono para colher, ele sabe que tem que plantar. E eu plantei antes. Foi só

colher.” Eu fui eleito em 1983, e no dia 1^a de fevereiro, assumi como vereador. Foi um trabalho fazer o primeiro pronunciamento, porque eu não tinha estudo, depois eu falei com o Dr. Manske e ele me ajudou. E olha, me virei muito bem. Fiz muitos pronunciamentos. Mas trabalhei sempre pela comunidade. Tenho também trabalhos bons aqui, como a agência do Besc. Sou o autor desta.

J.R.C - Ah, foi o senhor que trouxe o Besc?

F.D - Fui eu. Tenho aqui meu pronunciamento, onde eu argumentei que nós queríamos uma agência do Besc. Sempre um colono tinha que dirigir-se a Blumenau (referindo-se ao centro da cidade) para receber ou pagar alguma coisa. Por que não podia ter uma agência? Eles queriam dar um posto do Besc, e eu disse: “Não quero posto do Besc, nós queremos uma agência bancária.” Porque naquele tempo tinha aquela inflação alta e se o colono não pudesse depositar o seu dinheiro era prejuízo, porque deixar em casa, debaixo do colchão, estava sujeito a roubo, e assim não. Quando recebiam o pagamento, podiam depositar e renderia. Naquele tempo rendia muito.

J.R.C - Então qualquer problema que os colonos ou qualquer membro da comunidade tivessem, vinham falar com o senhor?

F.D - Sim, sim. Hoje ainda. Aqui quase nunca se precisou capinar. Eles matavam o capim com os pés. Às vezes faziam fila. Eu falava: “Espera lá fora. Entra você primeiro.”

J.R.C - Aqui era o escritório? (Referindo-me à sala)

F.D - (Risos) É. Aqui era meu escritório. Agora despachei muito. Mas ainda tenho aqui... (procurando documentos em seu armário). Eu cuidava dos negócios de aposentadoria, negócios de banco, etc. Aqui tenho algumas das últimas aposentadorias que arrumei para os colonos da minha região, quando saiu essa lei que a esposa do colono poderia se aposentar com 55 anos. Por exemplo: na rua Sarmento, 46 aposentadorias; na rua Arnaldo Beck, 5 aposentadorias; Itoupava Rega e 13 de Maio, 77 aposentadorias; rua Erich Meyer, 24 aposentadorias; Itoupava Alta e Itoupava Central, 27 aposentadorias; rua Paulo Zingel e Carlos Krüger, 10 aposentadorias; Tatutiba III e Franz Volles, 3 aposentadorias, etc. Tenho todos os nomes aqui (mostrando a caderneta dos nomes das aposentadorias conseguidas para os



Frederico Dix na Câmara Municipal desempenhando suas funções de vereador (1983-1982).

moradores). Eles vinham aqui, davam o nome e eu ia com eles para Blumenau. Tenho centenas de aposentadorias. Eles falavam: “Vai lá, fala com o Dix, que ele sabe como fazer”. Até hoje no INPS, tem muitas coisas que eu sei melhor que os escriturários que estão lá trabalhando. Eu sei como é a lei. Sempre trabalhei no INPS, mas sempre na honestidade (alterando a voz). Nada de mentiras. A gente tem que ser uma pessoa limpa. Eu chego lá, hoje em dia, a dona Marilu vem me cumprimentar. Sou muito bem visto e me entendo muito bem com eles. (pensativo) Bom, voltando à política, eu fiquei vereador de 1983 até 1988, deu 6 anos. Era tempo daquela prorrogação. Aí me perguntaram: “Como é, Dix, vai ser candidato de novo?” Eu respondi: “Não sei, já sou bastante idoso.” Então disseram: “Vai que tu ganhas”. Em 1988, me candidatei novamente e fui reeleito. Fiquei até 1992. Foram 10 anos como vereador. Depois não quis mais.

J.R.C - Foi naquele ano que o senhor empossou o prefeito?

F.D - Sim, eu era o vereador mais idoso, por duas vezes. Eu tinha que dar posse aos vereadores e também ao prefeito e vice. Depois ia ser votado para ver

quem seria o presidente da câmara. Voltando a alguns trabalhos que realizei, tenho aqui “Acesso asfáltico para Vila Itoupava”. (Sr. Dix lê a reportagem do jornal de 27/08/78). E depois eu tenho a resposta dos moradores da Vila Itoupava. A obra foi inaugurada em 09/12/78 e então fui homenageado pelos moradores com uma placa (lê): “Ao amigo Frederico Dix, dos moradores, o agradecimento pelo empenho do asfaltamento do acesso à Vila Itoupava”. São provas que alguma coisa a gente fez. Hoje estou com 83 anos de idade e ainda continuo trabalhando pela comunidade. Agora, brincando um pouco, às vezes as mocinhas me perguntam: “Que idade o senhor tem?” E eu digo: “Tenho 83 anos e já casei 4 vezes.” Elas ficam me olhando sério. E eu digo: “Sempre com a mesma mulher. Ora! No dia do casamento, bodas de prata, bodas de ouro e bodas de diamante. Casei 4 vezes.”

J.R.C - Mudando um pouco de assunto, como é que o senhor analisa as décadas de 20 e 30? Foi uma época boa para o senhor?

F.D - Foi muito melhor. Era uma época em que a gente vivia mais alegre, mesmo sacrificado na roça. O colono italiano, por exemplo, ia para a roça cantando e voltava cantando. Mesmo com uma enxada nas costas, a gente vivia mais alegre.

J.R.C - Naquela época tinha-se bastante saúde?

F.D - Bastante saúde.

J.R.C - E se, por exemplo, uma pessoa ficasse doente, tinha-se acesso a medicamentos? Digamos que batesse uma febre na criança, lá no meio do mato?

F.D - Não, já havia farmácia. Inclusive quando eu trabalhava na escola, eu tirava sangue das crianças. Vinha a malária, então eu tirava sangue e botava numa lâmina e dava remédio. Ah, eu tive muita febre quando era criança. Eu me lembro quando a gente comprava aqueles comprimidos na farmácia. Nós sempre tínhamos acesso aos remédios.

J.R.C - O senhor serviu o exército?

F.D - Não servi. Não fui chamado, porque naquela época era por sorteio. Dos meus irmãos, nenhum precisou ir.

J.R.C - E naqueles tempos difíceis da Guerra. Como vocês a viram?

F.D - A guerra ou a revolução?

J.R.C - A Guerra. A Segunda Guerra Mundial, 1939 a 1945.

F.D - A gente não acompanhou, nem ligávamos muito. A gente escutava por cima. E era coisa de fora. Eu valorizo mais a gente aqui de dentro, na Vila Itoupava, em Blumenau.

J.R.C - Seu Dix, nós aprendemos que as crianças não podiam falar alemão na escola, que fecharam as escolas alemãs.

F.D - É verdade. Quando deu aquela revolta, no tempo dos Ramos, foi proibido falar alemão. Inclusive meu primo foi preso. Eram presos por ser uma forma dos policiais ganhar um dinheirinho. Os policiais chegavam e: "Oh, você falou alemão". Pronto. Levavam 3, 4 e sumiam. Não se podia mais falar Guten Morgen (bom dia), Guten Tag (boa tarde). Não se podia. Eu sempre me cuidava.

J.R.C - Essa época foi aqui ou em Luís Alves?

F.D - Mais aqui. Vim para cá em 1948. Mas eu morava aqui perto.

J.R.C - Mas o pai do senhor só falava alemão?

F.D - Só falava alemão. Só falávamos alemão lá em casa. Hoje ainda tem gente, aqui no distrito, que não fala português. Eu conheço um por um daqui até Jaraguá. E ainda tem gente que não fala português.

J.R.C - Seu Dix, os jovens de hoje não se interessam mais em preservar a língua e os costumes dos nossos antepassados alemães e italianos. O que o senhor teria a comentar sobre isso?

F.D - Um pouquinho é a televisão. Eles só assistem televisão. Eu tenho até uma bisneta, ela entende alemão, mas não fala. Os pais falam com ela em alemão e ela responde em português. Lá na creche, só falam português. Eu sempre disse: "Tem que falar com seus filhos em alemão. O português eles vão aprender na rua, o alemão não."

J.R.C - Seu Dix, voltando ao assunto de política, além dos trabalhos que o senhor já

citou anteriormente, o que mais o senhor fez pela comunidade da Vila Itoupava?

F.D - Fiz muita coisa. Por exemplo na Igreja. O bispo Dom Gregório Warmeling esteve aqui na Vila Itoupava, fez uma reunião e eu fui eleito com 17 votos, para ser o presidente. Então disse o Dom Gregório: “Vocês ficarão encarregados de procurar um lugar para fazer uma igreja”. Isso foi em 1963 mais ou menos. Lá fui procurar um terreno. Um amigo achou um lugar lá em cima, na Saxônia. Eu disse: “A igreja tem que ser aqui, no centro. (Referindo-se ao centro da Vila Itoupava). Não pode ser lá fora.” Então tinha um lugar lá perto do Grupo Escolar Pedro Cristiano Feddersen. Bastava comprarmos esse terreno e fazer a igreja lá. Então eu disse: “Alguém tem dinheiro?” Eles responderam: “Não, não temos”. Eu disse: “Eu também não tenho, e assim não dá para comprar.” Então eu fui para Blumenau, junto ao falecido Dr. Hess, falei com ele, porque eu sempre fui amigo de todo mundo, e ele nos deu esse terreno. Esse terreno onde hoje está a igreja, era um pedaço de pasto. Bem, eu já era meio político e assim consegui arrumar uma máquina aqui, outra coisa lá e fomos fazer o chão da igreja. Enquanto não tinha o chão, nós fazíamos as festinhas de igreja lá no grupo. O padre rezava missa. Com as nossas festinhas, o lucro girava por volta de 100 cruzeiros naquele tempo. E sabe que, geralmente, o que mais trabalha sempre lava a pior. Nós tínhamos 2.400 cruzeiros em caixa. Compramos 40 mil tijolos. Nós tínhamos comprado os tijolos e pago tudo à vista, porque o homem queria comprar um caminhão para ele entregar os tijolos. Fomos indo fazendo festas. Em 1965, foi o lançamento da pedra fundamental. Nesta época vieram os irmãos franciscanos para cá. Fizeram a planta da Igreja, encomendaram ferro. E nós tínhamos 2.300 cruzeiros em caixa. Fizemos a pedra fundamental. Depois veio um caminhão com ferro, em que gastamos 2.100 cruzeiros em ferro, tudo ferro pronto para a construção da igreja. E nos sobrou 200 cruzeiros em caixa. Então, o Frei Oddo disse: “Todo sábado vocês fazem um pedaço”. E nós queríamos trabalhar no domingo, mas domingo não podíamos pois ele não deixava, era dia santo. Nós éramos uma turminha pequena, começamos com dez famílias. E foi juntando, juntando. Todos os sábados, nós fazíamos um pedaço. Compramos cimento e assim foi acabando o dinheiro. Um dia o Frei Oddo disse: “Como é que vai a Igreja?” Eu respondi: “Paramos, não tem mais dinheiro.” Ele falou: “Ah, não pode”. E sabe como é, os padres sempre tem um jeitinho.

Ele disse: “Quem de vocês pode dar um saco de cimento? Senão junta dois e dá meio saco cada um. E vocês vão fazendo”. Eu sempre tive um apoio da Prefeitura de Blumenau. Eles cediam os caminhões, íamos depois da hora do serviço buscar areão. E todos os sábados a gente metia aquelas 5 ou 6 pessoas para trabalhar. Sem betoneira, tudo virado a mão. A gente botava tantas pazadas de areia, depois tantos sacos de cimento, jogávamos pedra no meio e foi indo. Depois melhorou, ganhamos uma ajudazinha da Alemanha e aí pudemos levantar a igreja.

J.R.C - Da Alemanha veio ajuda?

F.D - Da Alemanha. Inclusive um padre, nas minhas bodas de ouro falou que fui o fundador da igreja e que consegui esse terreno com o Dr. Hess. E, de fato, fui porque senão hoje ela não existiria. Além disso, trabalhei muito na iluminação pública da Vila Itoupava e na nomeação de ruas, como por exemplo (mostra documento): rua Frederico Liesenberg, rua Rio Bonito, rua Max Zech, Max Link, rua Cristiano Hertel, Ernesto Dix, rua Frederico Manske, rua Sarmento, rua Arthur Zielsdorf, rua Otília Passold, rua Paulo Schlögel, rua José Provesi, rua Emil Manske Sênior, rua Carlos Bauer, rua Braço do Sul, rua Ewald Bauer, rua Professora Ella Trapp, rua Otto Manske, rua Paulo Dreger, rua August Bauer, rua Hermann Fucks, rua Gustav Zech, rua Paulo Liezenberg, rua Gustav Rüdiger, e muitas outras ruas. Ainda consegui um telefone público e o calçamento da rua Emil Manske Sênior. São muitos tipos de trabalhos que realizei.

J.R.C - Seu Dix, o senhor acha que Blumenau deveria fazer algo mais para manter sua origem alemã, a não ser somente conservar suas casas enxaimel? Ou dar outros incentivos? O que mais poderia ser feito, seu Dix?

F.D - Eu, praticamente não posso te responder, porque, as aulas são todas em português. A prefeitura já incentiva, ajuda esses Clubes de Caça e Tiro, mas aquilo pouca coisa ajuda para falar alemão. Todo mundo já fala português. Eu nem posso dizer o que poderíamos fazer, não tenho nem idéia.

J.R.C - O senhor participava da Schützenfest? (festa do tiro)

F.D - Sim. E ainda participo.

J.R.C - Hoje em dia ainda?

Entrevista

F.D - Sim, sim.

J.R.C - Qual o clube de que o senhor participa?

F.D - Aqui, no Primavera e no Serrinha. (Busca do seu armário o convite)

J.R.C - (Lê) "Sociedade Recreativa e Esportiva Serrinha, com sede social à rua Hermann Hein, Vila Itoupava, sente-se honrada em convidar V.Ex.^a e Ex.^{ma} Família, para a festa do rei, hoje às 18:00 horas..."

F.D - Hoje sou sócio honorário. (fala com orgulho)

J.R.C - E o senhor já foi "rei"?

F.D - Fui.

J.R.C - E o senhor acha que os clubes de caça e tiro estão, vamos dizer, com expectativa de vida longa?

F.D - Não estão com muita vida longa, não. Eles estão tentando fazer alguma coisa. Inclusive hoje estou convidado para uma festa de rainha, lá no Clube de Caça e Tiro 15 de Novembro. É também um trabalho meu. Eu tenho quatro sociedades. No tempo do Aldo Pereira, ele organizou os estatutos para estas sociedades: 15 de Novembro, Tirolês, Ouro Verde e Comercial. No Comercial, inclusive sou sócio honorário, também. Isso eu consegui para eles, através do Aldo Pereira. E quem não conheceu o Aldo Pereira? Foi 7 vezes a fio, deputado estadual. Agora os clubes, um ou outro ainda vai bem. Por exemplo aqui, o Primavera. Hoje em dia, não sei, tem que pagar a mensalidade, as músicas são muito caras. Eles quase não podem se manter... é muito difícil. Se eles não fizerem outra coisa, só com aquela anuidade que eles pagam, não vai. Mas, eles estão agüentando. Muitos sócios vão às festas, enchem a cara, depois não vêm no baile. Claro, não são todos. Vão lá, porque é tudo de graça, o rei e os cavaleiros pagam tudo.

J.R.C - Seu Dix, o senhor vê interesse dos jovens na Schützenfest?

F.D - Não, não querem mais saber. É só discoteca. Eles não têm mais interesse.

J.R.C - O senhor tem algum neto ou membro da família que participa?

F.D - Tenho dois netos, um filho... tem o Leonir Estädt e a esposa. Eles se interessam

muito. Jogam também bolão, mas a maioria não se interessa, não participa. Não querem ser sócios. E depois, não pagam mensalidade, ficam pendurados.

J.R.C - E lá em Luís Alves, vocês já participavam da Schützenfest?

F.D - Não, não existia. Só quando vim para cá que eu comecei a participar das festas. Fiquei sócio aqui no Serrinha, logo em 1948, por isso que hoje sou sócio honorário.

J.R.C - O senhor tem idéia de quando começaram estas festas aqui?

F.D - A Schützenfest?

J.R.C - É.

F.D - Olha, o Serrinha tem mais de 100 anos. No Serrinha foi feita no ano passado, a festa do centenário. O 13 de Maio é mais novo. Tem o Comercial, da Itoupava Rega Alta; tem o Tirolês, da Itoupava Central e o 15 de Novembro, aqui no Sarmento. Tem o Ouro Verde, tem muitas sociedades. No distrito Vila Itoupava, tem 10 ou 11 sociedades, ainda todas funcionando.

J.R.C - Quando o senhor era vereador, tentou fazer alguma coisa pelas sociedades? Ou não havia condições de ajudar?

F.D - O que eu mais arrumava para eles eram aquelas coroas para as rainhas, que me pediam, e eu comprava...

J.R.C - Elaborou alguma lei para ajudar?

F.D - Não, não, isso não. Naquele tempo iam até melhor do que hoje.

J.R.C - A Vila é uma comunidade bem fechada.

F.D - Sim.

J.R.C - Aqui não se deixa entrar muita gente de fora para que não se perca a característica do lugar, não é?

F.D - Não. Eles formaram um pequeno loteamento aqui em cima na Saxônia, eu não sou contra, porque é um loteamento clandestino onde só mora gente "brasileira". Mas, coitados, em outros lugares a prefeitura tem aquele trabalho, tem deslizamentos, enchentes. Aqui não. O loteamento aqui em cima da

Saxônia, é um loteamento que não tem deslizamentos, não tem enchentes, tem água e eles não incomodam ninguém. Às vezes, quando eu ia a Florianópolis, me perguntavam o que é que eu achava dessa situação econômica do país tão ruim. Eu respondia: “Olha, não sei, na Vila Itoupava não está tão ruim.” Porque na Vila Itoupava, pelo menos no começo, o pai tem um terreno, os filhos estão crescendo, eles vão trabalhar na fábrica, na Haco, depois se casam e cada um faz sua casinha. Temos aqui moradores que têm três carros em uma família. O pai tem um carro e cada filho tem um. Eu acho que a Vila Itoupava está bem. Mas o caso é o seguinte (alterando a voz): O homem trabalha na fábrica, começa de manhã às 5 horas e vai até as 14 horas. A mulher começa às 13h30min horas e vai até as 22:00 horas. De manhã a mulher cuida do almoço e das crianças, e de tarde o marido cuida das crianças. Aí dá. O negócio é trabalhar. Os dois trabalhando, ganhando e não colocando dinheiro fora. Esses coitados que se metem em boteco que, ao invés de cuidar das crianças, vão em botecos, aí não pode dar certo. Assim não anda. A esposa vem à noite, ele tem que estar lá, cuidando das crianças, e de manhã cedo ir trabalhar.

J.R.C - Seu Dix, uma questão já muito discutida em rádio, jornal, etc. Eu gostaria da sua opinião, a respeito da Vila Itoupava tornar-se um município. O senhor acha que a Vila tem estrutura para tornar-se um município? Ela conseguiria ser auto-suficiente?

F.D - É uma questão política, eu tenho aqui um pronunciamento. Aqui eu digo: “Senhor presidente e senhores vereadores: subo a tribuna desta casa nesta tarde, para manifestar o repúdio dos senhores moradores, industriais e comerciantes por mim consultados, residentes e estabelecidos no distrito de Vila Itoupava, pelos recentes pronunciamentos e notícias vinculados pela imprensa quanto à emancipação deste distrito. São tanto as pessoas, quanto as empresas comerciais ou industriais que deixarão aquele distrito se a idéia for levada adiante, por entenderem que nasceram sob a sigla de Blumenau, e assim pretendem continuar a ser. Que suas empresas são de fama e produtos da cidade de Blumenau. É disso que não abrem mão e muito se orgulham”. Quer dizer, que eu fui contra. Esse é o meu pronunciamento.

J.R.C - Em que ano o senhor fez esse pronunciamento?

F.D - Esse deve ter sido feito em 1988, 1989, por aí.

J.R.C - De repente, alguns não gostaram deste seu pronunciamento, não é?

F.D - Não, realmente alguns não gostaram. Hoje dizem que poderia ter sido bom.

J.R.C - Como o senhor vê essa modernização no campo, como por exemplo, a implantação das máquinas?

F.D - Faço questão de responder. Hoje em dia o pequeno colono está mal. A máquina serve muito bem para o colono um pouquinho maior que tem terras aráveis. Mas os pequenos aqui do morro, estes estão mal. O colono tem a terra, escritura, talão do INCRA, mas não pode cortar uma árvore, não pode fazer uma roça. É proibido, o IBAMA está em cima. Não pode cortar o palmito, mas os outros podem roubar. Antigamente os morros aqui eram todos pelados, tudo cortado, tudo era roça. Hoje é tudo mato. Eles só podem fazer uma pequena rocinha para plantar uns pés de aipim. Mas isto é muito pouco.

J.R.C - E é uma terra boa aqui em cima?

F.D - A terra é boa! Agora, é claro que a entrada das máquinas, a modernização é uma coisa muito boa para os colonos mais fortes. Quem tem arado com aquelas máquinas, tem a ajuda da prefeitura. Antigamente, arava-se com cavalos e bois. Hoje em dia a prefeitura tem tobatas. E eles pagam por hora. Dá para levar estrume e tudo mais. Nisso a prefeitura ajuda, enquanto o pequeno colono está mal para fazer roça.

J.R.C - Hoje em dia, Sr. Dix, tem muito colono ainda na região?

F.D - Quase todos eles ainda têm roça e trabalham na fábrica. O marido trabalha de manhã na fábrica, e de tarde vai para a roça. Por isso que estão bem aqui. Ele tem duas vaquinhas em casa, porco, galinha, pintos, aipim, feijão, milho, tem tudo porque ele planta. E a mulher, trabalha, geralmente de tarde na fábrica e ainda faz a comida e vai buscar uns molhinhos de trato.

J.R.C - Seu Dix, mais alguma coisa que gostaria de dizer neste depoimento?

F.D - Não!

J.R.C - Muito obrigado.

F.D - De nada.

NOTA: Frederico Dix faleceu em 29 de setembro de 2002, aos 88 anos de idade.

Biografia

Altamiro Romão de Oliveira

TEXTO:
*ALTAMIRO DE
OLIVEIRA FILHO**



Altamiro Romão de Oliveira nasceu no dia 16/05/1913, na cidade de Tijucas-SC, filho de José Simplício de Oliveira e de Luíza de Oliveira.

Desse matrimônio nasceram dois filhos: Altamiro Romão de Oliveira, o outro de nome José de Oliveira. Como todo adolescente, gostava de divertir-se e banhar-se no rio Tijucas. O pai, com o falecimento da mãe, com 28 anos de idade, contraiu segundas núpcias com Maria dos Santos e foi morar no bairro da Fazenda na cidade de Itajaí, numa residência de alvenaria que ainda existe.

O pai era funcionário federal dos Correios e Telégrafos. Altamiro foi criado pela sua avó, até aproximadamente os 18 anos de idade na cidade de Tijucas, numa casa de madeira construída num terreno da marinha na rua Cel. Büchele, ainda em discussão no Poder Judiciário.

Era pobre e devido às dificuldades financeiras de sua avó para educá-lo e sustentá-lo, teve que ir à busca de trabalho em outras cidades circunvizinhas. Trabalhou em 1931, com seu pai como ajudante, sem registro em Carteira Profissional, na cidade de Itajaí na construção da Estrada de Ferro que ligava Itajaí com Blumenau. Seus primeiros empregos sem registro e os registrados em carteira profissional foram:

1. Jornal “A Notícia” da cidade de

*Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Biografia

Joinville, em 1933, sem registro em carteira profissional.

2. Jornal “A Redação, Cidade de Blumenau” de 1934 a 1936, sem registro profissional.

3. Typographia Santa Cruz na cidade de Tijucas, sita à rua Benjamin Gallotti, na profissão de tipógrafo no período de 01/06/1937 a 02/07/1937.

4. Graphica Modelo Ltda - Artes Graphics em geral - na rua Senhor dos Passos, 151, no Distrito Federal - cidade do Rio de Janeiro profissão de compositor, no período de 02/08/1937 a 28/08/1937.



Banca de Jornais Revistas e Engraxataria Miro.
09.07.1949

5. Typographia Santa Cruz na cidade de Tijucas, sita à rua Benjamin Gallotti, profissão de tipógrafo, no período de 13/06/1937 a 01/08/1940.

6. Departamento Nacional dos Portos - Oficina Ponta do Caju, no Distrito Federal - cidade do Rio de Janeiro, na profissão de auxiliar das oficinas-extra, no período de 1940 a 1941, sem registro em carteira profissional.

7. Redação, Cidade de Blumenau, sita à Travessa 4 de Fevereiro, na profissão de tipógrafo, no período de 08/05/1941 a

27/02/1942.

8. Tipographia João Hernberg, na cidade de Blumenau, sita à rua XV de Novembro, 434, profissão de compositor, no período de 01/04/1942 a 16/01/1943.

9. Livraria e Tipografia Carl Wahle S/A, sita à rua XV de Novembro, 992, profissão de Tipógrafo, no período de 18/01/1943 a 20/01/1946.

Neste espaço de tempo surgiu a idéia de iniciar uma nova atividade, arrumou emprestado 1 conto de réis do conterrâneo tijucano Sr. Ubiratan para montar uma engraxataria no centro de Blumenau.

Na época, montar uma engraxataria era a “coqueluche”. No lado esquerdo da engraxataria ficava o famoso “Bar e Café Pingüim”.

Do lado direito havia um terreno baldio, sendo que mais tarde foi construído um prédio que abrigou a “CASA PEITER”, tradicional loja da moda da cidade, anos depois vendida para “LOJAS ALFRED”, empresa originária do Rio Grande do Sul. Lá atualmente funciona o “SCHOPPING DA XV”.

A idéia de vender revistas ressurgiu com sua experiência de vida na cidade do Rio de Janeiro.

Na época, em Blumenau vendia-se revistas nas CASA FLESCH, tradicional loja de discos da cidade e na LIVRARIA E TIPOGRAFIA CARL WAHLE S/A. Ambas fechavam aos sábados à tarde e domingos. Como a engraxataria era a coqueluche da época e permanecia aberta sábados à tarde e domingos de manhã, os moços iam engraxar seus sapatos para ir aos tradicionais bailes de “gala” no Teatro Carlos Gomes, Clube Náutico América, Ipiranga, Vasto Verde e outros, além de freqüentar os soirée (noitadas e festas) em vários pontos da cidade e municípios circunvizinhos.

Altamiro popularmente conhecido por MIRO, resolveu colocar em prática a venda de jornais e revistas na engraxataria. Teve a feliz idéia de comprar as revistas por preço de capa das lojas acima e nos sábados à tarde e domingos vender por um preço um pouco mais caro.

Com o passar dos tempos resolveu olhar o expediente das revistas e descobriu os endereços das Editoras e/ou Distribuidoras.

A primeira a quem escreveu foi à EDITORA VECCHI LTDA revistas femininas, a mais famosa “Grande Hotel”, e “Encano”, da cidade do Rio de Janeiro.

Num belo dia recebeu o primeiro pacote de revistas, ficou muito feliz. Esse foi o passo inicial para fazer o mesmo com as demais editoras: EDITORA BRASIL AMÉRICA LTDA-EBAL (revistas infantis), RIO GRÁFICA EDITORA LTDA, DISTRIBUIDORA DE IMPRENSA LTDA - distribuidora das Revistas “Manchete”, Manchete Esportiva, Sétimo Céu, etc., EMPRESA GRÁFICA “O CRUZEIRO” LTDA. Depois vieram os Jornais: O Globo, Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Tribuna de Imprensa, O Jornal, Última Hora, Jornal dos Esportes, todos do Rio de Janeiro. Depois começou a comprar de outros Estados: São Paulo - Editora La Selva e os jornais Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Gazeta Esportiva etc. De Curitiba - Paraná: revista Panorama e jornais Diário do Paraná, Tribuna do Paraná, Estado do Paraná. Do Rio Grande do Sul - Revista “O Globo” e o jornal Correio do Povo.

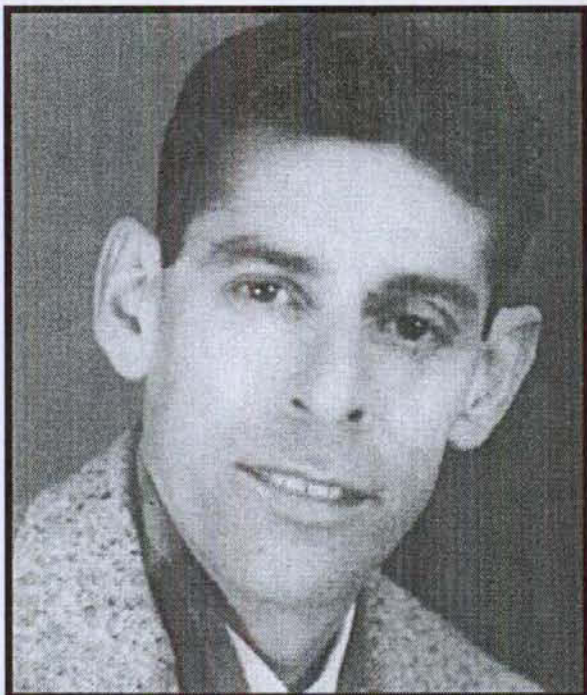
A primeira banca de revistas foi fundada em 01/11/1945, conhecida como BANCA DE JORNAIS - REVISTAS E ENGRAXATARIA MIRO. Depois essa loja mudou-se para o lado da LOJA DO AMERICANO (em 05/10/1955), mais conhecida pela comunidade. Fechou suas portas em meados de 1975. O pequeno prédio ainda existe e na época foi construído por Altamiro “Miro”.

Depois de alguns anos iniciou a distribuição para outros pontos interessados em vender revistas. Esse foi um progresso muito rápido. Blumenau distava da cidade portuária de Itajaí aproximadamente 3 horas de viagem de ônibus. Da capital, Florianópolis, eram 6 horas de viagem. Da capital paranaense - Curitiba - eram 12 horas. Da capital bandeirante São Paulo eram 2 dias. E da capital federal - cidade do Rio de Janeiro - eram mais dias.

Quando chegavam as revistas pelo correio da cidade (Imóvel pertencente ao Patrimônio Histórico) na Alameda Rio Branco, em pacotes amarrados com cordão, eram desamarradas e imediatamente colocadas à venda, principalmente aquelas revistas de comunicação dos acontecimentos semanais no Brasil. Somente para exemplificar: a revista “O Cruzeiro” com notícias da Morte do Francisco Alves (1953) e do Presidente Getúlio Vargas (1954), Crime do Tenente Bandeira, Assassinato da jovem Aída Curi por jovens “play boys” do Rio de Janeiro.

Da rua XV de Novembro, Altamiro teve a idéia de ampliar seus negócios de revenda. Começou a colocar seus próprios pontos de venda (Bancas de Revistas) em vários locais de Blumenau, como por exemplo: Rua das Palmeiras, defronte ao antigo Hotel Holetz (hoje Hotel Blumenau), Praça Victor Konder na Estrada de Ferro e Colégio Estadual Luiz Delfino (hoje Prefeitura Municipal).

Para aumentar os negócios foi alugada uma sala grande na rua Ângelo Dias, 101, aproximadamente em 1955, para depósito das revistas, mais tarde transformada em Distribuidora de Jornais e Revistas Miro Ltda (em 1966), aí já com a participação de seu único filho Aldemir de Oliveira (sócio gerente), formado em Técnico de Contabilidade no Colégio Santo Antônio.



Altamiro Romão de Oliveira aos 42 anos - 5.08.1955

A distribuição de revistas cresceu vertiginosamente com a instalação de inúmeras bancas de sua propriedade e outros pontos avulsos na cidade, incluindo os bairros da Itoupava Seca, Velha e Garcia.

Depois começou a estender o comércio de revistas para revenda nas cidades circunvizinhas: Pomerode, Indaial, Timbó, Gaspar e Ilhota. Fun-

dou duas filiais na cidade de Itajaí, convidando seu irmão Cirilo Lourenço de Oliveira, para gerenciá-las nesta cidade. Depois foi a Balneário de Camboriú, com um empregado de Blumenau, João Mauro Bento, conhecido mais tarde por “João Coragem” que decidiu morar no Balneário, para dedicar-se ao comércio de revistas e jornais.

Altamiro Romão de Oliveira era conhecido como “Miro” da Banca, foi um dos maiores distribuidores de revistas e jornais de Santa Catarina, rivalizando com a cidade de Joinville e com a capital - Florianópolis, que pertenciam à família Magalhães. O pai era distribuidor na cidade de Joinville e o filho em Florianópolis.

Foi o pioneiro de bancas de rua na cidade de Blumenau. Faleceu no dia 01 de julho de 2001, com 88 anos de idade.

Está sepultado no cemitério da rua Progresso, na cidade de Blumenau, junto com sua esposa Anna de Oliveira, falecida em 04 de Julho de 1997, companheira de lutas no mesmo ramo de negócios, desde a sua fundação até a aposentadoria.

Moravam em residência de sua propriedade na rua São José, 360, até 1969, depois rua Alwin Schrader, 684.

Atualmente a casa de alvenaria é patrimônio histórico da cidade de Blumenau e está alugada



Ponto de venda no início da Alameda Duque de Caxias

Biografia

pela Empresa CAS. É propriedade do neto Marcelo Pfiffer de Oliveira.

Eram amigos mais próximos e contemporâneos de Altamiro “Miro”: João Vieira – conhecido por “Mano Jango” - mantinha uma coluna semanal no Jornal A nação de Blumenau “Espiondo a Maré”. Osvaldo da Nóbrega, conhecido por “Não paga nada”, irmão do também amigo João Gomes da Nóbrega, ex-prefeito de Blumenau e proprietário do Cartório Nóbrega. Edmundo Amorim, farmacêutico.



O trabalho dos engraxates da Banca e Engraxataria Miro - 11.10.1952

Biografia

A inteligência
empreendedora
de Ernst
Kieckbusch
secos &
molhados

TEXTO:
RAFAEL ERNESTO
KIECKBUSCH¹



Ernst Erich Heinz Kieckbusch veio ao Brasil com seus pais quando tinha apenas 14 anos de idade. Aos 15 decidiu ir para uma cidade mais desenvolvida e seguir o seu próprio rumo. Falando apenas o idioma alemão e com estudos parados na Alemanha, escolheu a cidade de Blumenau no Estado de Santa Catarina. Em 1932, já aos 22 anos, abriu um pequeno comércio nessa mesma cidade, o qual batizou de Ernst Kieckbusch. Com a sua preocupação social, fundou, participou e colaborou em vários empreendimentos na cidade. Desde cedo, mesmo sem saber, já praticava programas do “Primeiro Emprego”, “Ajuda aos funcionários” e “Entrega de produtos a domicílio. Em 1972 passou-se a chamar de Casa Kieckbusch Ltda., sendo o comércio fundado por ele, passado ao controle de três dos seus cinco filhos. Hoje aos 70 anos de existência, é um dos comércios mais antigos da cidade de Blumenau, resistindo ao tempo e à evolução, mas mantendo a tradição e a cultura que o acompanham em todos esses anos.

1. Introdução

Esse artigo apresenta uma pequena biografia de um dos primeiros empreendedores da cidade de Blumenau, conhecida nacionalmente e internacionalmente pelas suas empresas têxteis e, mais recentemente, pelas empresas de softwares. O empreendedorismo sempre foi marcante em todo o Vale do Itajaí, principalmente em Blumenau. Por questões de saúde, uma família inteira sai da Alema-

¹ Universidade Federal de Santa Catarina / Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas / Mestrando em Engenharia de Produção e Sistemas.

nha e vem se aventurar num país totalmente virgem e tropical. E entre os filhos está Ernst Erich Heinz Kieckbusch, que aos 15 anos sai de Dona Emma (município próximo de Ibirama-SC) por decisão própria e vai procurar trabalho em Blumenau. Conhece Francisco Hering, o primeiro patrão e a pessoa com quem passou a conviver em família. Ele ensina-lhe o ofício de ser vendedor e pouco tempo depois passa a ser uma espécie de gerente geral da loja. Com uma pequena poupança vinda de seu esforço e dos vários trabalhos temporários como porteiro, abre, aos 22 anos, um comércio de gênero alimentício. E sem perder as oportunidades que são oferecidas, aluga um prédio, expande os negócios, forma uma família e passa a marcar a história de Blumenau. Hoje, a Casa Kieckbusch Ltda, tem 70 anos de existência.

2. Uma Pequena Biografia

2.1 Ernst Erich Heinz Kieckbusch

Ernst Erich Heinz Kieckbusch nasceu na cidade de Stargart na Alemanha no dia 16 de março de 1910 e faleceu em 17 de novembro de 1976 no Brasil. Filho de Ernst Erich August Kieckbusch e Elisabeth Kieckbusch. Possuía dois irmãos: Margareth e Johannes. O pai era professor universitário de botânica em uma Universidade na Alemanha. A vinda dessa família ao Brasil deve-se ao fato de seu pai possuir, segundo os médicos da época, uma doença que só poderia ser curada em um país de clima tropical. Com ajuda da Companhia Brasileira de Colonização, em 1924 a sua família foi encaminhada para o que hoje seria o município de Dona Emma (próximo a Ibirama) no Estado de Santa Catarina, para trabalharem como colonos. A região em que ficaram, possuía uma vegetação virgem e cheia de animais desconhecidos para eles, tornando a vida muito mais difícil do que imaginavam inicialmente. A casa foi feita de forma rudimentar, usando o que encontravam na mata que os cercava, tornando-a totalmente diferente do que eram acostumados na Alemanha. A inexistência de divisórias nos cômodos da casa fez com que passassem a improvisar e a usar da criatividade para resolverem os vários problemas que tiveram. Um exemplo disso é a bandeira da Alemanha que possuíam e foi usada para fazer uma pequena divisão interna.

Quando Ernst Kieckbusch saiu da Alemanha em 1924 foi o último ano de estudos que teve em uma escola. Um costume herdado de seu pai, a leitura de vários tipos temáticos de livros, fez com que permanecesse atualizado. As poucas aulas que tivera pela frente seriam apenas as tentativas de falar a Língua Portuguesa, principalmente no período da Segunda Guerra Mundial.

2.2 Vinda a Blumenau

Em 1925, Ernst Kieckbusch, possuindo uma determinação empreendedora, resolveu partir sozinho de Dona Ema para um município mais desenvolvido e que oferecesse melhores condições. Elegeu a cidade de Blumenau, fundada em 1850 pelo também alemão Dr. Blumenau. Sendo uma cidade de origem alemã e onde todos praticamente só falavam no idioma alemão, tornava muito mais fácil o seu convívio.

Chegando em Blumenau, logo encontrou trabalho em um pequeno comércio chamado “Tintas Hering”, tendo como proprietário o Senhor Francisco Hering². Esse empreendimento era situado na rua XV de Novembro³, onde se vendia tintas e materiais de apoio para serem usados na pintura de casas e estabelecimentos comerciais. Ernst Kieckbusch passou a ser um representante comercial e também um balconista da loja. Percorria todo o interior de Blumenau e cidades vizinhas, oferecendo os produtos comercializados.

Além de trabalhar nas Tintas Hering, passou a morar e a conviver junto com a família de Francisco Hering. Com o passar do tempo, ganhou confiança dos mesmos e passou a ser responsável pela abertura e fechamento da loja e recebeu novas atribuições no estabelecimento.

Durante todo o período que trabalhou nas Tintas Hering fazia pequenos serviços para ganhar um trocado extra e assim ajudar a família e a montar um empreendimento próprio que já passavam em seus pensamentos. Para isso, passou a trabalhar como porteiro do antigo Teatro Carlos Gomes⁴ nos feriados e finais de semana.

2.3 Hildegard Huscher

Para manter a forma, Ernst Kieckbusch praticava atividades esportivas na Sociedade Ginástica Blumenauense⁵. Entre os esportes se destacavam: Prellball⁶ e Faustball⁷. Participou de várias competições, principalmente com as cidades de Curitiba e Joinville. Um fato viria a marcá-lo para o resto de sua vida. Foi nesse convívio que veio a conhecer a futura esposa, a Senhorita Hildegard Huscher.

Hildegard Huscher nasceu em 23 de janeiro de 1912 e faleceu em 24 de janeiro de 1992, filha de Hermann Huscher e Clara Huscher. Estudou até o ensino fundamental, foi educada no que se chama de *Haustochter*⁸ e foi uma das primeiras secretárias executivas dos diretores da Cia. Hering. Fez vários cursos, entre eles datilografia (para os padrões da época, um curso que poucos podiam fazer). Sabia falar a Língua Portuguesa e o próprio Alemão. Tinha um dom especial para a cozinha e era de um temperamento forte e determinado. Muito religiosa e participativa dos movimentos sociais da Igreja Evangélica Luterana, ajudou a fundar e foi líder de vários grupos na Igreja e sempre preocupada com o bem comum de toda sociedade blumenauense.

2.4 Abertura do “Secos & Molhados”

No dia primeiro de julho de 1932, passava a funcionar oficialmente o comércio “Ernst Kieckbusch”, um tipo de “Secos & Molhados” na Alameda Rio Branco, próximo ao número 71. Um estabelecimento simples onde se vendia inicialmente produtos alimentícios. Essa loja foi montada com os recursos financeiros que guardara durante o período que trabalhou nas Tintas Hering e dos vários “bicos” que fez.

Em 1934, Ernst Kieckbusch já noivo, viu uma oportunidade única. Mudar e ampliar o negócio. A Caixa Agrícola do Estado estava saindo de onde se encontrava. Alugou o prédio inteiro de dois pavimentos, porão e sótão na rua XV de Novembro, 351. Esse prédio, fora construído em meados de 1902 e tendo como dona, a sobrinha neta do fundador da cidade, a Senhorita Edith Gaertner. Além disso, passaria a ser a moradia da futura família e comércio

durante os próximos 46 anos.

Com os negócios prosperando, ampliou a loja com a criação da seção de utilidades domésticas, juntando-a à seção de gênero alimentício.

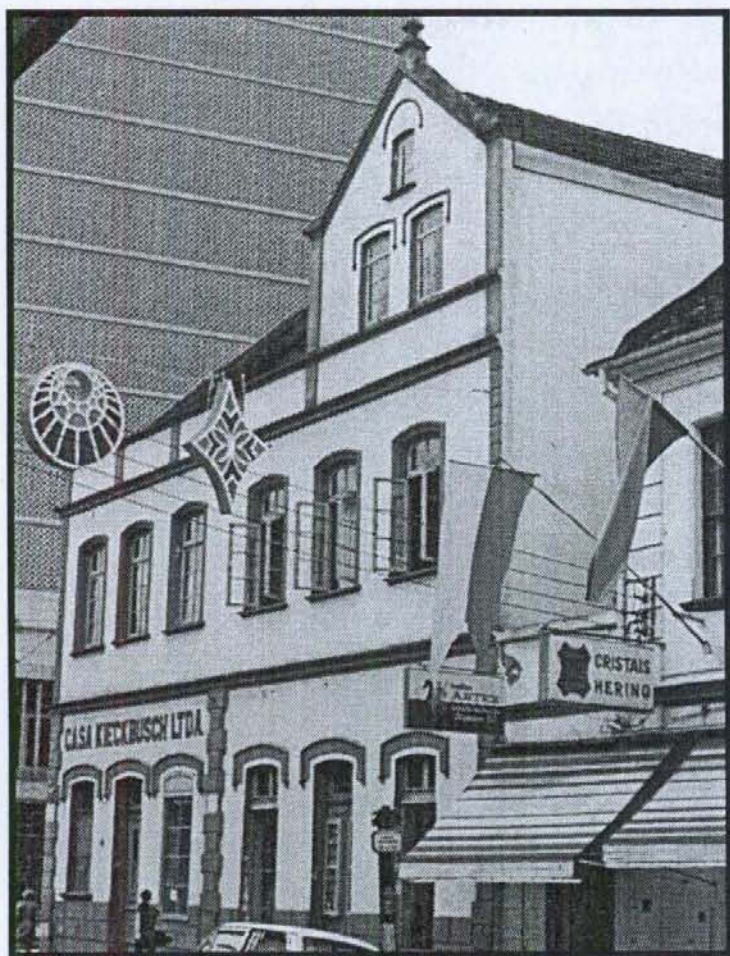
2.5 Família

No mesmo ano em que o comércio Ernst Kieckbusch passou para a Rua XV de Novembro, 351 Ernst Kieckbusch e Hildegard Huscher oficializa-

ram o casamento, em três de março de 1934 na Igreja Evangélica Luterana. Desse casamento surgiram cinco filhos, na ordem: Sigrid e Erica (gêmeas não idênticas), Liselotte, Klaus e Theo.

Sigrid, Erica e Klaus passam a herdar a loja em 1972 e tornam-se sócios proprietários. Liselotte passa a se dedicar a missões religiosas e torna-se diaconisa. Theo dedica-se ao ensino superior como a professor/pesquisador universitário.

A família passou a morar no primeiro andar e no sótão do mesmo prédio em que funcionava o comércio.



Casa Comercial localizada na esquina entre Rua XV de Nov. com a Alameda Rio Branco

2.6 Primeiro Emprego

Ernst Kieckbusch tinha como tradição ter funcionários jovens que

vinham do interior, principalmente aqueles que nunca tinham trabalhado. A sua preocupação não estava em ter mão de obra barata, mas de dar oportunidades para os jovens de 14 a 16 anos, pois, Ernst Kieckbusch passara a mesma dificuldade na busca de seu primeiro emprego e retribuía, oferecendo a mesma oportunidade. Os jovens deveriam falar o idioma alemão. Isto em virtude de seus clientes e cidade como um todo só falarem alemão. Não significa que eram dispensados algum tempo depois, pois vários deles completaram décadas de serviços prestados à loja.

Nos primeiros anos de funcionamento da loja, os funcionários moravam e se alimentavam na própria loja. Eram oferecidos o café, almoço e janta por primeiro aos funcionários e só depois para a família. Toda a alimentação estava sob a administração de Hildegard Kieckbusch. Depois que a família foi crescendo e multiplicando esse costume passou a ser abandonado.

Outro fato marcante era que todos os filhos estudavam e nas horas de folga deveriam ajudar de uma forma ou de outra na loja, seja atendendo ou repondo mercadorias nas prateleiras.

2.7 Entrega a Domicílio e Cadernetinha

Um dos serviços que marcaram o comércio Ernst Kieckbusch era o serviço de coleta e entrega de pedidos aos domicílios da cidade. Muito conhecido nos tempos de hoje como *Delivery*. Nos domicílios próximos, as entregas eram feitas de bicicleta e nos mais retirados através de uma Kombi. Passava-se pela manhã para coletar os pedidos dos clientes e no início da tarde passava-se novamente com as entregas. As mercadorias eram empacotadas em embalagens reaproveitadas de outras mercadorias recebidas. Tudo era reaproveitado dentro da loja, evitava-se ao máximo jogar algo fora. Inclusive a casinha onde eram guardadas as bicicletas tinha o seu teto todo feito de restos das caixas de madeira das mercadorias.

As dificuldades de entregas aumentavam quando a cidade de Blumenau estava na iminência de uma enchente. As pessoas preocupadas em ficar vários dias isolados, aumentavam os seus pedidos às vésperas das águas alcançarem as proximidades de suas residências. Por várias vezes, os entregadores passavam

por dentro das ruas já inundadas para garantir a entrega das mercadorias ou na ida entregavam e na volta tinham que trazer no ombro a bicicleta por as ruas já estarem tomadas pela água.

Todo o pedido entregue ou que o próprio cliente vinha selecionar era anotado em cadernetinhas localizadas por bairros da cidade. Cada filho era responsável por uma delas. Fazia-se o somatório de todas elas no final do mês para a cobrança. Vale ressaltar que não se anotava apenas o valor da mercadoria, mas se descrevia por extenso. Por exemplo: 275 gramas de açúcar mascavo, \$ 0,72. Isso era feito para que depois nenhum cliente viesse a criar problemas. Tudo isso era feito de forma manual.

2.8 Importações

Uma das características mais notáveis de Ernst Kieckbusch era a sua capacidade de localizar produtos industrializados na Europa, principalmente na Alemanha. Os produtos encomendados vinham de navio até o porto dentro da cidade de Blumenau. Isto é, os produtos vinham da Europa, chegavam no porto de Itajaí e vinham rio Itajaí-Açu acima, até Blumenau. O mais interessante é o fato de que toda a negociação era feita através de cartas. Nos tempos de hoje temos o telefone, fax e Internet, mas tudo isso era feito há pelo menos 60 anos atrás.

Praticamente todos os clientes de Ernst Kieckbusch tinham parentes vivendo na Europa. Muitos deles recebiam e enviavam os produtos via Ernst Kieckbusch.

2.9 Segunda Guerra Mundial

Durante a Segunda Guerra Mundial, e logo após, foram anos muito complicados para a loja e para toda a família de Ernst Kieckbusch. A proibição de se falar o idioma alemão, criava situações complicadas e delicadas. Ernst Kieckbusch sabia falar apenas o idioma alemão e algumas palavras em língua portuguesa. Vários de seus clientes tinham a mesma característica. Caso era denunciado para as autoridades que uma ou mais pessoas estavam falando em

alemão, eram imediatamente presas. Além disso, era proibido ler qualquer coisa escrita em alemão. Muitos acabaram por enterrar os seus bens e pertences nos quintais de suas residências para que não fossem apreendidos. Numa dessas situações, em 1942, o irmão de Ernst Kieckbusch, Johannes Kieckbusch, acabou ficando preso durante três anos por possuir em sua residência uma cópia do livro “Minha Luta” de Adolf Hitler.

Após o fim oficial da Segunda Guerra Mundial em 1945, muito dos parentes dos alemães que residiam em Blumenau passaram a enviar mantimentos para eles. Isto é, com os conhecimentos de Ernst Kieckbusch ao invés de importar passou-se a exportar os produtos para a Alemanha pós Guerra. Durante aproximadamente dois anos, os produtos eram adquiridos na grande maioria no comércio de Ernst Kieckbusch e ele, juntamente com a família e com um grupo de pessoas empenhadas, passaram a encaminhar esses produtos aos parentes na Alemanha. As pessoas adquiriam os produtos e já solicitavam os seus envios para a Alemanha. Os produtos eram embalados em pacotes de algodão cru com peso máximo de 5 Kg. Isso prevaleceu aproximadamente de 1946 a 1948.

2.10 A Troca do Carro pela Casa da Praia

Entre os veículos de transporte que fizeram parte de Ernst Kieckbusch estavam um Baio, ou seja, uma charrete de cargas com duas rodas de borracha, dois Studebackers e as Kombis usadas nas entregas. O Studebacker era um dos primeiros carros a circular pela cidade. Na época para possuir a habilitação para dirigir, era necessário deslocar-se até Florianópolis e com apenas duas horas de direção (para as pessoas que nunca tinham dirigido antes) já se saía com a carteira de habilitação. Ernst Kieckbusch recebeu algumas multas por estar dirigindo excessivamente lento em vias principais da cidade.

Ernst Kieckbusch trocou o primeiro Studebacker pela construção (com o material de construção incluído) da casa de praia em 1952 em Balneário de Camboriú. Décadas mais tarde a casa foi trocado por um apartamento em Balneário.

2.11 A Compra do Prédio

Mais um dos fatos marcantes de Ernst Kieckbusch ocorreu em 1960, quando decidiu, após quase 25 anos de aluguéis, adquirir o prédio de Edith Gaertner. Pagou um valor muito abaixo do que realmente valia o prédio, mas passaria a ficar responsável de forma vitalícia por todas as despesas médicas de Edith Gaertner. O fato é que algum tempo depois de fechar o negócio, a Edith Gaertner veio a falecer, tendo assim apenas as despesas de enterro da mesma. Os parentes próximos de Edith entraram na justiça alegando que Ernst usou de má fé e que ela não estava em estado mental normal quando fechou o negócio. Após passar por todas as esferas legais, foi decretado que o acordo era válido e que ela o fez por que queria fazê-lo.

2.12 Interesse Social pela Cidade

Outros fatos marcantes de Ernst Kieckbusch são as doações, a participação ativa na sociedade e a prática desportiva. Foi um dos fundadores do Centro Cultural 25 de Julho, que até hoje preserva a cultura alemã na cidade de Blumenau. Contribuiu para a construção de uma quadra esportiva (atualmente o Pavilhão "A" da



Interior da Casa Comercial

PROEB¹⁰) e que durante vários anos foi o palco de competições esportivas. Foi um dos colaboradores para a existência da Escola Barão do Rio Branco de Blumenau, um colégio de Ensino Fundamental e Médio de grande importância e destaque na cidade. Teve inúmeras outras contribuições que não foram arquivadas ou que naquele momento não se percebia a verdadeira importância. Além disso, sempre foi um grande incentivador de práticas esportivas.

3. Conclusão

O que torna essa pequena biografia marcante é o fato de uma pessoa que sai de sua terra natal aos 14 anos, vai para um país desconhecido, onde tudo está por ser feito e, aos 15 anos resolve partir sozinho para uma nova empreitada. Com capacidade de perceber oportunidades de negócios e sem perder o senso de responsabilidade com a sociedade, trilhou um caminho que poucos se aventuraram a cruzar. Sem estudos e apenas com a vontade de fazer acontecer, aos 22 anos fundou um empreendimento e durante vários anos foi o único em Blumenau. Importou centenas de mercadorias da Europa, onde a comunicação era apenas por correio, ajudou o próximo da melhor forma possível, viu seu irmão e amigos ficarem presos por saberem falar alemão, entre várias outras coisas. Fica marcada a sua inteligência empreendedora para oportunidades, comunicação, negócios e, principalmente, responsabilidade com a comunidade em que ele estava inserido.

NOTAS DE FIM

² Parente da família dos fundadores da Cia. Hering.

³ Conhecida inicialmente por "Rua da Lingüiça".

⁴ Atualmente, Alameda Duque de Caxias ou, popularmente, Rua das Palmeiras.

⁵ Atualmente, Grêmio Esportivo Olímpico.

⁶ Prellbal, sem tradução para o português. Esporte praticado em duplas em uma quadra de cimento com a ajuda das mãos fechadas e com uma bola de vôlei. Parecido com um pingue-pongue, onde um membro de cada time passa para o outro antes de mandar para o campo adversário, ganha quem fizer menos erros.

⁷ Mais conhecido como Punhobol.

⁸ Haustochter, em português: "Filha da Casa". Isto é, era educada em uma família tradicional da cidade onde fazia e recebia vários trabalhos. Entre eles: cozinhar, limpar, educação, bons modos e cultura. Essa relação da haustochter e família não é uma relação de patrão e empregado, ela não era uma empregada. Era uma pessoa que era educada como fosse um membro da família e estava ali para aprender.

⁹ Mais conhecido atualmente como um mini-mercado. Essa denominação vem do fato de vender produtos perecíveis e duráveis.

¹⁰ PROEB - Promotora de Eventos de Blumenau. Responsável pela estrutura física do complexo da Proeb onde são feitas feiras, exposições, competições esportivas e a própria Oktoberfest.

Memórias

Velhas calçadas e os nostálgicos locais da Quinze*

TEXTO:
*ALBERTO PLÍNIO
BAUMGARTEN**



São muitas as lembranças que tenho de quando tinha meus 12, 13 anos. Minha infância foi marcada pelos locais onde andei pela XV de Novembro.

Ah! Que saudades daquela ordeira e silenciosa rua, com seus restaurantes, confeitarias e quitandas. Muitas me fascinaram, pois, sempre fui um tanto guloso, porém exigente. Lembro-me com saudades, começando pelo alto da Quinze, da Confeitaria Benthien onde as duas irmãs Dona Nina e Dona Érica com seus filhos “Freddy”(Alfredo) e “Matzi”(Nivaldo) eram os que comandavam a organizada casa. Dona Nina era a proprietária. O que ficou gravado em minha memória foram os saborosos cachorros quentes, elaborados pelo pessoal da casa. Pãozinho especial, pequeno e macio com salsicha cozida tipo Viena, do Weege (Pomerode), com um molho divino, somente com cebolas, sal e manteiga. O pão era produzido na própria padaria, levemente adocicado para acompanhar a manteiga. Muito diferente do atual, pão francês, molho de tomates com repolho. Isto sem contar com que os Bob’s e Mc’ Donalds da vida fazem hoje. Bar e Café Benthien, lamentavelmente cerraram suas portas em fins de 1961.

Atravessando a rua, no prédio nº 1425 de meu avô Alfredo Baumgarten, ao lado do Foto Baumgarten, encontrava-se a Garapeira do Sr. Rolando Klueger. Lamentavelmente as gerações de hoje não sabem o que é uma garapeira, com um caldo de cana e um pastel delicioso de dar água na boca de qualquer mortal. Não esqueço também dos torrões, feitos de amendoim moído, e também dos pés-de-moleque, feitos artesanalmente.

Frau Klueger, sabendo que eu era fã ardoroso de seus pastéis, às vezes presenteava-me com um quentinho, e quem vinha trazer-me era sua filha Mariana, que com 5 ou 6 anos e ficava conversando

*Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

comigo no balcão do atelier fotográfico de meu pai. Lá se vão 50 e tantos anos...

Outra imagem que permanece fixada em minha mente: o Hotel e Restaurante Moderno, propriedade de Jorge e Helene Greuel. Dona Lena, como a chamávamos, era famosa por suas tortas e sobremesas. Quando nossa família, às vezes almoçava no restaurante dos Greuel, eu ficava somente esperando a hora da delicada iguaria, um pudim dos deuses, que ainda hoje evoca saudades, um creme de ovos com nozes e ameixas pretas em calda. Uma pena que nunca pensamos em pedir a receita. Causava-me uma certa inveja de Werner, meu amigo, que podia comer quanto e quando quisesse do maravilhoso creme amarelo. Werner era filho dos Greuel.

Mais em direção ao centro da cidade, o Tönjes, com sua varanda envidraçada, dando vista para o Itajaí-Açu, limpo, tranqüilo e fecundo. Henrique Tönjes era o proprietário. Lembro-me do folheado, com farto recheio de creme de confeitiro e açúcar por sobre o mesmo. Costumeiramente aos domingos à tarde, freqüentavam os clientes mais ilustres: família Prayon, Ingo Hering e família, Werner Garni e senhora, como também a família Steinbach.

Na época era muito “chique” se fazer servir de tortas de cerejas da Floresta Negra e o tradicionalíssimo Apfelstrudel. A família de Henrique Tönjes veio da Frizia ao Brasil em 1933, e pouco após, edificaram a confeitaria. No ano de 1974 remodelaram o local. Isto fez que ficássemos sem o varandão envidraçado, onde nos finais de tarde via-se o velho e barulhento trem atravessando a ponte de ferro. Em 1979, no mês de dezembro, o filho Werner Tönjes que já dirigia a confeitaria achou por bem encerrar as atividades, pois, chegou à triste realidade que já naquela época os deveres do contribuinte eram bem maiores que os direitos.

Quem, lá pelos anos de 1948 não freqüentou pelo menos uma vez o Bar e Café Expresso, conhecido por seus petiscos para acompanhar um maravilhoso “Chopp Bola”, caneco redondo de 500 ml. Deliciosos os bolinhos de carne, croquetes e as generosas fatias de pão caseiro, com molho de carne assada. Saudades e boas lembranças do amigo Bertoldo Goebel, proprietário do bar. Lembro-me também de um de seus colaboradores em servir à clientela, meu particular amigo até os dias de hoje Sr. Arno Baumann. Bertoldo lutou muitos anos à frente de seu bar, passou o ponto em 1961.

Bar e Sorveteria Polar. O comentário mais coerente e correto, a se fazer desta casa e de seu proprietário é o seguinte: local aconchegante, seu Pedro Sant’anna, pessoa comunicativa, amigo de todos, sabia como conquistar sua freguesia. Freqüentavam o local blumenauenses ilustres. Posso citar alguns como: Dr. João de Nóbrega, Dr. Erico Niemayer, Sr. Diestel, Sr. Nélio Coelho, Fritz

Keller, Frederico Busch, casal Vetterle e Kellermann. E os irreverentes fregueses de finais de semana que Blumenau inteira conhecia: Amadeu da Luz, Norberto Wiedercker e Enio Gründling (Gaúcho).

Neste bar, sempre que se consumia uma rodada de chopp, era servido gratuitamente uma travessa com mini-almôndegas, salgadinhas e apimentadas, para atizar a sede e a vontade de continuar bebendo. As pequenas almôndegas eram elaboradas pela sogra de Pedro Sant'anna, "Oma Bier". Esta casa infelizmente também encerrou as atividades em 1964.

Percorrendo a Quinze, vamos ao inesquecível Socher. Restaurante e Confeitaria dos von Rogoschin. Esta casa foi adquirida pela família em 1955. Era a "Confeitaria Colombo" de Blumenau. Aos domingos, por volta das 21h, após o famoso "footing" e o término do cineminha ao ar livre que existia no centro da cidade, o domingo não seria domingo, se não terminasse no Socher para se tomar um creme de aspargos ou tomates. Desta confeitaria temos que lembrar com muito respeito do amigo, mestre, padeiro e confeitoiro "Altino". Era o rei das empadinhas e dos confeitos açucarados chamados "Wibele". Altino ainda hoje está na ativa, em Balneário de Itajuba. O Socher terminou em 1962, mais tarde reabriu no térreo do Grande Hotel Blumenau, com o nome de Aquarius.

Nos anos de 1949 freqüentei também, por algumas vezes, junto com meus pais, o último dos bares/botequim da nossa rua principal esquina com Alameda Rio Branco, o Buraco do Tatu (Bar Avenida), que pertencia à família Schöenau. Ambiente este, que ficava no subsolo do antigo Hotel Holetz. Seu Eugênio Schöenau, junto com a mulher, preparava uma salada russa como ninguém. Era servida junto com um pão Petrópolis e uma fatia de "Schwartzbrot" (pão-preto).

A salada mencionada era composta de tiras finas de presunto, batatas, ervilhas, cheiros verdes e maionese. Uma verdadeira iguaria. Hoje, ainda em casa fazemos esta salada para acompanhar uma cerveja gelada. Em 1952 o Sr. Schöenau e família deixaram Blumenau e foram para Curitiba, ficaram algum tempo à frente do restaurante da sociedade Duque de Caxias. Mais tarde inauguraram sua própria casa, o Restaurante Zacharias, na praça que tem o mesmo nome.

E o passeio pela rua Quinze acabou. Aqui encerro minhas modestas memórias, que outro mérito não tem, se não rememorar as coisas boas que marcaram época em nossa Blumenau. Hoje estas confeitarias, bares, botequins e garapeiras, junto com sua gente, são apenas uma gostosa saudade...

Blumenau, 11 de agosto de 2002.

Memórias

Ferraria

TEXTO:
EDGAR
KIELWAGEN*



A primeira ferraria teve sua atividade desde o início da colonização de Blumenau e estava situada na esquina da rua Ceará com a Alameda Duque de Caxias, popularmente chamada de rua das Palmeiras. O primeiro dono da ferraria era o senhor que em cerca de 1897 a vendeu ao meu avô Ernst August Kielwagen, vindo da Alemanha no fim de 1894 já com o filho de nome Otto, meu pai, nascido em alto mar, próximo à costa do Brasil. A esposa do meu avô, Johanna C. W. Ernst Kielwagen, gerou, além de duas filhas cinco filhos chamados Otto, Adolfo, Paulo, Erich e Hermann. Todos menos Adolfo, que aprendeu o ofício de alfaiate, trabalharam na ferraria desde 14 anos de idade. Após o aprendizado, em 1919 meu pai foi trabalhar na ferraria do meu avô materno de nome Emil Marx, a qual estava estabelecida à rua São Paulo no bairro Altona, hoje Itoupava Seca, defronte do Ex-Hotel Wuerges. Em 03.10.1920, meu pai contraiu matrimônio com a 2ª filha de Emil Marx, chamada Ella. Emil era um dos melhores fabricantes de aranhas e carros de mola luxuosos em Santa Catarina. Paulo e Erich permaneceram na ferraria, enquanto Hermann, após adulto, foi trabalhar na Empresa Industrial Garcia, hoje Artex. Quando seu pai faleceu, em 03.04.1948, os dois assumiram a ferraria. Alguns anos mais tarde, devido à diminuição de carroças e a falta de uso dos carros de mola, os dois começaram a fabricar principalmente molas para veículos motores leves e pesados e as instalavam. Em 1987, Paulo aposentou-se e foi morar com sua esposa Selma na casa de sua filha Helga em São Paulo, onde faleceram. Erich continuou com a ferraria até o dia do seu falecimento em 28.12.1983, quando foi extinta. Meu pai Otto adquiriu a ferraria do seu sogro em 1932 e a transferiu em 1940 para o prédio em que funcionava a Cervejaria de Otto Jenrich, defronte à ex-Farmácia Thomsen. Em 1942, meu pai adquiriu o referido prédio de Adolfo Schmalz. Como logo após a declaração de guerra do Brasil à Alemanha não havia mais importação de ferramentas agrícolas e de uso doméstico daquele país, meu pai começou a fabricar também machados, machadinhas, enxadas, enxadões, picaretas, pás, foices e cadanhas. Devido à falta de carroças, meu pai e seu filho Harry começaram a

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

fabricar balanças decimais de diversos tamanhos para indústria e agro-pecuária e deixou de fazer ferramentas agrícolas, tendo em vista a grande concorrência. Após o falecimento do meu pai em 07.04.1964, Harry continuou com a fabricação e a estendeu para pesar também caminhões pesados e carregados. Alguns anos mais tarde fazia somente balanças decimais pequenas sob encomenda e consertou balanças de quase todos os tipos. Em 12.10.96 foi fechada a ferraria e a fábrica, respectivamente oficina de consertos de balanças, devido ao falecimento do seu dono.

Instalação da Ferraria

Dois bancos de trabalho de madeira grossa, munidos de dois tornilhos, uma serra e duas furadeiras elétricas, um martelo elétrico, duas máquinas de esmerilhar, um aparelho para entortar barras de ferro, dois fornos para incandescer ferros a carvão, dois foles, duas caixas retangulares de madeira, uma com água para resfriar ferros e outra com cera para temperar ferramentas, duas bigornas e ferramentas em geral com martelos, torquezas, alicates, serras manuais e tarraxas. O maquinário, os tornilhos, as bigornas e ferramentas eram importados da Alemanha e vendidos pelas firmas Carlos Hoepcke S. A., Moellmann S. A. e Victor Probst & Cia. Ltda., com exceção do martelo elétrico fabricado pela Indústria Metalúrgica Otto Bennack de Joinville.

Serviços

Acessórios para carroças, carros de mola e carrinhos de mão eram feitos pelo marceneiro Carlos Kurtz e mais tarde por Eduardo Seibel em lugar anexo à ferraria; fabricava-se aros para rodas, torquezas, martelos e cunhas de diversos tamanhos, especiais para fazer ferraduras e outras peças na bigorna. Os aros eram colocados no fogo preparado com lenha ou carvão no chão e em seguida montados nas rodas postas numa plataforma de madeira grossa e resfriados com água. Causava muita fumaça. Dava muito serviço colocar ferraduras nas patas de cavalos e burros xucros. Estes animais tinham que ser puxados à força para dentro de um box de madeira feito com quatro postes fincados na terra, medindo 1,20 m de altura e 15 cm de grossura, distantes 1,70 m um do outro no comprimento e 1,00 m de lado a lado. Por cima estava fixada uma travessa em cada lado, de 2,40 m de comprimento e 15 cm de grossura. Na frente e atrás havia uma barra de ferro móvel e no lado externo das travessas uma roldana de madeira com dois furos, onde eram introduzidos dois pinos de ferro para girar as roldanas. Quando o animal estava no box, era amarrado na barra frontal e com dois cintos grossos de couro, de 1,00 m de comprimento por 18 cm de largura, providos de corrente em cada extremidade e colocados na frente e atrás da barriga do animal para levantá-lo por meio das roldanas e assim imobilizá-lo. Em seguida amarrava-se uma pata (traseira) de cada vez na barra de ferro com cordão e então pregava-se a ferradura com pregos especiais. Terminado esse procedimento, um ajudante levantava uma perna inferior dianteira de cada vez, a segurava de maneira que o ferreiro podia pregar a ferradura.

TEXTO:
URDA ALICE
KLUEGER*



Nós, brasileiros, já vivemos coisas muito estranhas. Quem não se lembra como, durante o governo Sarney, todos os meses tínhamos que ir ao Correio comprar selo para colar na janela do carro? Tal selo representava um imposto, e a cada mês tinha cor diferente. Lembro agora do ridículo de todos os nossos carros, com aquela fila de selos coloridos colados na janela da frente, isto sem falar das filas quilométricas, no Correio, para se adquirir o selo ridículo. Na época, o fato foi devidamente ridicularizado na novela "Que rei sou eu", da rede Globo, novela que passava em outra época e outro lugar, mas onde o autor deitou e rolou no ridículo da sociedade brasileira. Na novela, os personagens tinham que comprar uns selos para colar nos focinhos dos seus cavalos. Morro de rir quando me lembro. Também sei que repeti, acima, uma porção de vezes a palavra "ridículo". Não havia outra que coubesse no seu lugar.

Antes do governo Sarney, porém, vivemos a Ditadura, e ela nos impingiu coisas mais ridículas ainda. Lembram-se do que aconteceu em 1972?

Em 1972 fazia cento e cinquenta anos que D. Pedro I havia proclamado a Independência do Brasil. O centenário de tal fato já havia sido devidamente comemorado cinquenta anos antes, mas o governo da Ditadura estava precisando de algum motivo marcante para fazer o povo vibrar de patriotismo, e não deu outra: resolveu festejar o Sesquicentenário da Independência. Nunca tínhamos ouvido, antes, a palavra sesquicentenário, mas tivemos que embarcar num ano de comemorações em cima da palavra desconhecida, com direito ao Hino do Sesquicentenário e tudo o mais.

Era, aquele, um período negro da História do Brasil. 1968 ainda estava muito perto, e não se possuíam garantias constitucionais. Ridículos monstros filhos da Ditadura pontilhavam o país e, como não

* Escritora e Membro da Academia Catarinense de Letras.

podia deixar de ser, Blumenau também tinha o seu monstro: chamava-se Coronel Brandão, e levava a Ditadura mais a sério que qualquer outro. A crônica da cidade se lembra perfeitamente de todas as arbitrariedades do Coronel Brandão e nem é bom entrar em detalhes sobre o que dizem os blumenauenses quando se lembram dele.

Para o Coronel Brandão, mais de duas pessoas juntas na rua, à noite, significava a presença de uma célula comunista ambulante, pronta para botar o país em perigo. Os “subversivos”, palavra da moda, eram atentamente vigiados pelo nosso monstro, que atravessava as madrugadas de sexta e de sábado vigiando a saída dos bailes com uma patrulha de soldado, para ver quem se reunia para conversar sobre um complô. É claro que os “subversivos” encontrados eram presos e levados para o quartel do Exército, onde sofriam humilhações, amarguras e, eventualmente, até torturas.

Foi numa dessas madrugadas de 1972 que o meu amigo escritor Célio de Moraes saiu, com sua turma, da boate familiar Hum-Papá, ponto alto do encontro da moçada de Blumenau, nessa época. Ninguém estava com vontade de ir para casa, ainda, e sentaram-se todos numa calçada para conversar mais um pouco, coisa proibida pela Ditadura e, principalmente, pelo nosso Coronel Brandão. Ninguém estava botando o país em perigo: falavam de música e de gatinhas, coisa tão a gosto de todos os rapazes do mundo. Só que, minutos depois, quem aponta na esquina? Nada mais nada menos que o Coronel Brandão com sua patrulha!

Claro que os nossos amigos tinham virado subversivos, e iriam passar as próximas horas na cadeia do quartel, se não fosse coisa pior. Fugir, não dava: os soldados armados receberiam ordem de atirar naqueles comunistas que tinham se atrevido a conspirar em plena via pública – ficar seria a maior complicação. Aí Célio teve a idéia, e começou a cantar a plenos pulmões, acompanhado pelo resto da turma:

“Marco extraordinário
Sesquicentenário da Independência!
Potência de amor e paz
Este Brasil faz coisas
Que ninguém imagina que faz!...”

Os mais velhos vão lembrar-se da música do Hino do Sesquicentenário. O engraçado da coisa foi que o Coronel Brandão esbarrou na música sagrada da Ditadura para aquele ano, e ficou a prestar continência. E os nossos rapazes cantaram e cantaram, a plenos pulmões, mostrando a sua lealdade à Ditadura, até que o coronel cansou-se e foi embora.

Eles morrem de rir, até hoje, quando contam.

Doc. 588

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Tenho a honra de participar a V^a Ex^a, que no próximo domingo, 29 do presente mês, pretendo e espero partir em direitura para o porto de Itajaí e a colônia a meu cargo, esperando chegar assim com maior rapidez, do que por meio do barco a vapor do princípio do próximo mês. Para o mesmo de hoje infelizmente os meus despachos no Ministério da Agricultura ainda não estavam prontos e assim vi-me constrangido, de novo demorar minha partida, como já me tem acontecido com o vapor dos meados deste mês.

Tenho assim, bem que muito contra meus desejos, ultrapassado a licença, que V^a Ex^a teve a bondade de conceder-me, cumpre-me pois, suplicar a indulgência de V^a Ex^a, com que tanto mais espero ver favorecido quanto a minha estada aqui me foi aproveitada para muitos trabalhos sobre a colonização, que tive de executar por ordem de S. e Ex^a Sr. Ministro da Agricultura.

Imediatamente depois da minha chegada ao Itajaí terei a honra de participá-lo a V^a Ex^a. A minha demora ali não será senão de poucas semanas, para dispor e combinar com o guarda livros os diferentes serviços; logo depois tenho de partir de novo para esta corte e por via dessa capital, para pôr-me aqui às ordens do Ex^{mo} Sr. Ministro da Agricultura, que pretende incumbir de uma comissão na Europa.

No caso pois, de que V^a Ex^a tenha a intenção de visitar o Itajaí e a colônia a meu cargo, ficaria muito obrigado à V^a Ex^a, se podia gozar da honra de recebê-lo ali em pessoa, entregando-me a lisonjeira esperança de que V^a Ex^a se dignará de aceitar a mo-

desta hospedagem deste obediente criado de V^a Ex^a -

Deus guarde a V^a Ex^a - Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1865.

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves

D^{mo} Presidente da Província de Santa Catarina etc. etc. etc

O Diretor da Colônia de Blumenau

Dr. H. Blumenau

Doc. 589

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Tenho a honra de apresentar a V^a Ex^a e incluso quadro dos trabalhos executados em esta colônia no mês de dezembro de 1864.

Deus guarde a V^a Ex^a - Colônia Blumenau, 6 de fevereiro de 1865.

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

D^{mo} Presidente da Província

Etc. etc. etc

O Diretor da Colônia de Blumenau

Dr. H. Blumenau

Colônia Blumenau

Trabalhos executados no mês de setembro de 1865

Canal do ribeirão Fresco

Dezembro 1/31 - Jornais de pedreiro no canal Rs: 383\$100

31 - Spierling, transporte de 1000 tijolos para o canal 5\$000

Estrada para o distrito do Gaspar

1/17 - Jornais, concerto dos aterros nas pontes do Gaspar e da estrada	100\$875
10 - H. Schramm, transporte de pranchões para as pontes do Gaspar	1\$000
O mesmo, derrubar, falquejar e puxar madeiras para as pontes do Gaspar, 111 p. corr. à 400 rs, 60 ditos à 320 rs	63\$600

Estrada do Garcia e caminho

7 - Knoch, concerto da ponte no seu lote e firmar o solo do ribeirão com barro	3\$500
17 - Kreis, 31 braças corrida de valetas na estrada perto do Grewsmuhl a 320 rs	9\$920
17/31 - Jornais, alargamento e concerto do caminho p ^{to} do Wehmuth	119\$700

Estrada do rio do Testo

1/31 - Jornais, fatura de canais, bueiros e aterros e concerto da estrada	215\$000
1/17 - Ditos, remover terra desmoronada da estrada	26\$500
15/18 - Ditos, limpar o ribeirão perto do Philipps, para construir uma ponte	3\$200
1/31 - 71 ½ braças corrida de estrada, escavada no terreno pedroso	265\$400
17 - Carpinteiro Harbs, colocar as madeiras e erigir as pontes do Philipps & Hartmann, incluindo trabalho de fundamento, 1446 p. corr. à 180 rs = 260\$280; gratificação extraordinária, trabalhos acessórios na ereção das mesmas 20\$000 ..	280\$280
1/31 - 444 braças corrida de caminhos em empreitada, 7 C ^{ias}	212\$680

Estrada do Itajaí e caminhos

20 - Jornal, remover 1 pau do caminho e limpar o caminho no Passo Manso	1\$500
1/17 - Ditos, caminho no barranco do rio no Passo Manso	18\$240
1/31 - 413 braças corrida de caminho e 2 pontes provisórias, 3 C ^{ias} ..	204\$920

31 - Mohr, Schnitzler & C ^{ia} , aterro na ponte das Águas Brancas, 17 br. cub. à 4\$500 = 76\$500; limpar o ribeirão de madeiras 8\$	84\$500
Kuhluwein, transporte de 4 alq. de cal p ^a a mesma	3\$000
Aluguel por 3 juntas de bois p ^a puxar as madeiras p ^a a ponte do Encano 11\$250	

Estrada do Garcia para a Itoupava

1/20 - Jornais, limpar o canal da Velha, da terra desmoronada, em consequência da enchente	18\$600
17 - Tillmann, cavoucar pedras para o canal perto do Herbst, 2 1/2 br. cub. à 14\$	35\$000
31 - Ebert, transporte das mesmas da pedreira para o canal	65\$000

Caminho do Itajaí, margem esquerda

23 - Knoll, 120 braças corridas de caminho à 400 rs	48\$000
---	---------

Estrada do Salto

6 - Schmidt, roçar uma parte da estrada	4\$000
1/31 - 94 br. corr. de estrada, em empreitada	296\$000

Caminhos diversos

3 - Jansen, 12 braças corrida de caminho em Badenfurt à 240	2\$880
1/31 - 217 braças corrida de caminho no Vale do Retiro 4 C ^{ias}	108\$800
23 - Kuhlmann, limpar o lugar de passagem em Badenfurt de madeiras, conduzidas pelas águas de monte	4\$000

Canal no morro na povoação

31 - Wloch, convocar e transportar 1 braça cúbica de pedras para o canal	40\$000
---	---------

Trabalhos e despesas diversas

1 - Hinze, transporte de 10 pranchões da Itoupava p ^a cá	1\$500
4 - Rosemann, transporte de plantas de vetiver ¹ e cardamomo ² p ^a os aterros das pontes de Gaspar	1\$500

Burocracia & Governo

16 - Harbs, fatura de um barco de passagem	40\$000
17 - Zimmermann, transporte do mesmo da Itoupava p ^a cá	1\$000
31 - Kühlewein, transporte do mesmo do Badenfurt para a Itoupava ..	6\$000
Diárias do agrimensor e salários dos trabalhadores do mesmo nos trabalhos de nivelamento e canaletes nos caminhos e estradas, executados no trimestre de outubro até dezembro	213\$900

Estrada da Barra

1/30 - Jornais na estrada	1:021\$200
669 braças corrida de estrada com 5 bueiros 3 C ^{ias}	590\$800

Rs: 4:511\$345

Colônia Blumenau, 6 de fevereiro de 1865.

Na ausência do Diretor
O Guarda livros

H. Wendeburg

Doc. 590

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Tenho a honra de participar à V^a Ex^a, que tendo ontem entrado neste porto de volta da corte, pretendo amanhã subir o rio, para a colônia a meu cargo e reassumir sua direção.

Ao mesmo tempo não posso deixar de renovar o desejo de que V^a Ex^a queira honrar a mesma colônia de uma visita, se for possível no decurso do próximo mês, afim de que eu goze da felicidade de cumprimentar a V^a Ex^a. Ali, visto que nos princípios de março deverei de novo partir para apresentar-me outra vez ao Ex^{mo} Sr. Ministro da Agricultura.

Deus guarde à V^a Ex^a - Vila de Itajaí, 6 de fevereiro de 1865.

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves

D^{mo} Presidente desta Província
Etc. etc. etc.

O Diretor da Colônia de Blumenau
Dr. H. Blumenau

Doc. 591

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Com o ofício de 16 de novembro pro. ps. tomei a liberdade, apresentar ao esclarecido juízo de V^a Ex^a o projeto de algumas posturas, destinadas para no distrito desta colônia removerem diferentes graves embaraços e inconvenientes ao público transcrito, conservação das pontes, remoção das cancelas, etc., etc.

Este projeto foi remetido, quanto me consta à Câmara municipal de Itajaí e eu não tive mais notícia dele.

No entretanto, infelizmente os ditos inconvenientes ficam subsistindo e acho-me constantemente embaraçado com queixas e clamores, a que não posso remediar, bem como lutando com abusos, a que não me é dado, por termo.

Venho pois, rogar tão respeitosamente quão instantemente V^a Ex^a queira recomendar à referida Câmara para que com urgência preste sua informação à respeito, com o fim de facilitar uma breve resolução sobre este assunto sempre mais urgente para o interesse público nesta colônia.

Deus guarde a V^a Ex^a - Colônia Blumenau, 15 de fevereiro de 1865.

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
D^{mo} Presidente da Província
Etc. etc. etc

O Diretor da Colônia de Blumenau
Dr. H. Blumenau

Doc. 592

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Para cobrir as despesas da colônia a meu cargo no próximo trimestre de abril a junho, venho respeitosamente rogar, V^a Ex^a queira dignar-se de mandar pagar ao meu procurador no decurso do próximo mês de março a quantia de Rs 12:685\$000, quarta parte da importância, que o Governo Imperial concedeu para a mesma colônia no corrente exercício.

Além disto, cumpre-me solicitar a entrega ao mesmo procurador da quantia de Rs 400\$000, proveniente do argumento da gratificação do médico desta colônia, o Dr. Knoblauch que pelo aviso do Ministério da Agricultura de 16 de janeiro pro. ps., à mim dirigido, foi elevada de um conto e duzentos mil réis a dois contos, a datar do princípio do corrente ano. Este argumento, porém não foi previsto nem determinado no orçamento das despesas desta colônia no corrente exercício financeiro, ao qual cabem ainda dois trimestres do mesmo, e por esta razão não tenho à disposição a correspondente quantia de 400\$, que acima solicitei e sobre a qual o seu pagamento extraordinário se fez comunicação à tesouraria da Fazenda, segundo me foi participado pelo Ministério da Agricultura. Achando-me autorizado para pagar, faltam-me, porém os fundos para este fim e venho pois, solicitá-los à V^a Ex^a.

Deus guarde a V^a Ex^a - Colônia Blumenau, 15 de fevereiro de 1865.

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

D^{mo} Presidente da Província

Etc. etc. etc

O Diretor da Colônia de Blumenau

Dr. H. Blumenau

Doc. 595

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Por aviso de 15 de dezembro pro. ps. V^a Ex^a me ordenou, restituir a Christiano Baucke a quantia de Rs:36\$000, rebate da quantia de Rs:300\$000,

que no ato da compra da sua terra não lhe foi levado em conta, e à Frederico Strobel a de 41\$800 réis importância da redução no preço da sua sorte, que V^a Ex^a lhe concedeu, como a mesma redução por esta direção já fora concedida aos vizinhos do referido Strobel, que ainda devem ao Governo a importância das suas terras e se acharam em análogo caso e situação.

As referidas quantias, no total de Rs: 77\$500, já foram pagas na minha ausência, mas não existe crédito para despesa desta natureza no orçamento das despesas desta colônia, por que me tenho a dirigir, não sendo possível, como realmente é, tirá-la das "Extraordinárias".

Não me resta, pois senão aproveitar para este fim a Receita das terras vendidas e com ela com toda a razão, como me parece, estas despesas devem ser feitas, quando existir saldo, ou deverão ser pagas diretamente pela Fazenda Nacional, em cujos cofres tenho de entregar e entreguei a mesma receita, se acaso não existir saldo no cofre desta direção.

Não sabendo, porém, se assim ando acertado, e podendo se dar ainda no futuro casos de tais restituições, peço respeitosamente, V^a Ex^a queira favorecer-me com algum aviso sobre este assunto, que me serve de futura regra.

Deus guarde a V^a Ex^a - Colônia Blumenau, 18 de fevereiro de 1865.

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

D^{mo} Presidente da Província

Etc. etc. etc

O Diretor da Colônia de Blumenau

Dr. H. Blumenau

Doc. 596

Cópia:

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr. - Tendo-me apresentado o ex-soldado Julio Amberg, prussiano, distribui-lhe uma sorte de terra em conformidade com o aviso de V^a Ex^a de 7 de dezembro próximo passado. O mesmo reclamou porém, deste estágio de um ano, que alega lhe competirem segundo o artigo 5^o do respectivo

contrato, que abaixo transcrevo. Não me competindo a interpretação deste artigo, e menos ainda o pagamento sem autorização especial, vejo-me na necessidade de rejeitar este caso a decisão de V^a Ex^a e isto tanto mais quanto esta despesa, segundo me parece, não poderá correr por conta do Ministro da agricultura e sim do da Guerra. Para as próprias diárias dos colonos o dito Amberg não tem direito, visto que é solteiro. Deus guarde a V^a Ex^a - Colônia Blumenau em 15 de fevereiro 1865. Il^{mo} e Ex^{mo} Sr. Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves, Dig^{mo} Presidente da Província. O Diretor Dr. Hermann Blumenau. Transcrição do artigo 5^o. do contrato concluído em Hamburgo em 29 de abril de 1851 entre o Conselheiro S.do Rego Barros e o Soldado Julio Amberg. Os contratados entrarão de posse das terras ou no fim do contrato, ou quando licenciados, neste caso, isto é, quando licenciados, o Sr. Amberg Julio só terá direito a esta fase transitória até finalizar o seu contrato. No fim do contrato terá as mesmas vantagens, mas somente pelo espaço de um ano. Se, porém o contratado não pretender terras, receberá do Governo Imperial passagem livre para a Europa, e mais um prêmio em dinheiro de quinze thalers da Prússia, em moeda do país ao cambio corrente.

Conforme o original remetido ao Sr. Ministro da Agricultura com ofício de 7 de março de 1865.

O Oficial Chefe de Seção
Ricardo José de Souza.

¹ Grande capim (de 1 a 1,5 m de altura) da família das gramíneas (*Andropogon squarrosus*), originário da Malásia, cultivado e também subespontâneo, cuja raiz fornece 1% de óleo essencial perfumado, e quando seca é vendida para ser colocada entre a roupa, perfumando-a e afugentando insetos.

² Planta da família das zingiberáceas (*Elettaria repens*), do S.E. asiático, cultivada por suas sementes, utilizadas como condimento aromático.

Autores
Catarinenses

Ditos e Versos

Resgate
Literário

Um Belo Livro

TEXTO:
ENÉAS
ATHANÁZIO*



“Já conversamos sobre a necessidade que, todos quantos nos interessamos pela tradição, temos de coligir as trovas e narrativas do velho tempo” (Coelho Neto).

Os Campos Gerais catarinenses têm uma linguagem rica em expressões locais, tão numerosas que poderiam compor um volumoso glossário de regionalismos. Muitas dessas palavras são frutos da criatividade do campeiro e impressionam, quando bem analisadas, pela precisão com que definem objetos ou expressam idéias. Outras tantas parecem ser vocábulos conservados pelo campeiro em virtude de seu natural isolamento na vastidão das coxilhas, sem muitos contatos, e que caíram em desuso nas outras regiões. Fenômeno semelhante ocorre em diferentes Estados do País, como no sul do Piauí, segundo informações de um amigo atento, morador daquelas bandas, e em regiões de Minas Gerais, como verifiquei em pessoa. Mas é interessante notar que em recentes leituras de Saramago deparei com palavras por ele usadas com naturalidade e que também estão na boca de nossos campeiros, com idêntico sentido, embora quase nunca apareçam na linguagem coloquial do restante do Estado. Nessas leituras do Nobel português anotei, entre outras, as seguintes: dezasseis (dezesseis), reconvença (recado, mensagem), inceiro (virgem, em relação a mato), entojado (enjoado, vaidoso), baita (grande), carpir (capinar), encalstrar (encaixar, ajustar), carreiro (caminho fundo), aonde, encruzo (encruzilhada), teres (forma antiga de propriedades), golo (gol), regalo (presente, agrado) etc.

* Escritor e Advogado

Parece-me, pois, que o homem do campo guardou na sua pureza essas expressões.

Também em matéria de ditos populares é rico o linguajar da região. Com a mesma precisão, eles registram a experiência coletiva da população em frases recheadas de significação e muitas vezes permeadas de humor. Constituem pílulas de sabedoria popular, sempre repetidas, com pequenas variantes. Em muitos anos de vivência nos Campos Gerais, em contato direto com as pessoas, registrei mais de duas centenas de ditos, sem qualquer preocupação científica ou de coletar todos eles, apenas por curiosidade. É claro que muitos também são correntes em outras partes do Estado e do País, razão pela qual relacionarei aqui apenas aqueles que me parecem típicos da região campeira.

Vão aqui alguns exemplos: “abelha que muito burne não dá mel”, “com homem de saia e mulher de bigode nem o diabo pode”, “padrinho é o pai segundo”, “terra que tem guamirim nem pra cemitério serve”, “Deus tira os dentes mas alarga a goela”, “tempo é remédio de pobre”, “quem não quer bucha de purungo não acolhera de dois”, “geada na lama, chuva na cama”, “amigos a gente escolhe, parentes o diabo nos presenteia”, “por cima fitas e renda, por baixo Deus que defenda”, “em baile de cobra não vá sem perneira”, “em briga de foice a única defesa é o cesto”, “o próprio chora seu dono”, “quem procura atalho procura atrapalho”, “festa acabada, músicos a pé”, “obrigado é pau de arrasto e na subida”, “caboclo sem dinheiro até o rasto é feio”, “diferença de palmo prego puxa”, “antigo como os tempos em que o enxó tinha baina”, “homem-macho não chora”, “touro em rodeio alheio é vaca”, “um pé lá e outro cá e não me estrague o animal”, “o povo pode aumentar mas não inventa”, “perigoso que nem cornada de boi manso”, “só se vê rabuja em cachorro magro”, “quem quer vai, quem não quer manda”, “quem é burro tem que patear”, “dinheiro e bordoadas não voltam mais”, “carreiro fundo, paca gorda”, “enquanto o pau sobe e desce os ombros descansam”, “com a idade e com o frio a gente não se acostuma nunca”, “quem está montado na razão não carece de espora”, “teimoso que nem goteira”, “velho abandonado não foi moço ajuizado”, “pelo andar do boi se sente o peso do carro”, “curar bicheira com benzedura é preguiça da madura”, “o sol é o poncho do pobre”, “cavalo bem encilhado, sujeito recomendado”, “gordo que nem abóbora de beira de cemitério”, “mulher de janela, nem costura e nem panela”, “em fandango de galinha

barata não se mete”, “criança que brinca com fogo mija na cama”, “arma mija na mão de criança”, “luxo faz mal pro buxo”, “galinha e costela, unha com ela”, “quanto mais foice maior o roçado”, “fogo de chão amarra negro e deixa branco sem-vergonha”, “quem nasceu pra vintém não chega a tostão”, “primeiro a obrigação, depois a diversão”, “tão pobre que anda lavando cachorro com guanxuma”, “como congestão de pipoca, fica no ameaço”, “o pai é peão do filho e cavalo do neto”, “viúva é que nem lenha verde: chora mas pega fogo” etc.

Quanto aos versos, é incontável a sua quantidade. Observei que existem aqueles que são “isolados” e aqueles que pertencem a “séries” nas quais há um tema central comum a todos. Procurando organizá-las, denominei essas “séries” de “Ninguém viu...”, “Atrás do cerro”, “Morena”, “Tatu”, “Saudade”, “Tico-tico”, “Alecrim”, “Moça Feia”, “Marota” etc. Algumas têm versos mais numerosos, outras em menor quantidade e até aquelas formadas por dois ou três, ou, pelo menos, foram esses os que consegui descobrir. Como se transmitem pela tradição oral, é bem provável que muitos tenham caído no esquecimento.

Vamos aos exemplos. Série “Ninguém viu...”:

“Ninguém viu o que eu vi hoje,
Na rodilha do cipó:
Um macaco de colete
E um bugio de paletó!”

“Ninguém viu o que eu vi hoje,
Lá no largo da matriz:
O sogro surrando a sogra
E o genro pedindo bis!”

Série “Atrás do cerro”:

“Lá detrás daquele cerro,
Passa boi, passa boiada,
Também passa a moreninha
Do cabelo encacheado.”

“Lá detrás daquele cerro,

Tem um pé de carrapicho.
Já te botei a cangalha,
Falta te botar o rabicho!”

Série “Morena”:

“Pinheiro me dá uma pinha,
Pinha me dá um pinhão,
Morena me dá um abraço,
Que eu te dou meu coração!”

“Lá vai o sol entrando,
Redondo que nem vintém,
Morena me dá um abraço,
Que eu não conto pra ninguém!”

Série “Tatu”:

“Tatu sobe em pau,
Mentira de vassuncê,
Tatu faz buraco,
Isso sim pode ser!”

Série “Saudade”:

“A saudade se compara,
Quando fere o coração,
Ao carro de boi que canta,
Fazendo sulcos no chão!”

“Não tenho medo da morte,
Porque sei que vou morrer.
Tenho medo da saudade
Que mata sem Deus querer.”

Série “Marota”:

“Sai daqui seu fede-fede,
Vai feder lá no monturo!
Se aqui tu assim já fedes,
Que fará na sepultura!”

“Eu vi teu rasto na areia,
E me pús a considerar:
Se no teu rasto já tem bicho,
Que fará no calcanhar!”

“Atirei um limão verde,
Só pra ver onde caía,
Deu no colo duma velha,
Crêndios padre, ave Maria!”

Versos isolados:

“No meu rosto ninguém vê,
Nenhum sinal de aflição,
Minha pena, meu cuidado,
Eu guardo no coração.”

“Menina, minha menina,
Minha flor de melancia,
Um beijo de tua boca,
Me sustenta todo o dia.”

“O vento que ventou hoje
Varreu a folha da palma.
No dia que não te vejo,
Não tenho vida nem alma.”

“Nem tudo que ronca é porco,

Nem tudo que berra é bode,
Nem tudo que luz é ouro,
Nem tudo falar se pode!”

Eis alguns exemplos colhidos entre os muitos que anotei. Restaria mencionar a série “Teu pai é um gringo”, muito conhecida, com evidente conteúdo racista contra o “gringo”, isto é, o descendente de italianos. Muito conhecida também é a série da “Velha chacoalheira que anda pela ribeira”. Nunca consegui esclarecer se “ribeira” se refere a alguma barranca de rio ou à Serra da Ribeira, em São Paulo, o que indicaria a procedência dos versos. E restaria ainda uma abordagem sobre o pinheiro, suas histórias, lendas, crendices e versos que o envolvem, constituindo um autêntico “folclore do pinheiro.” É assunto para um futuro artigo.

Resgate Literário

Em mais uma realização admirável, o professor e crítico Lauro Junkes publicou a poesia completa de Luiz Delfino, trabalho minucioso e difícil que o credencia como o mais operoso e dedicado estudioso das letras catarinenses, de ontem e de hoje. Trata-se da obra “Poesia Completa”, de Luiz Delfino, em dois alentados volumes, com mais de setecentas páginas cada um, sendo o primeiro dedicado aos **sonetos** e o segundo aos **poemas longos**, com esmerada apresentação gráfica (Coleção ACL, volume 17 – Florianópolis – 2001).

O primeiro volume contém um esboço biográfico do poeta e uma profunda análise de sua poesia, ambos de autoria do Organizador, bem como exposição sobre os procedimentos no tratamento do texto, indicando o cuidado com que a obra foi realizada. Na revisão e atualização lingüística, contou com a colaboração de sua esposa, também professora, Terezinha Kuhn Junkes. No final, uma exaustiva e pioneira bibliografia, da qual nada está ausente, em livros, revistas e jornais, compilada pelo Organizador. A obra contém ainda fotos do poeta na juventude e na maturidade e reprodução das capas originais de todos os livros de sua autoria.

Em seguida, na ordem cronológica de seu aparecimento em livro, desdobra-se toda a poesia de Luiz Delfino, um poeta lírico, de produção copiosa,

extensa, oceânica, e que faleceu inédito em volume. Como afirmou alguém, foi um poeta que se fez na imprensa do Rio de Janeiro, onde exerceu a medicina e ocupou cargos eletivos. Tem admiradores da maior expressão, entre os quais Sílvio Romero, Osório Duque Estrada, José Veríssimo, Eugênio Gomes, Manuel Bandeira, Andrade Muricy, Wilson Martins e Gilberto Amado, sem contar os conterrâneos, além de ter desfrutado em vida de grande popularidade. Gilberto Amado, escritor célebre em seu tempo, dedicou-lhe generosas páginas, muitas delas recolhidas à sua extraordinária obra.

Graças ao trabalho silencioso e dedicado de Lauro Junkes, o grande Luiz Delfino tem, afinal, uma edição digna, realizada em seu Estado natal, reunindo sua produção poética. E nós, catarinenses, podemos fruir a poética de nosso conterrâneo num texto confiável e num livro elegante, agradável de manusear. Todos estamos de parabéns!

Um Belo Livro

Como padecemos de divulgação deficiente na área cultural, na verdade quase inexistente, muitos de nossos valores passam pela terra, produzem obras de qualidade, e depois caem no ostracismo, isso quando foram conhecidos em vida, o que muitas vezes nem sequer aconteceu. Exemplo bem significativo é o de José Leal Filho, engenheiro e poeta, considerado uma das expressões da poesia regionalista do sul brasileiro, a respeito de quem muito pouco se sabe.

José Leal Filho (1902/1972) nasceu no vizinho Estado do Rio Grande do Sul. Formado em engenharia pela Faculdade Mackenzie, em São Paulo, retornou à terra natal, onde se envolveu nas revoluções da época, tendo participado de inúmeros combates e episódios. Realiza várias obras de engenharia e depois, contratado pela Companhia Territorial Sul Brasil, transfere-se para o oeste catarinense, residindo na região e tendo praticamente fundado Maravilha, “cidade que viria a ser o amor telúrico do poeta em terra catarinense.”

À margem de sua atividade como engenheiro, o Dr. Leal Filho produzia uma obra poética sob o pseudônimo de **Juca Ruivo**, cantando as coisas da terra e da gente campeira, que logo o sagraria como grande vate nativista. “Os poemas de Ruivo são um marco da poesia campeira - escreveu José Alberto Barbosa, seu consciencioso biógrafo. - O gênero poético do Ruivo é o histórico-

tradicionalista, sendo pertencente sua poesia à escola modernista e, nesta, a um âmbito regionalista gauchesco crioulo, revelando elaboração primorosa, culta embora campeira, apresentando como fruto não apenas de muitas andanças, observações, vivências, como também de muitas leituras especializadas, de um muito debruçar sobre os livros dos mais profundos.”

Agora, porém, **Juca Ruivo** volta ao convívio de leitores e admiradores graças ao resgate de parte de sua obra e de sua movimentada biografia. Em edição da IOESC (Florianópolis - 2002), o Prof. José Isaac Pilati reeditou o livro “Tradição”, de autoria do poeta, enriquecendo-o com várias outras matérias que fazem dele um farto repositório de informações. Entre estas há uma minuciosa biografia, organizada pelo próprio Pilati, discurso acadêmico proferido pelo mesmo e uma rica biografia de autoria do escritor e poeta José Alberto Barbosa, meu colega de Ministério Público, grande amigo de **Juca Ruivo** e dedicado estudioso de sua vida e sua obra. São páginas escritas com extremo cuidado e repletas de sentimento de genuína amizade. Em seguida desfilam os poemas de “Tradição”, incluindo as últimas poesias. O volume contém um punhado de boas fotos e muitos dados a respeito desse andarilho que semeou poesia e cidades em nosso oeste.

Com essa oportuna publicação, um importante vulto de nossas letras e de nossa história contemporânea pode ser melhor conhecido pelo nosso povo, em especial pelos amantes da boa poesia. Vão daqui nossos aplausos à vigorosa dupla de Josés - o Alberto Barbosa e o Isaac Pilati. Trabalhos assim contribuem para que nos conheçamos melhor.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual = 6 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual = 6 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 80,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)
-) Exemplares avulsos: (10) edição bimestral

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 2002 (Tomo 43). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....
Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Caixa Postal: 425 - Fone: (47) 326-6990 - Cep.: 89015-010
Blumenau (SC) - E-mail: funcubl@terra.com.br



TOMO XLIII
Setembro/Outubro de 2002 - Nº 9/10

Apoio Cultural:

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora



